



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
solenidade de abertura da XIV Cúpula Judicial Ibero-Americana
Superior Tribunal de Justiça, 04 de março de 2008**

Ministra Ellen Gracie, presidente do Supremo Tribunal Federal,
Ministro Rafael de Barros Monteiro Filho, presidente do Superior Tribunal
de Justiça,

Ministro Tarso Genro, ministro da Justiça,

José Antônio Dias Toffoli, Advogado-Geral da União,

Senhores ministros do Supremo Tribunal Federal,

Senhores ministros do Superior Tribunal de Justiça,

Senhor Francisco José Hernando Santiago, presidente do Tribunal
Supremo e do Conselho-Geral do Poder Judiciário do Governo da Espanha e
Secretário-Geral da Cúpula Ibero-Americana, por meio do qual eu cumprimento
os senhores representantes dos países integrantes dessa Cúpula,

Senhores e senhores do corpo diplomático,

Senhor Antônio Fernando de Sousa, procurador-geral da República,

Senhor Enrique Iglesias, secretário-geral da Cúpula Ibero-Americana,

Parlamentares aqui presentes,

Senhor César Brito, presidente do Conselho Federal da Ordem dos
Advogados no Brasil,

Senhores presidentes dos tribunais regionais federais e estaduais,

Senhoras e senhores magistrados,

Meus amigos, minhas amigas e amigos da imprensa,

É muito gratificante participar da abertura da XIV Cúpula Judicial Ibero-
Americana, que reúne representantes de 23 nações de valores culturais
bastante semelhantes com o objetivo de estreitar laços e promover o



intercâmbio de práticas e políticas em busca de uma atividade jurisdicional célere, legítima e efetiva. Mas, antes de fortalecer a atividade jurisdicional em si mesma, este evento representa, na verdade, a celebração da própria democracia.

Muitos de nossos países passaram, em tempos não muito distantes, por períodos de aprisionamento indevido do Poder Judiciário. Cassação de ministros, aposentadorias compulsórias, ingerências na atividade judicante. Enfim, a prevalência do arbítrio sobre a Constituição.

Raymundo Faoro – para citar apenas um dos renomados mestres do Direito – afirmou: que “o banimento do arbítrio é a pedra angular de todo o processo constitucional”

A evolução do constitucionalismo moderno e contemporâneo – como os senhores e as senhoras sabem muito bem – pode ser vista, aliás, como o verdadeiro desenvolvimento de uma técnica de limitação de poder para proteger o povo – verdadeiro titular do poder constituinte – e consolidar um Estado Democrático de Direito que se pretende justo e igualitário. Por isso, um dos elementos vitais dos processos de redemocratização ibero-americanos não poderia ser outro senão a plena e contínua luta pela harmonia entre os poderes da República.

Neste momento, em que está em pauta o funcionamento do Judiciário nos regimes democráticos, é indispensável lembrar que sua independência não é privilégio ou mero favor concedido unilateralmente: trata-se de garantia fundamental contra o arbítrio de outros Poderes.

O exercício judicante livre e independente, essencialmente em países em desenvolvimento que passam pela consolidação efetiva de suas instituições democráticas, acarreta benefícios em ao menos dois eixos principais: politicamente, sua atividade cotidiana concretiza o desenho institucional do país e fortalece as bases de uma democracia efetiva; socialmente, seu ativo controle sobre as ações e omissões do poder público impelem e direcionam o



Estado ao cumprimento de seus principais objetivos – a erradicação da pobreza e a garantia dos direitos fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Por outro lado, é preciso ter claro que a separação de poderes não é estanque, nem configura um fim em si mesmo. É uma garantia e por isso se justifica como meio de controle do poder e de combate ao arbítrio. Nesse processo, é natural e salutar que haja diálogo e controvérsia entre as diversas esferas de controle do poder. Onde não há dissenso, não há democracia. Só governos democráticos permitem a divergência e com ela convivem; só governos democráticos constroem-se a partir dela.

Nesse contexto, é papel dos Poderes instituídos garantir a possibilidade de participação de todos, livremente, no debate institucional. Também cabe a cada um dos Poderes zelar publicamente por suas atribuições constitucionais, sob pena de omissão na defesa do Estado Democrático de Direito.

Se, por um lado, a ampla discussão desenvolve e consolida a democracia, de outro, a eventual ingerência de um Poder sobre o outro compromete a gestão e o atendimento do interesse público.

A independência do Poder Judiciário é base para a imparcialidade de seus julgamentos, idéia central em qualquer concepção de Justiça. Essa independência e a imparcialidade são essenciais para o controle, o monitoramento e para a garantia da impessoalidade da implementação das políticas públicas definidas pelos poderes democraticamente legitimados para tanto.

A garantia da inércia judicial e a observância do devido processo legal são pilares de uma ordem jurídica justa dentro do regime democrático. De outra forma, haveria novamente espaço para o abuso, justamente o mal que exige a construção de um sistema de relação harmônica entre os poderes.

É preciso reforçar, mais uma vez, que a harmonia entre os Poderes se justifica na medida em que favorece e promove o bem-estar daquele que é,



sempre foi e sempre será o seu titular: que é o povo.

Quanto mais sólidas forem as instituições democráticas, maior será a certeza de que as conquistas dos países ibero-americanos nos últimos vinte anos são irreversíveis.

Por isso, e com essas palavras, eu quero declarar abertos os trabalhos desta XIV Cúpula Judicial Ibero-Americana e desejar a todos os participantes que Deus coloque a mão na mente de vocês e que tirem daqui a melhor decisão, a melhor orientação, para que um dia a gente tenha uma cúpula não apenas Ibero-Americana, mas uma cúpula na América Latina que possa funcionar como tribunal das causas que, muitas vezes, nós políticos não sabemos resolver.

Boa sorte e muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da Embrapa Monitoramento por Satélite**

Campinas - SP, 04 de março de 2008

Meu caro companheiro, Reinhold Stephanes, ministro da Agricultura,
Pecuária e Abastecimento,

Meu caro Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,

Meu caro companheiro general de Exército, Jorge Armando Félix, chefe
do gabinete de Segurança Institucional,

Minha companheira Marisa,

Meu caro Miguel Jorge, ministro do Desenvolvimento, Indústria e
Comércio,

Meu caro Hélio Costa, ministro das Comunicações,

Deputados federais Carlos Zarattini, Milton Monti, Reinaldo Nogueira,

Meu caro Hélio, prefeito da cidade de Campinas,

Meu caro companheiro Silvio Crestana, presidente da Embrapa,

Meu caro professor Evaristo Eduardo de Miranda, chefe-geral da
Embrapa Monitoramento por Satélite,

Companheiros e companheiras pesquisadores da Embrapa aqui
presentes,

Prefeitos, secretários, e meu caro Belluzzo,

O problema é que, no avião, eu já diminuí o meu discurso em 16
páginas, e o Silvio acabou de anular o meu discurso, porque os números todos
que eu tenho aqui foram citados pelo companheiro Silvio. O momento que nós
estamos vivendo no Brasil permite que nós façamos, hoje, o que outros
presidentes não puderam fazer. Possivelmente, não fizeram não porque não
queriam fazer. Possivelmente, não fizeram porque as circunstâncias políticas e



econômicas não permitiam que determinados assuntos fossem prioridade nacional.

Obviamente que quando o presidente Sarney pensou, há 19 anos, com um decreto, criar este centro de monitoramento, certamente ele imaginava que o próximo presidente iria terminá-lo. Mas nós sabemos o quanto foi conturbado o próximo momento. Depois, quis Deus que fôssemos nós a dar as condições para que este centro pudesse ser concretizado.

O Brasil vive um momento que permite que todos nós possamos pensar um pouco mais no futuro, sem ficar discutindo as mesmas coisas que nós discutimos a vida inteira. O Belluzzo pode ser a testemunha viva aqui neste plenário, de quantos anos nós passamos neste País, em que o único tema era a questão econômica.

Durante décadas, as discussões se davam em função da inflação. Depois, durante décadas, a discussão se deu sobre a dívida externa. Durante décadas, a discussão se deu entre quem era desenvolvimentista e não-desenvolvimentista. E a gente não conseguia andar, a gente não conseguia fazer os avanços necessários. Por quê? Por uma razão muito simples. Todos nós já ouvimos alguém dizer: “em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão”. Nós, hoje, vivemos um momento em que a solidez da nossa política econômica, o crescimento da política de crédito e o crescimento do conjunto da economia brasileira fizeram com que nós tivéssemos tempo de discutir outras coisas.

De vez em quando, eu convido o Belluzzo para discutir algumas coisas, e nós não discutimos a dívida externa, não discutimos mais inflação. Isso é uma coisa que está superada em nossa discussão. Obviamente que sempre com cuidado, porque a gente também não pode achar que está tudo resolvido e que a partir de agora a gente pode fazer a farra do boi. E nem tampouco a gente pode achar que, por conta de uma eleição, a gente pode estragar e jogar fora o que nós conseguimos construir até agora com muito sacrifício.



Hoje eu posso rir, mas os economistas brasileiros sabem o que significou para o nosso País o ano de 2003. O ajuste fiscal que nós fizemos, de vez em quando eu penso que só um louco faria aquilo. E por que nós fizemos? Porque nós estabelecemos, como condição básica, trocar o capital político que tem o presidente no seu primeiro ano de mandato – que é muito forte para qualquer presidente – pelas mudanças que se faziam necessárias no País para que a gente pudesse colher, anos depois, o sacrifício inicial.

A verdade é que a estratégia deu certo. A verdade é que as coisas combinaram entre si. Alguns mais céticos ainda diziam: “está tudo bem porque o mundo inteiro está bem”. É verdade, o mundo inteiro está bem, isso é uma verdade. “Está certo porque tem muita sorte”. Também é verdade. Imaginem se o Palmeiras não tivesse sorte no domingo, com o Corinthians, de marcar aquele golzinho chorado.

O dado concreto é que até alguns, Silvio, torciam para que a crise americana de agora influenciasse numa decisão do Brasil. Não foram poucos os artigos que eu li, de pessoas dizendo: “agora eu quero ver, agora eu quero ver se o Brasil agüenta, agora eu quero ver se o Brasil está preparado”. Como se o Brasil estar bem fosse um problema apenas meu, como se só eu ganhasse ou perdesse com o Brasil. Não é o presidente quem ganha ou quem perde, quem ganha ou quem perde é a nação brasileira. Se as coisas derem certo, todo mundo ganha, se derem errado, todo mundo perde.

E por que essa mudança muito importante nos investimentos em ciência e tecnologia? Porque nós também estamos descobrindo que o Brasil já não é mais coadjuvante da história internacional. Eu me lembro, Reinhold, que voltando de Davos, em 2003, eu dizia ao ministro Celso Amorim: Celso, por que a gente não pode mudar a geografia comercial do mundo? Por que tudo tem que rodar em função do G-8? Por que em tudo nós temos que depender da União Européia e dos Estados Unidos? Por que a gente não faz uma inflexão – muito baseada na minha experiência do sindicato, aquele negócio de



que a união faz a força – vamos tentar juntar os iguais para poder conversar de forma mais igual com os chamados desiguais, que eram as grandes economias do mundo.

Nós criamos o G-20. Vocês estão lembrados de que quando nós fizemos a reunião de Cancún não faltou artigo, neste País, esculhambando com o G-20: “que tinha sido um fracasso, que o Brasil tinha errado, que em vez de ficar pensando em ir para a África e ir para a América Latina, a gente deveria ir para os Estados Unidos mais vezes ou ir para a União Européia”. O que aconteceu? O que aconteceu é que em apenas três anos... Ninguém hoje discute negócios, no mundo, sem levar em conta a existência do G-20, composto pela China, pela Índia, pelo Brasil, pela Argentina, pelo México, pela África do Sul e por tantos outros países que fazem parte de um Bloco. Menor, do ponto de vista do PIB, mas muito maior do ponto de vista da quantidade de gente representada no planeta Terra. As coisas aconteceram não foi por acaso, foi porque houve uma necessidade de sobrevivência.

Por que a crise americana não esbarra tão forte na gente? Porque a gente já não depende mais das exportações. O mercado interno, hoje, é o grande sustentáculo da economia brasileira. E também porque nós tivemos coragem de diversificar as nossas relações comerciais e não ficar dependendo apenas do dono do engenho. Fizemos parcerias com muitas bodegas pelo mundo afora, de gente que tem muita similaridade com o Brasil e que tinha interesse, tanto quanto o Brasil, de se fazer respeitar no mundo.

Aí, aumenta a nossa responsabilidade e a necessidade de fazer investimento em pesquisa e muita ciência e tecnologia neste País. Por quê? Porque o Brasil, na hora em que vira ator principal, na hora em que o Brasil vira o maior exportador de soja, maior exportador de carne, maior exportador de frango, maior exportador de suco de laranja, maior exportador de café, o Brasil deixa de ser aquele paisinho bonito de samba, de carnaval e de jogador de futebol, e passa a ser um país competitivo com aqueles que detinham o



domínio do mercado mundial. Aí começa a guerra comercial, porque nesse campo não tem amizade, nesse campo não tem parceria.

Um tempo desses, na Nova Zelândia, estavam fazendo propaganda de que o boi zebu não é boi e, portanto, não serve como carne. Vira e mexe, agora virou moda ir para um debate na Europa e alguém ficar dizendo que nós estamos desmatando a Amazônia, não tem nem noção do crescimento da produtividade brasileira nos últimos 15 anos. Vira e mexe, nós estamos vendo eles falarem do trabalho escravo no Brasil, sem lembrar que o desenvolvimento deles, à base do carvão, o trabalho era muito mais penoso do que o trabalho na cana-de-açúcar. E nós brasileiros temos que ter mais responsabilidade e mais maturidade, porque cada vez que nós abrimos a boca para dizer uma coisa, isso não tem repercussão apenas internamente, tem repercussão lá fora. Aí o Reinhold Stephanes e o Celso Amorim têm que sair correndo atrás para apagar os incêndios que muitas vezes nós causamos com declarações, como se nós fossemos um país pequeno, sem importância.

Daí porque o ministro Sérgio Rezende produziu, talvez, o único programa de ciência e tecnologia feito pelo Estado brasileiro. Eu me lembro do seu discurso, porque antigamente era o seguinte: cada ministro que entrava no governo, Belluzzo, produzia um projeto de ciência e tecnologia dele, que não estava combinado com nenhum outro ministro, não estava combinado com nenhuma instituição. Era dele, era a tese dele, era o sonho acadêmico dele. Como todo jornalista tem vontade de ter um jornal, todo ministro da Ciência e Tecnologia tinha vontade de ter o seu programa; o da Educação, o seu programa; o da Comunicação, o seu programa, sem pensar que esse programa só tem duração se for um programa do Estado, comprometido com a sociedade. Por quê? Porque aí, sim, esse programa sobrevive aos períodos eleitorais e sobrevive aos governantes.

Pois bem, nós conseguimos em Brasília, talvez, uma coisa *sui generis* nessa área: juntar uma gama extraordinária de pesquisadores e cientistas, e



por unanimidade – não teve votação, obviamente – as pessoas concordaram que era a primeira vez na história do Brasil que a gente tinha um programa de Estado na área de ciência e tecnologia. Na hora em que sair o Sérgio Rezende, na hora em que sair o Lula, na hora em que sair qualquer um, o programa está dado, porque não é um programa do governo, é um programa do Estado que envolveu o conjunto da sociedade na elaboração e na execução. Portanto, é um programa que eu creio que vai perpassar, não apenas o nosso governo, mas muitos outros governos, sem que haja mudança.

Mais ainda, as pessoas diziam: “o PAC da Ciência e Tecnologia, 41 bilhões em quatro anos é muita coisa”. Eu acho que são 41 bilhões que em poucos anos podem se transformar em uma devolução para a nação brasileira de, várias vezes, 41 bilhões de reais. Essa é a aposta no futuro, essa é a aposta no Brasil que quer se transformar numa grande potência na área da ciência, na área da tecnologia, não apenas na exportação de produtos primários, mas na exportação de conhecimento, da inteligência brasileira.

Não contente com isso, eu fiz um desafio para o nosso companheiro Silvio e para o Reinhold Stephanes. Eu tenho mais três anos de mandato e eu quero um PAC da Embrapa: o que precisa ser feito na Embrapa para que a gente possa fazer aquilo que ainda falta fazer na Embrapa. Esse PAC da Embrapa vai ser apresentado e consagrado em abril, quando a Embrapa completar 35 anos de existência. Nós vamos anunciar o PAC da Embrapa para comprometer, não apenas a direção da Embrapa, mas todo o conjunto do governo com um novo programa de investimento na Embrapa, que não é muito. Acho que o Silvio foi muito modesto na apresentação, eu achei pouco dinheiro. Eu achei pouco, eu imaginava que era mais. Mas de qualquer forma, como em dezembro a CPMF não foi aprovada, o que era pouco para mim ficou um pouco apertado. Mas de qualquer forma, pela arrecadação que nós tivemos no mês de janeiro e fevereiro, eu acho que a gente vai poder consagrar esse PAC da Embrapa.



Eu quero terminar, Evaristo, dizendo para você o seguinte: todo esse nosso conhecimento, nós precisamos fazer uma outra mudança de comportamento que somente o Brasil pode fazer. Obviamente que uma instituição de um país que tem o conhecimento que tem a Embrapa, com o grau de conhecimento que nós temos nós passamos a ser um país de ponta, um país que dominou tudo que é possível na área da agricultura tropical, com o clima tropical do Brasil, que outros países com o mesmo clima do Brasil não conseguiram dominar.

Então, nós agora precisamos tomar uma decisão: eu acho que nós precisamos socializar para os nossos parceiros da América do Sul, da América Latina e da África esse nosso conhecimento. Houve um tempo em que nações se transformaram em grandes nações porque detinham o conhecimento e ficavam com o conhecimento para si, sem levá-lo adiante. Eu não sei, como ser humano, qual é a graça que nós temos de ter o conhecimento em uma determinada área e saber que o nosso vizinho está passando fome por não ter aquele conhecimento, e a gente ficar guardando aquele conhecimento, à espera que esse vizinho possa pagar um preço que ele nunca vai poder pagar.

Eu digo isso porque, há um tempo desses, conversando com um país sobre o Conselho de Segurança da ONU, a pessoa dizia assim para mim: “olha, Presidente, eu penso que o Brasil tem direito de entrar no Conselho de Segurança.” Mas o Brasil vai entrar para quê? Para fazer o mesmo que fazem os atuais cinco membros do Conselho de Segurança? Ou o Brasil tem uma proposta nova? A proposta nova, que nós poderemos apresentar, é que o Brasil precisa propor aqui no continente um conselho de defesa sul-americano e que o Brasil esteja no Conselho de Segurança em nome desse conselho, em nome do continente. Senão, na verdade, nós seremos mais um, ou quem sabe mais dois, mas não muda a lógica. Nessa área do conhecimento... Eu estava vendo agora uma sessão de fotos de satélite. Obviamente que 99% do povo brasileiro não tem dimensão do que é o avanço das fotos de satélite, do que a



gente pode ter de informação. Possivelmente, só o Brasil, aqui na América do Sul, tem essa quantidade de informações, não apenas sobre o Brasil, mas sobre os outros países. Agora, nós temos que decidir se isso vai ficar para nós ou nós vamos chamar esses países e propor um acordo na área da ciência e tecnologia, em que a gente fale: vamos repartir isso aqui para que todo mundo tenha a chance de avançar e se desenvolver. Esse é um desafio que nós temos que ter em mente porque, senão, nós vamos ficar como as grandes potências do mundo, tendo uma gama de informações, tendo fotografias de cada país da América do Sul para nós, que não vamos plantar lá, que não...

Observação: Por problemas técnicos no áudio, houve falha na gravação deste trecho.

...eu acho que esse é um papel histórico que o Brasil pode cumprir. Esse é um papel novo na política internacional, de um país que quer utilizar os conhecimentos adquiridos pelos seus gênios, pelos seus especialistas, e passar isso adiante, para que o mundo possa se desenvolver de forma mais equânime. É por isso que nós montamos uma sede da Embrapa em Caracas e vamos inaugurar no mês que vem, e montamos uma em Gana para ajudar no desenvolvimento africano. Penso que nós precisamos montar mais centros de excelência nossos, seja da Embrapa, seja de Manguinhos, seja da Fiocruz, para que a gente possa repartir com os países mais pobres, de forma diferente da que os países ricos fizeram durante o século XX com os países pobres. Oito países do mundo economicamente fortes detiveram o conhecimento, controlaram o conhecimento durante um século, e isso não foi socializado com a necessidade que todos nós tínhamos para crescer.

Por isso, quando eu venho à inauguração deste Centro de Monitoramento por Satélite, eu que sou fissurado em fotografias e mapas... Você vai entrar na minha sala, Belluzzo, e vai ver o que vai ter de mapa lá. Mais uma vez quero dizer para vocês que é motivo de orgulho saber que nós chegamos a isso e poderemos chegar a muito mais, se o governo brasileiro



não enxergar os investimentos em pesquisa e em ciência como gasto, mas como investimento. É um investimento que, certamente, trará muito mais retorno ao nosso País.

Por isso, meu querido Silvio, meus parabéns. Reinhold, meus parabéns, Evaristo, parabéns. E, sobretudo, parabéns a todos aqueles que fazem parte da ciência, da tecnologia e da pesquisa no nosso País, e aos funcionários da Embrapa – faz tanto tempo que estão quietos, parece que os acordos estão tão bons, que eu nunca mais ouvi reclamação da Embrapa.

Um abraço e felicidades para todos vocês.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração do Centro de Nanotecnologia César Lattes**

Campinas – SP, 04 de março de 2008

Na verdade, eu estou quebrando o meu protocolo mesmo, porque eu tinha dito ao ministro Sérgio Rezende que o ato terminaria com a fala dele e com o descerramento da placa. Como o meu Ministro não falou do PAC, eu vou ser obrigado a falar. Quem estava no evento da Embrapa já ouviu, mas eu preciso falar, sabem por quê? Porque de vez em quando eu tenho a impressão de que no Brasil as pessoas têm uma certa ojeriza a notícias boas.

Tem um tipo de gente vai a um estádio de futebol só para mostrar os maus momentos, os bons momentos nunca aparecem para o grande público. E como eu acho que nós estamos pensando, fortemente, no Brasil de 2015, de 2020, 2030, eu penso que é importante dizer uma coisa que o Sérgio Rezende, por economizar nas palavras, não quis falar. É que o Brasil aprovou, no ano passado, o PAC da Ciência e Tecnologia e nós aprovamos, até 2010, investimentos de 41,5 bilhões de reais em ciência e tecnologia. Eu penso que – para não dizer “pela primeira vez” – há muito tempo o Brasil não via um programa de ciência e tecnologia tão arquitetado, trabalhado com centenas e centenas de cabeças, milhares de mãos. Vários ministros, vários cientistas e pesquisadores do Brasil inteiro construíram o arcabouço deste programa, e este programa está funcionando e com dinheiro. Acabou aquele tempo em que o ministro da Ciência e Tecnologia ficava – janeiro, março, junho, agosto e setembro – no meu gabinete chorando, atrás de recurso. O orçamento do Ministério pulou de 1 bilhão e 800 milhões para 4,5 bilhões de reais, e o PAC prevê esse investimento de 40 bilhões até 2010.

Eu acho que nunca houve na história do Ministério um momento em que a gente tivesse projetos, tivesse a decisão política de executá-los e tivesse



dinheiro junto. Agora eu vim inaugurar um centro da Embrapa que foi arquitetado e lançado em 1989, e nós só conseguimos inaugurá-lo praticamente 19 anos depois. Toda vez que o governo anuncia um programa e esse programa morre no papel, às vezes 20, 30 anos depois, isso acontece porque os governantes que entram, ou não estão comprometidos com aquele projeto e não sentem que o projeto é dele, ou a própria comunidade científica está dispersa em torno daquele projeto.

E por que isso acontecia? Porque normalmente os projetos eram de pessoas, não eram de instituições. Por exemplo: se eu tenho um ministro da Ciência e Tecnologia que não conversa com a comunidade científica, que não conversa com governadores, que não conversa com os outros ministros, e lá no gabinete dele, com meia dúzia de assessores, apresenta um programa de ciência e tecnologia, pode ser maravilhoso, mas quando ele deixar o Ministério, aquele programa vai embora junto com ele porque, como a comunidade não participou, ela não está compromissada; como os governadores não participaram, como as universidades não participaram do processo, ninguém tem compromisso com aquele projeto. Então, é um projeto que vive enquanto o ministro estiver lá. Se o ministro sai, embora ele não leve o projeto, o projeto sai de forma invisível atrás dele, desaparece e as coisas não acontecem.

Desta vez, nós fizemos um programa de ciência e tecnologia envolvendo, praticamente, todos os setores da sociedade que discutem ciência e tecnologia neste País. Portanto, quando eu deixar a Presidência e o nosso companheiro Sérgio Rezende deixar o Ministério, não sei se o outro presidente vai escolhê-lo para continuar como ministro, esse programa vai continuar, porque não é um programa do ministro ou do presidente, é um programa da comunidade científica brasileira, elaborado, arquitetado e com dinheiro no cofre para gastar até 2010. Essa é uma coisa, Rogério, que muda a cara dos investimentos em pesquisa neste País.

A segunda coisa que eu considero extremamente importante é o que vai



acontecer daqui para a frente. Eu estou vendo muitos jovens aqui e quero dizer uma coisa para vocês: a primeira escola técnica brasileira foi construída na cidade de Campos dos Goitacazes, no Rio de Janeiro, em 1909, pelo presidente Nilo Peçanha. De 1909 a 2003, meu caro Rogério, foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas profissionais. Em 93 anos, se construiu 140 escolas técnicas no Brasil. Nós, em oito anos, vamos construir 214 escolas técnicas profissionais espalhadas pelo território nacional, para interiorizar a formação técnica e profissional de milhões de jovens que, se a gente não der oportunidade, o crime organizado está de braços abertos para recebê-los e, certamente, as cadeias estarão de braços abertos para recebê-los. Não tem outra opção de a gente tirar esses jovens do caminho da violência, da criminalidade e do delito, se a gente não se transformar em verdadeiros vendedores de esperança e de oportunidade para essa parcela da juventude. Nós já inauguramos 47, este ano teremos mais 50 para inaugurar e quando chegar em 2010 nós teremos 214 escolas técnicas profissionais a mais no País.

Mas não é apenas isso. Se vocês analisarem o que está acontecendo no Brasil, isso só está acontecendo porque nós, juntos, construímos um modelo que deu paz e tranquilidade ao Brasil. Nós vamos inaugurar, até 2010, mais 10 universidades federais novas no Brasil e mais 48 extensões universitárias, espalhadas pelo território nacional. No dia 14 de abril, vamos inaugurar o primeiro pavilhão da Universidade Tecnológica do ABC, ao mesmo tempo, vamos lançar a pedra fundamental da extensão em São Bernardo do Campo, vamos lançar a pedra fundamental da Universidade de Osasco, compramos até um terreno das Forças Armadas brasileiras para fazer a Universidade. Já inauguramos a de Guarulhos, já inauguramos a de Santos, já inauguramos a de Diadema. E isso vai acontecer pelo Brasil inteiro, por uma única razão: o Brasil, embora seja o maior exportador do mundo de carne, de café, um dos grandes exportadores de soja, um dos grandes exportadores de grãos em



geral, exportador de minério de ferro, embora o Brasil já esteja exportando muitos produtos de valor agregado, nós achamos que o Brasil só entrará no mapa dos países seletamente desenvolvidos, se a gente tiver um forte investimento na educação, na ciência e na tecnologia.

Por isso, nós criamos o ProUni, de que vocês conhecem o sucesso. Trezentos e sessenta mil jovens já entraram na universidade, por conta disso. E agora, Sérgio, criamos o Reuni. O Reuni é um daqueles milagres de alguém que propõe uma coisa que aparece certo, na hora certa. O que nós estamos fazendo? Nós estamos aumentando em 20% a verba que nós repassamos para 54 universidades federais. Por conta disso, os conselhos das universidades aprovaram, e nós vamos aumentar, de uma média de 12 alunos por professor, para 18 alunos por professor. Isso vai permitir que a gente possa colocar, também até 2010, mais 400 mil jovens nas universidades federais brasileiras.

Ora, se houver essa combinação entre investimento e universidade; investimento em formação profissional e investimento em laboratórios de pesquisas, como estamos fazendo aqui, certamente o Brasil estará, dentro de 15 ou 20 anos, sendo um país de ponta nos investimentos e também na colheita dos resultados dos investimentos.

Eu queria dizer essas palavras aqui, porque muitas vezes eu cometo o pecado... Quando o companheiro Sérgio Rezende lançou o PAC no Congresso Nacional, eu nunca imaginei ver o presidente da SBPC fazer um discurso elogiando o governo e o Programa. Nunca imaginei, mas eu ouvi. Eu cometi o erro de não permitir que o Sérgio entrasse em cadeia nacional de rádio e televisão falando do Programa, porque era uma coisa que a comunidade científica precisaria conhecer mas, muito mais do que isso, a sociedade brasileira precisa conhecer, para que ela continue tendo auto-estima.

Quero agradecer à Maria Carolina, à Maria Lúcia e à Maria Tereza Lattes pela presença, e dizer que tudo que nós fizemos em investimentos na



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

área de ciência e pesquisa, e homenagearmos o César Lattes, estaremos fazendo pouco pelo que ele representa para a comunidade científica e para o Brasil.

Por isso, meus parabéns a vocês e muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração do Dia Internacional da Mulher**

Palácio do Planalto, 05 de março de 2008

Companheiro Arlindo Chinaglia, presidente da Câmara dos Deputados,
Senhoras embaixadoras,
Companheiros e companheiras ministros e ministras de estado, Dilma
Rousseff, da Casa Civil,
Nilcéa Freire, da Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres,
Arlete Sampaio, interina do Desenvolvimento Social e Combate à Fome,
Marta Suplicy, do Turismo,
Emília Fernandes, nossa companheira, ex-secretária de Política para as
Mulheres,
Companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Guilherme Cassel, ministro do Desenvolvimento Agrário,
Marcio Fortes de Almeida, das Cidades,
Companheiro Edson Santos, da Secretaria Especial de Política de
Promoção da Igualdade Racial,
Companheiro Rogério Sottili, Secretário Especial interino dos Direitos
Humanos,
Companheiras senadoras,
Companheiras deputadas e deputados aqui presentes,
Minha cara Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa
Econômica Federal,
Senhora Nilza Iraci, do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher, em
nome da qual cumprimento todos os integrantes do Conselho,
Meus queridos amigos e amigas jornalistas,



Companheiros e companheiras,

Primeiro, dois avisos importantes: o primeiro é que o Arlindo Chinaglia está meio chateado, porque caiu o quorum na Câmara dos Deputados. E ele, procurando saber qual a razão, veio parar neste salão. E descobriu que, no lançamento do II Plano de Políticas para as Mulheres, as mulheres ousaram, de foram redundante, deixar o plenário por duas horas para vir para cá conquistar... Desculpa, Arlindo, de outra vez, nós faremos lá dentro do Congresso Nacional. E uma notícia boa. Eu acabo de receber uma informação do meu assessor de política internacional, companheiro Marco Aurélio, que a OEA, muito rapidamente, tomou a decisão proposta pelo Brasil de criar uma comissão para investigação do incidente que aconteceu no território equatoriano, provocado pela Colômbia. Vamos ver se chegamos a uma solução boa nesses próximos dias.

Mas, companheiras, voltando ao nosso assunto aqui, eu queria que a Dilma fizesse o discurso nos meu lugar, porque já que nós somos minoria aqui, Arlindo, amplamente minoria. Na sociedade, a gente não vê porque é muita gente e a gente não olha, mas aqui neste plenário nós estamos realmente minoritários.

Em agosto do ano passado, tive a felicidade de participar da abertura da Segunda Conferência Nacional de Políticas para as Mulheres. E foi com muita alegria que pudemos constatar o crescimento do número de delegadas – e também do número de participantes das plenárias municipais e estaduais – entre a primeira Conferência, realizada em 2004, e a segunda, saltamos de um mil e 800 para duas mil e 700 delegadas e delegados presentes à Conferência. E de 120 mil para 200 mil participantes diretamente envolvidas na construção de consensos durante as plenárias municipais e estaduais, que levaram à revisão do Primeiro e à elaboração do Segundo Plano Nacional de Políticas para as Mulheres.



Entre a primeira e a segunda Conferência, o Brasil obteve avanços significativos na promoção dos direitos das mulheres, no enfrentamento da violência e da discriminação. E a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres desempenhou papel fundamental como instrumento efetivo de redução das desigualdades, alinhando convênios e parcerias com ministérios e órgãos federais e obtendo a adesão de 20 governos estaduais e de mais de 200 prefeituras às ações propostas. E os resultados das ações implementadas entre os anos de 2005 e 2007 foram surgindo, como consequência natural de um trabalho sério e dedicado.

Poderíamos dizer: muito já foi dito aqui, mas preciso destacar algumas coisas que deveria a Nilcéa dar o meu discurso e destacar. Acho que uma das conquistas mais simbólicas que nós tivemos foi a promulgação, aprovação e promulgação da Lei Maria da Penha. Quem participou da campanha de 2006, viu quantas vezes eu fiz discursos sobre a questão da Lei Maria da Penha. Às vezes, eu ficava receoso de que os homens que estavam ali não iriam querer voltar mais, porque... mas a reação das mulheres era uma coisa excepcional. Havia efetivamente a compreensão de que as mulheres tinham conquistado uma coisa extraordinária, porque nós sabemos que no submundo da violência nem toda ela é avisada, é descrita e é denunciada. Tem muita gente no Brasil que ainda apanha em silêncio. E nós não podemos concordar com isso.

Um outro dado importante: mais de 500 mil trabalhadoras rurais com documentação civil. Acesso ao crédito para mais de 1 milhão e meio de trabalhadoras rurais, totalizando R\$ 4 bilhões e 200 milhões de reais. Pacto Nacional pelo Enfrentamento à Violência contra as Mulheres, com orçamento de R\$ 1 bilhão de reais para o período 2008-2011.

É que eu queria falar um negócio, porque a nossa companheira falou do orçamento. Eu queria fazer uma sugestão. Todo ano, nós mandamos uma peça orçamentária para o Congresso Nacional, que é de forma meticulosa discutida pelo Congresso Nacional. Eu vi que nós já temos aqui mais de 50



deputadas e senadoras. E também os homens devem participar, Nilcéa, que é preciso fazer um punhado de propostas dentro do Programa e pedir para que as deputadas e os deputados, da quantidade de emendas que eles têm que fazer para construir alguma coisa no seu município, dediquem uma pequena parcela dela para a Secretaria Especial das Mulheres, que nós vamos ter o orçamento muito maior. Você poderia ter 50 milhões a mais, 100 milhões a mais, porque é uma coisa extremamente importante isso. Agora, é preciso que tenha a emenda, o projeto bem concretizado, para poder convencer alguém de que aquilo é importante. Eu penso que como nós estamos numa luta que não interessa apenas à conquista local de uma benfeitoria, mas o que a gente fizer na política para as mulheres sempre terá uma dimensão nacional. Então, é uma sugestão para trabalhar isso nos próximos tempos. Porque a Nilcéa sabe que eu tenho um coração mole, Paulo Bernardo tem um coração duro. É assim mesmo com quem está com a responsabilidade de cuidar do dinheiro. Mesmo dentro da casa da gente, eu sou muito mais mole do que a Marisa. A molecada pede cinco pila, a Marisa faz cinco minutos de discurso para eles para não dar cinco pila, tentando oferecer dois reais e cinqüenta centavos. Eu é que sou mão aberta.

Então, eu sempre acho que as pessoas têm direito àquilo que pedem, mas nem sempre o cofre aceita a possibilidade de ter aquele dinheiro. E, sobretudo, em um ano em que nós deixamos de ter 40 bilhões do Orçamento, que nós vamos ter que trabalhar para ver como recompor, sobretudo o plano da saúde, que o Temporão fica com essa cara de anjo, aqui, quase chorando. Mas, algumas coisas nós vamos fazer, independentemente de ter sido aprovado ou não, é uma questão de honra. E nós vamos começar com uma política de família, os médicos de família nas escolas para cuidar das crianças brasileiras. A questão dos anticoncepcionais, a questão da vasectomia, nós vamos fazer, porque nós entendemos que está dentro da nossa política de planejamento familiar. Pode ser um pouco mais lento, mas vai ser uma coisa



que nós vamos levar avante, só para deixar você feliz, Temporão.

Também, nós fizemos o Plano Nacional de Enfrentamento ao Tráfico de Pessoas; o Plano Integrado de Enfrentamento à Feminização do HIV/Aids e outras Doenças Sexualmente Transmissíveis; a Política Nacional de Planejamento, que nós anunciamos em São Paulo; a Central de Atendimento à Mulher – Ligue 180, que já teve mais de 200 mil atendimentos no ano passado; os Programas Mulher e Ciência e Gênero e Diversidade na Escola; o programa Pró-Eqüidade de Gênero, tudo isso, nós já colocamos em prática e vai andando na medida em que vai havendo a evolução da sociedade e a compreensão do que isso significa.

O que eu acho importante é que vocês conseguiram produzir nas propostas que foram feitas uma dimensão maior do que tradicionalmente a gente fazia no Brasil, que era você elaborar programas que atendiam muito mais as pessoas que já estavam no movimento, as pessoas mais politizadas, as pessoas já engajadas. E, às vezes, a gente não falava com os milhões e milhões de mulheres que, muitas vezes, não compreendiam sequer o que a gente falava. Vocês conseguiram traduzir, no primeiro e no segundo plano, um conjunto de propostas com uma linguagem capaz de ser assimilável tanto por uma ex-reitora da Universidade Federal como por uma empregada doméstica ou uma trabalhadora rural, em qualquer lugar do Brasil. Esse é um avanço extraordinário e é isso que explica o crescimento rápido da participação das mulheres na vida política do País.

O compromisso deste governo com a promoção da igualdade de gênero foi ratificado logo no primeiro dia do nosso primeiro mandato, quando publicamos a Medida Provisória nº 103, criando a Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Mas a criação de um órgão – mesmo diretamente ligado à Presidência da República – não resolve o problema se o conjunto do Governo não estiver consciente e disposto a somar esforços na execução das ações e se a sociedade não se mobilizar em defesa das políticas públicas do



seu interesse. Foi justamente esse intenso processo de participação, coordenado pela ministra Nilcéa, que levou ao Primeiro Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Aqui, uma explicação importante: obviamente que quem já foi prefeito, aqui tem gente que já foi prefeito, tem gente que já foi governador de estado, tem gente que já foi ministro em outros governos. Normalmente, nós padecemos de um erro quando estamos no governo, onde as políticas públicas são das pessoas. Entra uma pessoa no ministério, então ela faz a política do Turismo. Quando ela sai, leva a política com ela, porque o outro vai fazer outra política de Turismo. Entra o ministro da Saúde, ele faz a política da saúde dele. Quando ele sai, leva embora. O outro que entra tem que fazer outra política da Saúde. E assim em todos os setores.

Qual a diferença que nós introduzimos há algum tempo, mas aperfeiçoamos agora com o PAC? Nós tínhamos criado anteriormente uma coisa chamada transversalidade, que era colocar todos os ministros envolvidos numa determinada ação de governo, para que todos eles fossem co-participantes da elaboração e da execução, todos assumissem o compromisso. Por quê? Se nós em um programa, no II Plano de Política para as Mulheres, a gente não envolver os ministérios, o que acontece? A Nilcéa apresenta um bom programa, maravilhoso. O Presidente concorda. Mas, depois, chega ao Ministério da Saúde, não é nem o Ministro que não quer, o secretário executivo fala: isso não está na nossa prioridade. Não é isso? E aí a coisa não anda. Agora, não. Na hora em que você elabora... É por isso que nós colocamos aqui 1 bilhão de reais, para que a gente possa fazer com que cada ministério cumpra com a sua fatia e esse conjunto de ministérios dá a totalidade da política que nós conseguimos elaborar. Se não, não funciona. E o PAC permitiu que nós aperfeiçoássemos isso. Graças ao PAC, a gente aprendeu a aperfeiçoar isso.

Então, nós temos o Territórios da Cidadania, que envolve 19 ministérios. Nós temos a política ambiental, que envolve 13 ou 15 ministérios. Nós temos o



PAC da Saúde, que envolve vários ministérios. Nós temos a política de educação que envolve vários ministérios. Todos sabendo que cada um tem que dar uma parcela do seu orçamento para que aquela política que era feita no seu ministério seja feita diretamente no ministério afim. E isso tem possibilitado à gente concretizar as políticas com mais precisão.

E é precisamente o enorme respaldo obtido na II Conferência que, com certeza, levará ao sucesso também do II Plano Nacional de Políticas para as Mulheres. Este novo Plano representa uma extraordinária união de esforços do Governo Federal para fazer avançar as políticas para as mulheres. Como disse a nossa companheira Nilcéa, são 394 ações distribuídas em 11 áreas estratégicas – entre as quais seis novas – definidas na II Conferência Nacional. São elas: participação das mulheres nos espaços de poder e decisão – espero que não com muita pressa, vocês vão devagar, porque senão vocês vão criar um outro segmento da sociedade chorando, reclamando; desenvolvimento sustentável no meio rural, na cidade e na floresta, com garantia de justiça ambiental, soberania e segurança alimentar; direito à terra, moradia digna e infra-estrutura social nos meios rural e urbano, considerando as comunidades tradicionais; cultura, comunicação e mídia igualitárias, democráticas e não discriminatórias; enfrentamento do racismo, sexismo e lesbofobia; enfrentamento das desigualdades geracionais que atingem as mulheres, em especial atenção às jovens e idosas.

Também aumentou de 11 ministérios e secretarias especiais para 19 os órgãos do governo federal que participam do Comitê de Monitoramento e Acompanhamento do Plano Nacional de Políticas para as Mulheres, além da representação dos governos estaduais e municipais e da representação do Conselho Nacional dos Direitos da Mulher. Posso dizer que esse aumento é proporcional ao crescimento de nossas ambições. Já fizemos muito, mas queremos fazer muito mais e melhor por todas as mulheres que vivem no Brasil.



Aqui há um dado importante: nos números aqui, tem só 20 governadores que já pactuaram com a Secretaria da Mulher e, me parece, que 200 prefeitos. É importante, prestem atenção, nós temos quase 6 mil prefeituras no Brasil e apenas 200 prefeituras pactuaram. Agora, vai ter a Marcha dos Prefeitos. Então, da mesma forma que os prefeitos vêm para cá com a pauta de reivindicação, é importante que as deputadas adentrem à Marcha dos Prefeitos pedindo uma reivindicação para eles fazerem os acordos com as mulheres.

Bem, quais são os objetivos que nós queremos atingir, que é uma coisa importante? Por exemplo, nós queremos trabalhar com a possibilidade de ampliação da participação das mulheres no Pronaf para 35%. Nós queremos trabalhar para aumentar em 30% o número de trabalhadoras domésticas com carteira assinada. Aí, vocês percebem que não é um problema de lei. Vocês percebem que é um problema nosso contra as empregadas domésticas. É um problema mais delicado. É um problema de um amplo segmento da sociedade brasileira – setores médios, setores médios altos, setores médios ricos e rico, rico – que tem empregada doméstica e que não registra em carteira, que não faz as coisas direito. A lei já existe, o que nós precisamos agora é um trabalho forte de convencer essas pessoas de que é mais saudável para a sua relação com a sua empregada e para o País se ele cumprir com todos os requisitos que precisa cumprir, como se estivesse contratando uma funcionária de verdade e não um quebra galho. Esse é um dado que é muito mais de cabeça do que de lei. Portanto, muito trabalho e muita conscientização.

Reservar pelo menos 30% das vagas nas frentes de trabalho do PAC de infra-estrutura e saneamento básico para mulheres. Essa é uma novidade, companheira Dilma e companheira Nilcéa, que pode ser trabalhada. As obras do PAC todas estão agora ou em contratação, ou em licitação. Então, é muito importante que a gente consiga duas coisas. Primeiro, que as empresas que estão contratando, contratem os trabalhadores do local, da cidade. É uma coisa importante. E que, dentre essas contratações, que se contrate o maior número



de mulheres possível. Porque acabou-se o tempo... Esses dias eu fui a uma fábrica aí e fiquei assustado porque eu vi um monte de meninas de 17, 18 anos aprendendo a ser soldadora. No tempo em que eu era dirigente sindical, soldador era trabalho de homem e insalubre. Portanto, nem pensar na mulher pegar em uma máscara para poder soldar.

Obviamente que eu fui a Pernambuco outro dia e vi lá as mulheres aprendendo a colocar tijolo, vi as mulheres aprendendo a colocar azulejo, a levantar as casas daquela favela de Casa... Não é de Casa Amarela, eu não sei de onde é, na primeira visita que nós fizemos a Recife depois das eleições de 2002. Então, é muito importante que a gente conscientize os empresários também para que eles contratem lá e que os governos estaduais e municipais contribuam para que a gente possa ajudar na formação e na qualificação profissional daquelas pessoas.

Outro dia, o governo do Rio de Janeiro abriu uma inscrição para que as pessoas das favelas Rocinha, Complexo do Alemão e Manguinhos se inscrevessem. Parece que foram 14 mil pessoas, mas aí apareceu um repórter lá, porque tinha uma fila, e o repórter foi indignado perguntar para a mulher: Mas a senhora não está bronqueada porque está nesta fila há muito tempo? A mulher falou: Meu filho, eu estou desempregada há tanto tempo, agora que tem uma fila para arrumar emprego você vem dizer para eu falar mal da fila?

Bem, formar 120.000 profissionais de educação nas temáticas de gênero, raça, etnia e sexualidade, ampliar em 10% a frequência de mulheres negras no ensino superior, reduzir em 15% a razão de mortalidade materna, tornar os métodos anticoncepcionais disponíveis em 100% dos serviços de saúde, expandir e melhorar as condições de atendimento no Ligue 180, ou seja, se nós atendemos 200.000 em 2007, é preciso que a gente trabalhe cada vez mais para que a gente possa ter, não um número fixo, mas que todas as pessoas que se sintam prejudicadas e agredidas possam ter a confiança de ligar para o 180 e serem atendidas.



Incentivar a criação de organismos de políticas para as mulheres nos municípios com mais de 100.000 habitantes, era preciso criar em todos porque, às vezes, o problema não está no município de 100, está no município de 10, de 15, de 5. Acho que era importante a gente tentar... quem sabe seja peça do seu discurso ou do meu discurso na Marcha dos Prefeitos ou do discurso do Arlindo, ou quem sabe, vocês peçam lá um direito à bancada junto com a Secretaria, procurem a Frente Nacional de Prefeitos e falam: Nós queremos ter um espaço na Frente Nacional de Prefeitos, junto com as prefeitas, que também são muitas, que estarão lá para que a gente possa reivindicar uma nova ação dos prefeitos no combate à violência contra as mulheres e no cumprimento do II Plano.

Quero lembrar aqui um dos 10 principais objetivos do governo estabelecido no Plano Plurianual 2008-2011, que é o de fortalecer a democracia com igualdade de gênero, raça e etnia, e a cidadania com transparência, diálogo social e garantias dos direitos humanos. Essa é a tarefa que nos cabe. Tenho certeza de que vamos cumpri-la integralmente, com a participação cada vez maior dos governos estaduais e municipais e de toda a sociedade.

Eu penso que todo mundo aqui, todo mundo aqui, Marta Suplicy - que já nos anos 80, aparecia como grande defensora dos direitos das mulheres em um programa chamado TV Mulher, na Rede Globo de Televisão - até a mais antiga militante, todo mundo sabe que nós já avançamos bastante, mas todo mundo sabe que ainda tem uma Muralha da China a percorrer para que a gente crie um mundo efetivamente justo, socialmente partilhado e socialmente igualitário entre os direitos do homem e da mulher. Nós já conseguimos na Constituição. A Constituição não tem problema, ela está aí. Quem lê a Constituição brasileira em qualquer lugar do mundo vai falar: este país é o país mais extraordinário do planeta. Agora, entre a Constituição e a prática tem uma diferença de séculos, que é o resultado da tradição, da subordinação a que a mulher foi submetida



durante séculos e séculos como cidadã de segunda classe.

Esse tempo acabou e agora nós precisamos consagrar o que nós conquistamos durante esses anos. Por isso que o Dia Internacional das Mulheres, dia 8 de março, que nós estamos comemorando antecipadamente aqui, que vai ter o discurso da nossa companheira Nilcéa, seja coroado de novas conquistas para as mulheres do Brasil e do mundo.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de ordem de início das obras do PAC na comunidade da Rocinha

Rio de Janeiro – RJ, 07 de março de 2008

Companheiros e companheiras do Rio de Janeiro,
Companheiro Sérgio Cabral,

Eu penso que nós estamos terminando o dia de hoje visitando as comunidades do Rio de Janeiro e marcando, certamente, o motivo pelo qual nós tanto brigamos para que você fosse governador do estado e para que eu fosse presidente da República. Hoje é um dia glorioso. Glorioso para o Rio de Janeiro e glorioso para o Brasil. O que está acontecendo no Rio de Janeiro está acontecendo em todas as capitais do Brasil, porque o PAC significa 40 bilhões de reais, só para obras de saneamento básico. Quarenta bilhões que vão atender Rio de Janeiro, São Paulo, Vitória, Recife, Salvador, Fortaleza e Aracaju. Todas as capitais do Brasil são atendidas pelo PAC e, por isso, nós estamos investindo 40 bilhões de reais.

Eu quero que vocês atentem para algumas pessoas que, depois que a gente virar as costas e for embora, vão cuidar do PAC. Aqui no Rio de Janeiro o responsável é o companheiro Pezão. Levanta aí, Pezão. Outra vez, o Pezão. Pelo governo federal é a ministra Dilma Rousseff. A Dilma Rousseff é a responsável por toda a organização do PAC, pela determinação das prioridades das obras do PAC e pelo controle nacional do PAC. Portanto, ela e o Pezão – ela em todo o Brasil e o Pezão aqui no Rio de Janeiro – têm o compromisso legal, moral e político conosco, com o Sérgio e comigo, de fazer acontecer o que nós assinamos agora. O que assinamos agora não é um protocolo de intenções, é a ordem de serviço para que na segunda-feira já comecem as obras aqui na Rocinha, no Complexo do Alemão e em



Manguinhos. Além da companheira Dilma e do Pezão, tem o ministro Márcio, que tem a responsabilidade, como ministro das Cidades, de muitas obras aqui. E tem a Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal, que é a responsável pelo financiamento do dinheiro que nós estaremos investindo aqui. É importante a gente mostrar as pessoas, para depois a gente saber de quem cobrar.

Nós estamos aqui neste palanque, e na próxima vez que eu vier aqui a gente não vai poder estar aqui neste palanque, porque aqui vai ser o hospital da Rocinha, será aqui, exatamente neste lugar. E por que tem que ter um hospital aqui? Porque nós sabemos que aqui nesta região tem muita gente que fica doente e é difícil ir para o hospital Miguel Couto, sobretudo pessoas que, por conta das ruas estreitas, da umidade e da falta de ventilação, têm facilidade de pegar tuberculose. Nós precisamos fazer uma intervenção abrupta, para que a gente possa evitar que essas pessoas continuem pegando tuberculose.

Mais importante do que isso é que vocês viram no mapa, viram naquele telão, não sei se todo mundo viu, porque de dia dá para ver mal e também porque está apenas num canto. Na outra vez, Pezão, nós temos que colocar telão dos dois lados, para as pessoas poderem ver. Os investimentos aqui, companheiros, são da ordem de 180 milhões de reais, que começam a ser empenhados a partir de segunda-feira, e não pensem que é uma obra daquelas, como dizem: “igreja católica nunca termina”. Na verdade, essa é uma obra que eu quero, antes de deixar a Presidência da República, em 2010, vir aqui inaugurar todas as obras do PAC, junto com o companheiro Sérgio Cabral.

Agora vejam, não basta a gente fazer as obras. É preciso que a gente combine algumas coisas importantes. Primeiro, quem não tiver título da terra, Márcio, nós vamos ter que dar o título de propriedade para que as pessoas tenham mais segurança para melhorar as suas casas. Porque tem gente que está há muito tempo e como não tem o título, não faz uma melhoria porque tem medo que um dia apareça alguém dizendo que é dono da terra e queira tomar



a casa das pessoas.

Isso, aqui, Sérgio, a Rocinha, antigamente era chamada fazenda Quebra Cangalha. Da fazenda Quebra Cangalha, surgiram os pequenos roceiros, e agora surgiu uma comunidade extraordinária, de gente importante para o Rio de Janeiro. Eu sei que aqui tem muito nordestino. Aqui, Sérgio, a casa número 01 da estrada da Gávea foi transformada pelo ministro Gilberto Gil, em 2003, em centro cultural. Não sei se está funcionando bem. Eu vou repetir aqui: a casa número 01 da estrada da Gávea. Olhem, essas coisas é que são importantes. Quando a gente cria um negócio desses, ou a gente coloca a comunidade para tomar conta, ou daqui a pouco as coisas ficam abandonadas e isso justifica o discurso de alguns políticos que dizem que não adianta fazer as coisas porque as pessoas não cuidam. Como se os pobres deste País fossem responsáveis pela desgraça do próprio País.

O que é importante a gente lembrar? O PAC é um investimento para o crescimento, mas é um investimento para a educação, é um investimento para a saúde, é um investimento para a área de lazer. Sobretudo para a gente pegar essas crianças e dar a elas um local decente para elas praticarem esporte, para elas brincarem, para elas estudarem. Senão, nós estaremos permitindo que as crianças sem oportunidade caiam para o outro lado, que é o que nós não queremos, que é o lado da criminalidade, da violência.

É por isso, companheiros e companheiras, que eu quero dizer ao companheiro Sérgio Cabral: isso aqui só está acontecendo também, Sérgio, pelo seu grau de companheirismo e pelo seu jeito de ser. Se você fosse um governador daqueles que só pensam em si mesmo, que não quisesse fazer parceria com o governo federal e que ficasse fazendo críticas, certamente eu e você não estaríamos aqui juntos. Estamos aqui porque assumimos um compromisso na campanha, no segundo turno. Eu falei para o Sérgio: Sérgio, nós dois vamos fazer a mais importante parceria entre o Rio de Janeiro e o governo federal, porque o Rio de Janeiro precisa sair das páginas dos jornais



apenas pela criminalidade. O Rio de Janeiro tem muita coisa boa para aparecer nos jornais mas, de vez em quando, o que aparece não é o trabalho da comunidade, não são as mães de família que se sacrificam para educar os seus filhos. Muitas vezes, o que acontece é apenas nas páginas policiais e eu quero que o Rio de Janeiro comece a aparecer nas primeiras páginas de jornais pelas coisas boas que o Rio de Janeiro tem, e não pelas coisas ruins.

Aqui, Sérgio, tem algumas coisas importantes. Aqui tem algumas coisas que são importantes que o governador e o presidente da República saibam. Primeiro, aqui na Rocinha tem um problema de ventilação. As casas são tão apertadas, os corredores são tão estreitos, que muitas vezes não bate sol e nem o vento consegue passar. Se você passar aqui de dia, você vai ver muitas casas com a luz acesa porque não tem claridade do sol. Isso, junto com a umidade, traz o quê? Tuberculose. Vamos pegar alguns casos aqui, Sérgio, para você ver. Vou pegar um caso aqui Sérgio, vamos pegar o caso da família da dona Marlene. Foram quatro pessoas com tuberculose na família dela, fora os 12 netos que fizeram tratamento, porque o resultado dos exames mostrou que eles iam desenvolver a doença, mais cedo ou mais tarde.

Na família da dona Ademásia, tiveram tuberculose: ela, a mãe, a irmã e o neto. A mãe da agente de Saúde, não sei se está aqui, a Ritinha, morreu de tuberculose, e a própria Ritinha teve tuberculose duas vezes. Conseguiu se curar e hoje anda para baixo e para cima cuidando da prevenção, do tratamento das pessoas. É por isso gente, que no nosso projeto a gente vai alargar as ruas, como vocês viram no filme que nós mostramos, para permitir que as pessoas possam transitar com muito mais facilidade.

Vocês viram a figura do plano inclinado. Tem uma história, Sérgio, principalmente o povo da Macega, é isso? Lá tem idoso, tem deficiente físico, que quase nunca conseguiu chegar até aqui embaixo. Se um doente precisa de tratamento urgente, ele vai depender da solidariedade dos vizinhos, que vão carregá-lo no colo, até a parte baixa, para ele depois dar um jeito de chegar ao



Hospital Miguel Couto. É por isso que vamos construir também o centro pré-hospitalar de que eu falei aqui. A verdade é que o povo daqui não esmorece nem perde a esperança. É como a dona Eliomar, que mora lá no topo do morro e todo dia tem que subir e descer escada e trilha de chão para trabalhar e levar o filho para a escola. A dona Eliomar teve trombose há três anos e o médico disse que ela devia ficar em casa, com as pernas para cima, por causa da doença. Mas ela não pode se dar a esse luxo, porque ela tem que trabalhar. E para piorar, ela sobe e desce levando o caçulinha no colo porque não tem creche e não tem com quem deixar a criança. É por isso que a dona Eliomar agora vive sonhando com o dia em que o plano inclinado, mostrado pelo vídeo, começa a funcionar, porque ela vai ter muito mais tranquilidade.

Outras mães, por falta de alternativa, são obrigadas a deixar os filhos sozinhos em casa, porque precisam sair para trabalhar e não têm um vizinho com quem deixar as crianças. E, aí, a gente passa e vê criança de seis anos tomando conta de criança de dois anos. E, muitas vezes, um cachorrinho na porta, tomando conta das duas crianças.

É por isso, Sérgio, que nós, você e eu, mais os companheiros da Rocinha – porque a comunidade tem que participar ativamente – precisamos fazer disso aqui uma profissão de fé. Nós precisamos acreditar que acabou aquele tempo em que as favelas do Rio de Janeiro serviam de tema e de motivo para os sambas do Noel Rosa, do Ataulfo Alves, do Cartola e de tantas pessoas que escreveram músicas sobre as favelas. Hoje, as favelas são motivo de noticiário de jornais: é bala perdida aqui, é gente que morreu ali. Ou seja, quem morar fora do Rio de Janeiro e ver televisão, e ver o que sai na imprensa, tem medo de vir ao Rio de Janeiro.

Muitas vezes, eu estou no exterior, Sérgio, e tem televisão brasileira que transmite para o exterior, você liga a televisão e vê tanta barbaridade, que se alguém estiver arrumando a mala para vir para o Rio fala: “Eu vou ficar aqui, porque no Rio está muito perigoso”.



Eu acho que deve ter um pouco de violência no Rio, como tem em São Paulo, como tem em Belo Horizonte, como tem em Recife, como tem em Salvador, como tem em qualquer lugar deste País. Deve ter. E por que tem violência, normalmente envolvendo jovens de 17 anos, 14 anos ou 15 anos? É importante que a gente diga: essa meninada que está caindo na violência é filha de um Brasil que durante 26 anos não cresceu a economia, não gerou emprego, não investiu na educação, não investiu em oportunidades. Essa meninada é filha do descaso das autoridades.

Lógico que eu estou falando isso e não quero proteger nenhum bandido, porque se a pessoa já é bandida, nós temos que cuidar dela. Agora, é preciso que a gente faça uma diferenciação: para cada bandido, você tem 10 mil honestos, 15 mil honestos, 20 mil chefes de família trabalhadores. O que não pode é a polícia não ser educada para que ela comece a entrar na favela respeitando as pessoas, não pode entrar batendo em todo mundo, senão nós partimos do pressuposto de que todo mundo é bandido até prova em contrário quando, na verdade, todo mundo é inocente até prova em contrário.

Amanhã, junto com o Governador, o Ministro da Justiça vai estar assinando um acordo. Nós vamos dar bolsa de estudos para os policiais se formarem melhor, para que os policiais tratem... Porque os policiais também são seres humanos. Se eles não estiverem preparados, eles poderão ser mais violentos, eles também têm medo. Então, o que nós queremos é prepará-los, formá-los, e a gente um dia vai ter polícia comunitária, não precisa vir ninguém de fora, nós mesmos aprenderemos a cuidar de nós mesmos. Nós mesmos aprenderemos... Isso é que nem um pé de fruta que tem uma fruta podre: a gente não corta a planta, a gente tira a fruta e fica cuidando das outras, que estão boas.

É preciso parar com essa maldita história de vender que no Rio de Janeiro só tem violência. Tem violência, mas não é tudo. Tem muita gente trabalhadora, tem muita criança que quer estudar, tem muito jovem que quer



trabalhar, tem muito pai de família que quer criar a sua família decentemente.

É por isso, gente, que eu estou aqui hoje para dizer para vocês o seguinte: no primeiro mandato, nós tivemos que arrumar a casa, foi um trabalho muito complicado. Arrumamos a casa. Hoje eu tenho o orgulho de ser o presidente da República deste País que, em 500 anos, tem mais dinheiro do que o que ele deve. Portanto, o Brasil é credor e não devedor.

Certamente, quando eu terminar o meu mandato, eu serei o presidente que mais fez universidade federal no País. E serei o presidente que mais fez escolas técnicas no País. E Deus queira que depois de mim venha um presidente com muito mais vontade do que eu, com muito mais compromisso do que eu e que faça muito mais do que eu, para que a gente possa, um dia, acordar neste País e perceber que o povo pobre não é mais tão pobre, que o povo sofrido não é mais tão sofrido, que as nossas crianças terão a mesma oportunidade de estudar em boas escolas, de ter acesso a cultura e lazer, de poder praticar esporte como toda criança deveria praticar. Não é possível que uns possam brincar num belo campo de golfe que tem aqui do lado, onde eu parei com o helicóptero, e outros sejam obrigados a brincar numa rua com esgoto a céu aberto. Não é possível! Todo mundo sabe.

Eu queria pedir às empresas que ganharam isso: eu sei que vocês são empresas que já fizeram obras extraordinárias no Brasil, mas agora vocês estão tratando com uma coisa especial, que é o povo mais pobre deste País, é o povo mais perseguido. É perseguido porque é pobre, é perseguido porque é preto, é perseguido porque mora no morro, é perseguido por mil coisas. Então, além das máquinas de vocês, eu queria pedir: coloquem o coração de vocês porque, certamente, é uma obra que quando terminar, vocês terão muito mais orgulho de terem sido os empresários que construíram as obras da Rocinha.

Quero dizer a vocês – o Pezão já falou – grande parte dos trabalhadores serão daqui, não é, Pezão? E 40% dos que se inscreveram são mulheres. O que nos queremos é que vocês, companheiros, montem um comitê, aqui na



Rocinha, de controle das obras. Se vocês perceberem que a obra não está andando, liguem para o Pezão. O Pezão liga para a Dilma, a Dilma liga para mim, eu ligo para o Sérgio Cabral e a gente volta aqui para ver por que a obra não está andando.

Aquele companheiro que está gritando ali, ele gritava: “Lula, assina, assina”. Eu não posso assinar porque é um acordo entre o governo do estado, os empresários e o Ministério das Cidades, é um contrato, não é um acordo, por isso que eu não posso assinar. Mas posso te garantir o seguinte: o dinheiro já está em caixa para a obra acontecer.

Por último, companheiras e companheiros, eu quero dizer para vocês que além do Complexo do Alemão, além de Manguinhos e além da Rocinha, há três meses viemos em Pavão-Pavãozinho dar início à obra. Essa obra que está acontecendo aqui, se vocês forem à Baixada Fluminense, vocês vão perceber que cada prefeito está tendo dinheiro, para fazer as obras, que nunca tiveram na vida. Eu e o Sérgio não queremos saber se o prefeito é do PFL, se é do PMDB, se é do PT, se é do PSDB. Isso não nos interessa, nós não queremos saber se ele é flamenguista, vascaíno, fluminense ou do Botafogo, nós não queremos saber se ele é evangélico ou católico, nós queremos saber que o povo precisa e nós vamos atender as necessidades do povo do Rio de Janeiro, da Baixada Fluminense e do Brasil.

Muito obrigado, companheiros. Sérgio, muito obrigado por este dia maravilhoso. Mãos à obra, porque na segunda-feira começamos a trabalhar. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de ordem de início das obras do PAC na comunidade de Manguinhos

Rio de Janeiro – RJ, 07 de março de 2008

Primeiro, quero cumprimentar o meu querido companheiro governador do estado do Rio de Janeiro, o nosso querido companheiro Sérgio Cabral que, graças ao seu jeito de ser, graças ao seu jeito de enxergar o governo e o estado do Rio de Janeiro, permitiu que nós pudéssemos construir a mais importante parceria já feita entre o governo federal e o governo estadual. Se o governador não tiver interesse, se o governador estiver disputando com o governo federal, se o governador for alguém que não coloque o povo em primeiro lugar, essas coisas não estariam acontecendo, porque para o presidente da República trabalhar bem num estado é preciso que haja harmonia entre o estado e o governo federal. Por isso, Serginho, parabéns por tudo que você tem contribuído para o Rio de Janeiro.

Também quero cumprimentar a companheira do Sérgio Cabral, Adriana Ancelmo,

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Dilma Rousseff, ministra da Casa Civil,

Quero cumprimentar o ministro Tarso Genro,

Quero cumprimentar o ministro da Saúde, José Gomes Temporão,

O Ministro das Cidades, que falou com vocês,

O companheiro Franklin Martins, da Secretaria de Comunicação Social,

O Edson Santos, da Promoção da Igualdade Racial,

Minha companheira Marisa, que está aqui do meu lado,

Meu companheiro Luiz Fernando de Souza, companheiro Pezão, que falou aqui com vocês,



O nosso querido irmão, companheiro senador Marcelo Crivella,
Os nossos companheiros deputados federais,
As companheiras secretárias e senhores secretários do estado do Rio de Janeiro,

O Wilson Carlos Cordeiro da Silva Carvalho, secretário de Governo,

O Regis Velasco Fichtner, da Casa Civil,

Noel de Carvalho Neto, da Haitação,

Eduardo Costa Paes, de Turismo, Esporte e Lazer,

Benedita da Silva, de Assistência Social e Direitos Humanos,

Alcebíades Sabino dos Santos, do Trabalho e Renda,

A nossa companheira Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal, que é uma mulher muito importante na questão das habitações aqui em Manguinhos,

Quero cumprimentar os companheiros e companheiras líderes representantes das comunidades do Complexo de Manguinhos:

Leonardo Januário da Silva, de Manguinhos,

Cândida Maria Privado, da Cooperativa Central dos Produtores de Leite,

Celso de Freitas, da Vila União,

Cida Alves Pereira, da Vila São Pedro,

Cláudio Inácio de Lima (inaudível), de Samora Machel

Ednildo Cândido da Silva, de Nova Mandela,

Erivaldo Silveira de Lira, da Vila Turismo,

José Raimundo da Silva Teixeira, da Agrícola de Higienópolis,

Marcelo Gomes de Alencar, de Oswaldo Cruz,

Márcio Barbosa de Lima, da Vitória de Manguinhos,

Márcio Luiz Cesário de Oliveira, do Conjunto Habitacional Provisório II,

Marcos Martins de Castro, do Fórum Social de Manguinhos,

Patrícia Evangelista da Silva, do Fórum Social de Manguinhos,

Paulo Raimundo Barbosa de Oliveira, de Varginha,



Rogério Lima da Silva, de João Goulart,
Valério dos Santos Cruz, da Mandela de Pedra,
Minhas queridas e meus amigos moradores do Complexo de
Manguinhos,
Companheiros da imprensa,
Meus amigos e minhas amigas,

Primeiro, eu quero pedir desculpas a vocês em nome do Governador, dos ministros e dos secretários porque eu sei que não está fácil tomar este sol na cara que vocês estão tomando há muito tempo. Eu quero dizer para vocês que aqui não é mais confortável do que aí, porque o calor deste plástico aqui... daqui a pouco, se botar um ovo na minha cabeça, ele frita inteirinho. Mas eu quero ter uma conversa mais amiga e mais companheira com vocês. Eu vou ver se não faço discurso.

Eu quero, primeiro, que vocês compreendam o que está sendo feito aqui. O governo federal, o governo estadual, eu não sei se a prefeitura também, um pouco... Então, o governo federal, o governo estadual e a prefeitura estão investindo aqui 358 milhões de reais. Trezentos e cinquenta e oito milhões de reais que nós estamos investindo aqui para atender o quê? Nós vamos atender, na verdade, numa área de 490 mil metros quadrados, 11 mil e 800 famílias. Nós vamos fazer sistema de abastecimento de água, vamos substituir a adutora que tem hoje, vamos fazer um quilômetro e meio de adutora, vamos fazer 12 mil e 230 metros de rede de distribuição de água, sistema de esgotamento sanitário com 12 quilômetros, sistema de drenagem pluvial, sistema de iluminação pública. Cerca de mil e 800 moradias serão construídas, 775 serão adquiridas e outras 350 reformuladas. Um viaduto com dois quilômetros de extensão, o viaduto e a elevação, nós vamos elevar a linha de ferro – onde hoje é chamada Faixa de Gaza – e embaixo vamos fazer um pequeno centro de lazer e área comercial para o povo vender as suas coisas e



desenvolver a região. Nós vamos fazer parque metropolitano com ciclovia, teatro, comércio popular, quiosque de alimentação, área de lazer e cultura, com ciclovias de cinco quilômetros de extensão. Nós vamos fazer anfiteatro e lazer infanto-juvenil; comércio popular com 47 quiosques para alimentação e 50 boxes para comércio e serviços; centro esportivo com campo de grama sintética, uma quadra poliesportiva coberta e outra descoberta, piscina, duas pistas de *skate* e vestiários. Vamos fazer mais: dois centros comunitários, centro de serviços com posto policial, correios, sala para programas sociais e também com banheiros públicos; centro sociocultural; centro de referência para a juventude, para jovens de 15 a 24 anos, com projetos e cursos de capacitação para o mercado de trabalho, atividades culturais e esportivas, pré-vestibular, informática e auditório; duas escolas de ensino médio, sendo uma de referência; escolas técnicas profissionalizantes; ambulatório médico especializado. Estas são algumas coisas que vão acontecer aqui na região de Manguinhos.

E por que nós estamos fazendo isso? Quando, em dezembro de 2006, a gente pensou em fazer o PAC, eu pedi para a ministra Dilma conversar com os companheiros do Rio de Janeiro, porque eu estava cansado de ver na televisão ou ler nos jornais que todo dia tinha uma notícia do Complexo do Alemão, todo dia tinha uma notícia de Manguinhos, todo dia tinha uma notícia da Rocinha, mas nenhuma notícia boa. Só para você saber, Governador, o nosso querido Leonardo, aqui, tem uma bala perdida na perna dele. Pois bem, eu estava cansado dessas notícias e eu sei que para a gente mudar isso é preciso que a gente ofereça, em nome do Estado brasileiro, esperança para milhões de jovens neste País. Se o Estado não estiver presente com educação, com escola, com lazer, com cultura, com emprego e com melhorias das condições de vida, o jovem não tem outra saída. Se não tem a prefeitura, não tem o estado, não tem a União, não tem educação, não tem saúde, não tem perspectiva de vida, o que ele vai pegar? A primeira coisa que se apresentar



próxima dele, e aí pode ser coisa ruim, pode ser coisa desagradável, que leva o jovem a morrer antes de virar adulto.

Então, era preciso que tivesse uma intervenção muito pesada do governo, mas não uma intervenção com a polícia, não uma intervenção para fazer guerra, além das guerras que as pessoas já têm. Uma intervenção para a gente cuidar de garantir às pessoas de bem, às mulheres e às crianças deste Complexo viverem uma vida digna, não serem achacadas por traficantes, não serem molestadas, e que seus filhos possam ter a opção de estudar e trabalhar decentemente, ajudar a construir a sua família, casar, construir família. É isso que nós queremos para todos nós, mas se a gente permite que as pessoas morem apinhadas em barracos de dois ou três metros quadrados, em que no mesmo quarto dormem, no mesmo quarto cozinham e no mesmo quarto fazem as suas necessidades fisiológicas, as pessoas vão deixando de ser racionais e vão virando pessoas irracionais, porque não têm nunca uma mão estendida, a figura do município nunca está presente, a figura do estado nunca está presente e a figura do governo federal nunca está presente.

Quantas vezes já vieram os presidentes da República às favelas do Rio de Janeiro? Quantas vezes? O único momento em que pobres e favelados são tratados como cidadãos de primeira classe é no dia da eleição, em que dão mais importância para os pobres do que para os ricos. Certamente, vocês nunca viram um candidato a presidente, a governador, a prefeito, a vereador, a deputado e a senador, falar mal de pobre. Falam mal de banqueiros, falam mal de ricos, mas depois que ganham quem é que vai jantar com eles? Essa é a chave do problema: é de que lado que a gente está e para quem a gente quer governar de forma prioritária. O Sérgio tem obrigação de governar para todos no Rio de Janeiro, para ricos e para pobres. Eu tenho obrigação de governar para ricos e para pobres, mas eu tenho que saber que o meu lado é fazer com que os pobres ganhem cidadania neste País, melhorem de vida, tenham acesso às coisas.



Por isso, nós discutimos e pegamos as quatro coisas mais importantes: Complexo do Alemão, Manguinhos, Rocinha, Pavão-Pavãozinho. É quase 1 bilhão de reais nesses quatro lugares. Não é para fazer uma ruazinha na véspera de eleição, porque o Governador não tem eleição este ano. Eu não posso mais concorrer porque termina o meu mandato. É porque eu acho que nós precisamos resgatar a decência e a dignidade. Quando eu vejo mulheres com roupa de trabalho, que já fizeram curso por conta das obras do PAC, essas mulheres serão muito mais respeitadas pelos seus próprios companheiros porque irão levar para casa uma parte daquilo que vai alimentar os seus filhos, dinheiro ganho às custas do suor e do sangue dessas pessoas, é isso que nós queremos.

É preciso acabar com essa história de vender a imagem de que todo mundo é bandido, de que tudo não presta, é preciso acabar com essa história. Em um pé de laranja, quando tem uma podre a gente não corta o pé, a gente arranca a podre. Se tem bandido, eles têm que pagar o preço, mas não podemos levar violência para os homens e mulheres honestos deste País, que ficam amedrontados. É por isso que, amanhã, o Governador e o Ministro da Justiça vão assinar um programa. Nós estamos dando bolsa para os policiais do Rio de Janeiro se formarem, se prepararem melhor. Quando eles vierem para cá e virem um de vocês na rua, que eles não vejam em primeiro lugar um bandido, que em primeiro lugar eles vejam um carioca, um brasileiro, um homem ou uma mulher que quer o bem, quer trabalhar, quer estudar, quer educar seus filhos, quer ter acesso ao lazer e quer viver condignamente. É este País que nós estamos iniciando agora, é nesse País que a gente quer mudar as histórias de algumas pessoas, como o senhor Roberval. Ele diz que pior do que o barulho do trem, é o barulho do tiroteio. São balas de fuzil passando para lá e para cá. Na hora do tiroteio, o jeito é se jogar no chão com a mulher e os quatro filhos pequenos e rezar, rezar bastante para que uma bala não chegue lá. Isso não é vida digna e nós precisamos mudar essa situação.



Como também não é justo que os filhos da dona Roseane tenham que dormir na cozinha do barraco, porque o esgoto corre pelo quarto das crianças e escorre pela rua da comunidade Nova Mandela atraindo ratos, baratas e mosquitos. Como também não é justo que cinco dos filhos dela e mais o marido tenham contraído dengue no final do ano passado, sendo que o Isac, que só tem 11 anos, quase morreu. O senhor Roberval, a dona Roseana e os companheiros todos que estão aqui sabem, os moradores da comunidade sabem que cada brasileiro e cada brasileira tem o direito a uma vida digna – isso está na Constituição – longe da fome, da dengue, da leptospirose, da hepatite e da violência.

Companheiros e companheiras,

Este é um momento histórico para o Complexo de Manguinhos. Eu quero dizer para vocês que além de tudo que já aconteceu aqui, tem pessoas que eu quero que vocês olhem bem na cara delas. O Pezão, pode vir aqui na frente, a Dilma Rousseff, o Márcio – não estou nem chamando o Governador e eu – e a Maria Fernanda, porque a Maria Fernanda é a mulher da Caixa, é ela quem vai cuidar das habitações aqui, com financiamento. Pois bem, o Márcio é ministro das Cidades. Agora, este homem aqui, que é vice-governador, e esta mulher aqui, que é a ministra-chefe da Casa Civil, serão os chefes para olhar a cada dia, a cada semana, a cada mês, as obras do PAC. E quero dizer aos nossos amigos empresários: vocês não estão apenas fazendo uma obra como outra qualquer para ganhar dinheiro, também vão ganhar dinheiro. Eu quero dizer para vocês, para cada empresário que assinou o contrato aqui, que além do prazer de vocês ganharem o dinheiro a que vocês têm direito, vocês têm que colocar no coração que, mais do que obra, vocês estão devolvendo o prazer à vida e o direito à cidadania a homens e mulheres da periferia do Rio de Janeiro, que merecem e que brigaram por isso a vida inteira.

Companheiros e companheiras,

Eu estou aqui com o companheiro Cristiano. Ele hoje saiu na primeira



página do Extra, a mãe dele é a Bianca. Ela mora numa casa num lugar de risco, em cima da adutora. Ela vai ter que sair de lá, obviamente, não pode ficar lá. O Cristiano aparece na foto tomando banho num vazamento de água. O sonho do Cristiano é ter uma piscina para nadar. A gente não vai dar uma piscina para o Cristiano, a gente vai dar piscina para o povo de Manguinhos. Lá, o Cristiano e os outros irmãozinhos dele do Complexo vão poder ter professor de natação, professor de educação física e vão ter condições de ter um futuro melhor do que aquele que nós tivemos no passado.

Eu quero dizer para as crianç as e para os adolescentes que estão aqui: Voc es nunca podem perder a esperanç a, não tem nenhuma razão para um jovem, por estar desempregado ou por ter brigado com a mãe ou com o pai, trabalhar para a bandidagem, não tem. Eu sou filho de uma mulher que nasceu e morreu analfabeta, eu sou filho de uma mulher que morou em lugar que dava enchente de 1,5m dentro de casa. Acordava   meia-noite com rato, com barata, com fezes dentro do quarto. Era obrigado a me levantar e levantar os poucos móveis que tinha, não tinha nem geladeira e nem televisão. Morei em uma rua em que nos dias de chuva a gente não conseguia ir trabalhar, de tanto barro. Era obrigado a colocar uma galocha, chegar no asfalto, tirar a galocha, colocar no bolso e levar para trabalhar. Eu sei o que   a vida de voc es. Mas em nenhum momento da minha vida, por conta do respeito que eu tinha   minha mãe... quando eu era moleque, eu conto sempre, Sérgio, eu saía da escola, numa rua chamada Silva Bueno, eu tinha uma vontade de comer uma maçã, que era uma coisa de louco – e naquele tempo só tinha maçã argentina, eram umas maçãs grandes – muitas vezes, eu passava com vontade de pegar uma e sair correndo. Eu nunca peguei, porque eu tinha vergonha de envergonhar a minha mãe.

Agora, eu queria pedir para a juventude aqui: não há nenhuma razão para desespero, mesmo em uma situação adversa. Olhem o tempo que voc es têm de vida, 15 anos, 16 anos, 17 anos, 14 anos, voc es estão com a vida toda



por construir. Se um nordestino como eu, que só tenho o diploma primário e um curso do Senai, chegou à Presidência da República, por que vocês não podem chegar?

A paz será construída a partir da atitude de cada um de nós. Não é o outro que tem que ser pacífico, somos nós. Por isso, eu quero parabenizar os companheiros das comunidades, porque vocês são verdadeiros heróis. Se dependesse das notícias dos jornais, a gente não tinha nem que se levantar, passaria o dia inteiro deitado aqui. Se dependesse de algumas manchetes, a gente não se levantaria, ficaria todo mundo deitado o tempo inteiro. Entretanto, eu sei que vocês estão demonstrando coragem, levantam-se não apenas para trabalhar mas, no mundo adverso, para organizar o povo de vocês. E muito mais importante é que este povo está aqui é a cara do povo brasileiro, meio preto, meio branco, meio índio, meio português. Não importa com que “meio” a gente seja, o que importa é que nós somos de corpo e alma brasileiros, seja negro, seja branco, e queremos construir uma Pátria livre e soberana, onde todos possam viver condignamente.

O meu compromisso e deste companheiro é acabar com isso aqui o mais rápido possível. A gente não vai vir aqui anunciar e esquecer, não. Eu dizia para o Sérgio: Se eu fosse você, todo mês passaria para visitar a obra. Se o Pezão não estiver cuidando direito, você puxa a orelha do Pezão. Me telefona, e eu puxo a orelha da Dilma. Se o Pezão e a Dilma não estiverem cuidando, eu puxo a orelha dos dois. Até esta obra ser inaugurada, eu quero vir aqui. Quero vir aqui com o maior carinho, para rever o Cristiano já nadando na piscina, para ver a Bianca morando numa casa decente e para ver vocês com este sorriso maravilhoso no rosto dizendo: apesar de tudo, vale a pena a gente sorrir, acreditando que o amanhã será melhor do que o ontem.

Um abraço e um beijo para todos vocês.

Deixem-me contar uma coisa para vocês. Eu sou, antes de tudo, um esportista. O companheiro aqui sabe que eu sou vascaíno, junto com o Sérgio.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Pois bem, mas a gente não pode deixar de ter orgulho do que o Flamengo representa para o Rio de Janeiro e para o País.

Um abraço e obrigado, querido.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita à exposição “Um Novo Mundo, Um Novo Império – A Corte Portuguesa no Brasil”

Rio de Janeiro-RJ, 07 de março de 2008

Excelentíssimo senhor Aníbal Cavaco Silva, presidente da República Portuguesa, e senhora Maria Cavaco Silva,

Minha companheira Marisa,

Meu caro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro e sua senhora Adriana Ancelmo,

Senhores embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,
Senhoras e senhores ministros de Estado,

Senhoras e senhores parlamentares federais,

Senhora Vera Tostes, diretora do Museu Histórico Nacional,

Senhor José dos Santos Barbosa, presidente da Casa da Moeda,

Senhor Carlos Henrique Custódio, presidente da Empresa Brasileira de Correios,

Senhoras e senhores integrantes da delegação portuguesa,

Meu caro Moura Neto, comandante da Marinha brasileira,

Meu caro Lima Neto, presidente do Banco do Brasil,

Meus amigos e minhas amigas,

Há exatos duzentos anos, um soberano europeu, pela primeira e única vez na história, transferia-se para a América. A pequena e pacata cidade colonial, que era então o Rio de Janeiro, recebia, de repente, a Família Real Portuguesa. Vieram junto a Corte e a alta administração do Reino, com seu tesouro, arquivos e bibliotecas.

Hoje, quero lembrar o sopro de energia e inovação que se espalhou pelo



Rio de Janeiro e por todo o Brasil com a chegada da Corte Joanina.

As muitas iniciativas que Dom João lançou, uma vez aqui, dão bem a noção dessa transformação definitiva e radical: a abertura dos portos, a criação da Imprensa Régia e a fundação de escolas de medicina na Bahia e no Rio de Janeiro.

Ampliaram-se e aperfeiçoaram-se instituições de ensino. Construíram-se estradas, fábricas e manufaturas. Com o Jardim Botânico, o País despertou para seus próprios tesouros naturais. O Brasil abria-se, ao mesmo tempo, para a cultura mundial.

Em 1815, o Brasil tornou-se Reino, iniciando a caminhada rumo à emancipação política. Consolidou sua maioria cívica, já que os brasileiros deixavam de ser colonos, passando a ter direitos iguais aos súditos portugueses.

Mas talvez o maior legado da transferência da Corte tenha sido a preservação da integridade territorial. A chegada de Dom João fez do Rio de Janeiro a efetiva capital do Brasil. De um conjunto de províncias desarticuladas, forjou-se um sentido de identidade e de destino comum.

Devemos, assim, à vinda da Corte o impulso decisivo para a consolidação dos contornos continentais da nação que nascia.

Talvez pelos encantos da cidade que ajudou tanto a embelezar, Dom João prolongou por mais de década sua permanência no Rio de Janeiro.

Ao promover mudanças e progressos que a Colônia jamais conhecera, ajudou a estabelecer os fundamentos de um novo Império.

Quando, em 1821, regressou a Portugal, deixou para trás um outro Brasil. E outro ainda seria a partir de setembro de 1822.

Os Bragança tiveram, assim, papel decisivo na afirmação da nacionalidade brasileira. Ajudaram não apenas a determinar o curso de seu movimento de independência, como também lançaram as bases do regime político dos primeiros sessenta e sete anos do Brasil como Nação Soberana.



Sob a inspiração da autoridade real e da unidade lingüística que Portugal legou, o Império realizou a grande obra da unificação territorial. Abriu caminho para a fundação de uma República, hoje, genuinamente livre e democrática.

A ação dos políticos do Império no manejo das questões de Estado e na proteção dos interesses permanentes do Brasil muito deve aos treze anos de Administração Joanina.

Duzentos anos depois da chegada de D. João VI, nós brasileiros ainda estamos redescobrimo a importância deste evento para entender o nosso País.

Minhas senhoras e meus senhores,

Como já recordava Fernando Pessoa, “minha pátria é a língua portuguesa”. Nós, brasileiros, compartilhamos esse rico patrimônio do idioma e nos associamos a esse forte sentimento de família, um laço indissolúvel que nos une a Portugal.

As profundas raízes que nutrem as relações entre Portugal e o Brasil não irrigam apenas a história dos dois países. Em anos recentes, portugueses e brasileiros continuam a reinventar uma parceria transatlântica de mais de cinco séculos.

Em anos recentes, muitos brasileiros retraçaram os passos de seus ancestrais portugueses e levaram para a Pátria-Mãe o mesmo espírito desbravador e empreendedor. São brasileiros contribuindo para o enriquecimento do país que os acolheu, à semelhança do que fizeram e fazem portugueses em meu País.

Portugal tem aumentado, em anos recentes, seus investimentos diretos no Brasil. A forte participação de empreendimentos lusos em áreas vitais da economia brasileira reflete a confiança da comunidade internacional no momento excepcional que vive o nosso País.

O Programa de Aceleração do Crescimento, que está em plena



execução, oferece uma radiografia das oportunidades abertas para investidores que queiram redescobrir o Brasil. A expansão de nossa balança comercial demonstra o potencial de negócios ainda por desbravar.

Ao mesmo tempo, empresas brasileiras vêm assumindo posições estratégicas na economia portuguesa, como parte de processo de internacionalização da economia brasileira.

Portugueses e brasileiros temos sabido aprofundar a cooperação bilateral nas mais diversas áreas. As afinidades culturais e educacionais entre os dois países multiplicam essas potencialidades.

São todos temas que teremos a oportunidade de abordar na próxima Cúpula Brasil-Portugal, que se realizará ainda este ano.

Senhores e senhoras,

A parceria entre Portugal e Brasil ganha novos contornos e profundidade num mundo marcado por crescente desigualdade e por ameaças globalizadas.

Acreditamos na eficácia do multilateralismo e lutamos por um mundo multipolar. Rejeitamos soluções impostas de forma unilateral. Acreditamos no diálogo e na cooperação.

Somos especialmente agradecidos pelo decidido apoio de Portugal em iniciativas de nosso mais alto interesse, como a realização da I Cúpula Brasil-União Européia, e nosso pleito pela reforma do Conselho de Segurança da ONU.

Nossa parceria na CPLP tem trazido bons frutos a uma comunidade de cerca de 250 milhões de habitantes, que faz de sua língua comum um poderoso instrumento de mobilização e conscientização.

Juntamente com os demais países-irmãos da África e de Timor, estamos comprometidos com o desenvolvimento econômico, a justiça social e o fortalecimento da democracia.

Neste início de século XXI, estamos determinados a revisitar a história que no passado fundiu povos, aproximou culturas e juntou oceanos. Assim



como o Padre Vieira, sonhamos com a fundação de um “quinto império”, assentado na solidariedade entre povos e na justiça universal.

Meu caro presidente Cavaco Silva, meu caro amigo,

A comemoração dos duzentos anos da chegada da Corte Portuguesa ao Rio de Janeiro nos faz recordar que a parceria entre Portugal e Brasil é uma aposta, que tem história, mas também futuro.

O Brasil moderno e pujante de hoje muito deve à visão e ao destemor dos filhos de Portugal. Homens e mulheres que ousaram atravessar um oceano para construir, ao longo de sucessivas gerações, uma ponte de amizade e trabalho que une tão fortemente Portugal e Brasil.

É com orgulho e confiança que renovo hoje o convite para continuarmos a alargar e fortalecer essa ponte transatlântica.

Meus parabéns, presidente Cavaco Silva, e muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, no almoço em sua homenagem oferecido pelo Presidente da República Portuguesa, Aníbal Cavaco Silva

Rio de Janeiro – RJ, 08 de março de 2008

No Brasil, eu costumo dizer que político, quando vê um microfone, fica tentado a fazer um discurso.

Ontem, eu dizia ao presidente Cavaco Silva que, no Brasil, quando nós abrimos a geladeira, já damos uma entrevista pensando que é uma televisão.

Mas, presidente Cavaco Silva e sua senhora Maria Cavaco Silva,

Minha querida companheira Marisa,

Membros da delegação de Portugal,

Membros da delegação brasileira,

Nosso companheiro Pezão, que acaba de assumir o governo do estado do Rio de Janeiro,

Quando nós íamos saindo do nosso encontro, há poucos minutos, um jornalista português me fazia uma pergunta. Ele dizia a mim: “Presidente, o senhor não acha que há muita retórica entre brasileiros e portugueses, quando falam da harmonia da relação entre Portugal e Brasil, e que as coisas não acontecem?” Eu diria para o jornalista: é importante analisar o que está acontecendo entre Portugal e Brasil nos últimos anos. É bem verdade que durante umas duas décadas a relação entre Portugal e Brasil diminuiu um pouco. A Europa estava em um processo de reconstrução, o Brasil estava a procura de outros parceiros, (trecho inaudível).

...não só porque Deus permitiu que nós, com mais de 8 mil quilômetros de distância, nesses 500 anos falássemos a mesma língua, e nada mudou nesses 400 anos. Não só porque temos compromissos com os países africanos de língua portuguesa, não só porque temos compromissos em manter a cultura



portuguesa no Timor Leste, não só porque juntos seremos mais fortes, na medida em que o Brasil pode ser a porta de entrada de Portugal e da União Européia na América do Sul, e Portugal pode ser a porta de entrada do Brasil na União Européia.

Certamente, Portugal poderia dizer: “Nós não precisamos do Brasil para entrar na América do Sul, afinal de contas tem muitos portugueses na América do Sul”. E o Brasil dizer: Nós não precisamos de Portugal para entrar na Europa, porque temos relações extraordinárias com tantos países. Mas eu penso que nós estamos descobrindo uma coisa nova. Se durante 400 anos e desde 1500, Portugal encontrou no Brasil um espaço extraordinário de construção de uma nação e de convivência, o Brasil, mais recentemente, descobriu Portugal.

Não são mais os portugueses que vêm ao Brasil construir suas padarias e produzir pães para que nós tomemos o nosso café da manhã. São os brasileiros que estão indo para Portugal, para ajudar no bom e grande desenvolvimento que Portugal experimentou com a criação da União Européia. Isso fez com que os empresários portugueses também descobrissem o Brasil, fez com que os empresários brasileiros também descobrissem Portugal e fez com que empresários brasileiros e portugueses compreendessem que juntos poderiam construir parcerias, criar grandes empresas e ter uma participação maior, tanto na Europa quanto na América Latina.

A vinda do presidente de Portugal ao Brasil, neste momento, para nós é gratificante porque é a consolidação de um novo momento político entre Portugal e Brasil. Portugal foi expoente na definição do acordo União Européia-Brasil, numa ação em relação estratégica. Foi em Lisboa que nós assinamos o acordo. As empresas brasileiras já não vêem mais Portugal como um país pequeno, porque sabem que Portugal é uma porta extraordinária para que lá possamos aportar as nossas indústrias, os nossos produtos e, de Portugal, se dirigirem para o conjunto da Europa.



Portugal descobriu que tem muitos lugares bonitos, mas são vôos da TAP que trazem milhares de portugueses, todos os dias, todas as semanas e todos os meses. Eu estou preocupado porque daqui a pouco os portugueses estarão vindo todos morar no Brasil e indo descansar em Portugal no final de semana, e vão ficar na praia do Brasil o tempo inteiro. Nós estamos no século XXI, reconstruindo de forma moderna aquilo que os portugueses sonharam quando descobriram o Brasil em 1500.

Eu quero, presidente Cavaco Silva, dizer a Vossa Excelência e à sua delegação que aqui no Brasil nós aprendemos a gostar dos portugueses e das portuguesas, e tenho certeza de que em Portugal o povo aprendeu a gostar dos brasileiros e das brasileiras.

Os nossos artistas transitam em Portugal com muita facilidade. Os artistas portugueses transitam no Brasil com muita facilidade. Se Brasil e Portugal, nessa relação estratégica com a União Européia, fizerem valer o potencial econômico dos dois países, nós poderemos, daqui a 10, 15 ou 20 anos ter uma balança comercial infinitamente maior do que a que nós temos hoje, ter mais investimentos portugueses no Brasil e mais investimentos brasileiros em Portugal. E quem sabe, a gente possa recuperar aquela relação mais humana, mais fraterna, que historicamente Portugal e Brasil construíram.

Houve um tempo em que a gente falava: tem um português no Brasil, ele é padeiro, é dono de uma padaria. Hoje, não é mais assim. Hoje você tem indústria do turismo, hoje você tem indústria de comunicação, hoje você tem indústria do petróleo, porque a indústria de petróleo de Portugal é uma das grandes parceiras da Petrobras. E como foi Portugal que trouxe (inaudível) para o Brasil, ajudou com que a empresa de petróleo portuguesa participasse da descoberta da camada pré-sal que o Brasil descobriu recentemente, sendo sócia da Petrobras no Campo de Tupi, que é um campo de extraordinária possibilidade de petróleo e de gás.

Eu quero, Presidente, que o senhor leve do Brasil a certeza absoluta de



que nós, brasileiros, não vemos Portugal como um país a 8 mil quilômetros de distância, de que nós gostamos dos portugueses porque temos razões históricas, temos razões de fraternidade, de solidariedade, para entender que os portugueses são nossos irmãos de verdade. Eu tenho certeza de que os brasileiros em Portugal podem significar uma evolução de orgulho, de uma relação de duas nações que não têm preconceito, que não têm medo dos seus povos transitarem livremente nos nossos países, e nós poderemos ser exemplo para a Europa porque, normalmente, alguém rico não gosta de receber visita de pobre. Isso na vida política e na vida pessoal.

Eu trabalho com a convicção, Presidente, de que o Brasil, nos próximos 10 ou 15 anos, será uma das grandes nações ricas do mundo. Nós temos todas as condições para isso. Jogamos dezenas de oportunidades fora, e eu digo todos os dias que Deus não dá duas chances ao mesmo tempo. Ele dá uma, se souber aproveitar, ele dá a segunda, se não souber aproveitar ele vai dar castigo. Nós queremos aproveitar esse momento histórico do Brasil, queremos nos transformar numa grande nação, queremos nos transformar numa nação rica, mas uma nação socialmente justa para reparar as injustiças cometidas durante séculos com o povo pobre deste País, que começou com os índios, depois passou pelos negros e depois passou por todos os brasileiros pobres. E na medida em que o Brasil se transforme numa nação economicamente mais poderosa, isso vai contribuir para que a parceria entre Portugal e Brasil seja ainda mais virtuosa, mais vigorosa e eu diria, mais importante para portugueses e para brasileiros.

Eu sei que a despedida é sempre um momento muito triste e muito desagradável, afinal de contas, não é todo dia que alguém pode estar no Rio de Janeiro que, com todos os problemas, continua sendo uma das cidades mais extraordinárias do mundo. A natureza – é por isso que eu creio que Deus morou aqui e está olhando muito para cá – não produziu em lugar nenhum do mundo uma cidade como o Rio de Janeiro. Não é possível, e eu não conheço



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

nem por fotografia. Lamentavelmente, o Presidente e a sua esposa não puderam tomar um banho na praia de Ipanema, no Leblon ou em Copacabana, por isso estão convidados para vir na próxima vez.

Eu quero aproveitar este almoço para dizer ao presidente Cavaco Silva que é com muito orgulho que eu estou lhe recebendo no Brasil. Eu acho que a relação Portugal e Brasil não é uma relação qualquer, é uma relação sedimentada em 508 anos de história. Isso não é pouca coisa na vida de uma nação.

Eu quero convidar todos a levantarem as suas taças para brindar ao presidente Cavaco Silva, à sua esposa e ao povo de Portugal.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao Real Gabinete Português de Leitura e entrega de Laurel de Gratidão

Rio de Janeiro – RJ, 08 de março de 2008

Excelentíssimo senhor Aníbal Antônio Cavaco Silva, presidente da República portuguesa, e sua senhora Maria Cavaco Silva,

Minha companheira Marisa Letícia Lula da Silva,

Nosso querido anfitrião, Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro, e sua senhora Adriana Ancelmo,

Senhor José Pinto Ribeiro, ministro da Cultura de Portugal,

Senhor Antônio Braga, secretário das comunidades portuguesas e demais integrantes da comitiva que acompanham o presidente Cavaco Silva,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, ministro interino das Relações Exteriores do Brasil,

Senhor Márcio Fortes de Almeida, ministro das Cidades,

Embaixador Francisco Manoel Seixas da Costa, embaixador da República portuguesa no Brasil,

Embaixador Celso Marcos Vieira de Souza, embaixador do Brasil na República portuguesa,

Senhor Antônio Gomes da Costa, presidente do Real Gabinete Português de Leitura,

Minhas queridas e meus queridos sócios e amigos do Real Gabinete,

Jornalistas aqui presentes,

Senhoras e senhores,

Receber o Laurel de Gratidão do Real Gabinete Português de Leitura é uma honra que não pode ser facilmente traduzida em palavras. Ainda mais, quando estamos nesta Casa dedicada à língua portuguesa.



Recebê-lo neste momento tão especial, em que celebramos o bicentenário da transferência da corte de D. João VI para o Brasil, é distinção ainda maior que só posso aceitar como tributo à irmandade entre os nossos povos.

A vinda de D. João VI em 1808 abriu caminho para a independência do Brasil, mas também lançou as bases para a profunda e duradoura amizade que hoje une a ex-colônia e sua antiga metrópole.

Independentes politicamente, Portugal e Brasil continuam irmãos em sua história e cultura comuns. É por isso que venho hoje, com grande prazer, ao Real Gabinete Português de Leitura, casa centenária, símbolo do patrimônio que compartilhamos.

Para nós, brasileiros, o passado luso é motivo de orgulho e encontra expressão nas mais diversas facetas da vida nacional. Nossas culturas entrelaçam-se com tamanha identidade, que nossos heróis e nossos poetas representam a alma de um único povo, ao mesmo tempo brasileiro e português.

Muitas de nossas cidades, como Belém e Santarém, em seus nomes evocam a saudade de um país que está na origem de nossa brasilidade. São Sebastião, o padroeiro desta cidade maravilhosa, homenageia um líder visionário que lançou Portugal no caminho da grandeza e o Brasil na contagem regressiva para a sua fundação.

Nos bancos escolares lemos Fernando Pessoa como se fosse nosso. No cinema, teatro e televisão, brasileiros filmam e interpretam Eça de Queiroz com tanto desembaraço, que nos sentimos co-proprietários de suas obras.

São centenas as agremiações fundadas no Brasil com o espírito de manter viva essa rica parceria: desde o time do nosso governador, Vasco da Gama, clube fundado pelos portugueses, até associações onde se mantém vivo o folclore regional, como é a Casa do Minho. Tampouco, podemos esquecer de grandes instituições beneméritas, como a Beneficência



Portuguesa. Essas entidades devem muito ao Real Gabinete Português de Leitura.

Nesta casa, em 1931, foi fundada a Federação das Associações Luso-Brasileiras que, desde então, mantém acesa a chama da integração espiritual entre nossas duas nações.

No campo da cultura, nenhuma instituição fez mais para preservar os laços que nos unem do que o Real Gabinete. Desde 1837, apenas 15 anos depois da independência do Brasil, esta Casa juntou uma coleção que hoje soma 400 mil livros, inteiramente informatizados. É com muito mais carinho que o Brasil preserva esta, que é a maior biblioteca de autores portugueses fora de Portugal.

Quero agradecer, senhor Presidente, ao governo português, pela zelosa colaboração para atualização e enriquecimento permanente deste acervo de conhecimento e erudição. Graças à generosidade portuguesa, a biblioteca recebe um exemplar de cada obra publicada em Portugal, uma deferência que beneficia apenas o Real Gabinete, dentre as instituições fora do território português.

É meu desejo que essa relação privilegiada entre Portugal e Brasil possa estender-se aos demais países luso(inaudível). Estou convencido de que por meio da CPLP podemos multiplicar experiências de cooperação tão sólidas e bem-sucedidas quanto a do Real Gabinete Português de Leitura.

Meu caro amigo presidente Cavaco Silva,

Uma vez que estamos aqui nesta Casa da Cultura Portuguesa no Brasil, aproveito para evocar outro episódio memorável de nosso patrimônio comum. Neste ano também comemoramos o quarto centenário do padre Antônio Vieira, o mais brasileiro dos portugueses e o mais português dos brasileiros. Além de figurar entre os grandes nomes da literatura de nossos países, distinguiu-se como defensor dos direitos dos índios e dos negros. Ele é mais um vínculo entre o nosso passado e futuro comum, na busca por um mundo mais justo e



mais solidário.

Estou convencido de que as lições e valores recolhidos nas obras que cobrem essas paredes continuarão a iluminar próximas gerações nesta nossa caminhada.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de lançamento do Projeto Bolsa Formação para policiais**

Rio de Janeiro – RJ, 08 de março de 2008

Primeiro, quero cumprimentar o nosso companheiro Sérgio Cabral,
Tarso Genro, Márcio Fortes,

O nosso querido companheiro Pezão, vice-governador do estado do Rio
de Janeiro,

A Maria Fernanda, presidente da Caixa Econômica Federal,

O companheiro Ricardo Balestreri, secretário nacional interino de
Segurança Pública,

Deputado federal Antonio Carlos Biscaia,

Deputado federal Jorge Bittar,

Secretários estaduais, todos aqui presentes,

Coronel Cezar Rubio Monteiro de Carvalho, de Administração
Penitenciária,

A nossa companheira Benedita da Silva,

Carlos Minc, na verdade, esses são secretários também,

Quero cumprimentar os policiais militares, Aline Fabiano de Carvalho e
Milton dos Santos, cabos do Corpo de Bombeiros,

Irene da Cunha Mota de Oliveira, da Polícia Civil e Leonardo Gil de
Souza, por meio de quem eu quero cumprimentar todos os companheiros aqui
presentes, e dizer que o meu discurso foi feito pelo Tarso Genro, porque eu
acho que à noite ele deve ter pego o meu discurso, lido, decorado, e falou aqui
exatamente o que está no meu programa sobre a formação dos profissionais.

Mas como eu tenho pouco tempo, eu quero dizer para vocês uma coisa:
o que vocês estão vendo na imprensa do Rio de Janeiro hoje, da ordem de
serviço das obras dos grandes complexos problemáticos do Rio de Janeiro –



Complexo do Alemão, Manguinhos e Rocinha – já tínhamos feito no Pavão-Pavãozinho e talvez seja a contribuição mais importante que o governo federal e o governo do Estado estejam dando à polícia do estado do Rio de Janeiro e à polícia do Brasil.

O que nós fizemos ontem aqui, está sendo feito nas 27 capitais brasileiras. São 40 bilhões de reais, de intervenção, com parcerias com governo de estados e prefeitos, para que a gente possa melhorar os lugares mais degradados das grandes metrópoles brasileiras. Se nós não fizermos isso, seria muito simplista a gente achar que cabe à polícia militar e à polícia civil a responsabilidade de cuidar de uma segurança que a política não cuida.

Meu caro governador e meu caro ministro Tarso Genro,

Se nós analisarmos o que aconteceu no Brasil nos últimos 30 anos, nós vamos chegar ao diagnóstico correto do por que nós temos tanta violência no Brasil. Eu digo sempre, Sérgio, que muito mais grave do que a situação econômica e possivelmente decorrente da situação econômica, é o processo de degradação da estrutura social, a partir do seio da família brasileira. Se você tem uma família desagregada, por uma situação econômica difícil, por programas de televisão que não trazem nada que seja instrutivo para as pessoas, se pai não respeita mãe, que não respeita filho, que filho não respeita pai, se as pessoas moram apinhadas em 3m², onde comem, defecam e dormem; se as pessoas repartem os metros quadrados da sua área individual com baratas, com ratos; se as pessoas não têm ruas sequer para passear, não têm área de lazer, não têm escola, não têm nem onde praticar um esporte, na verdade eu me pergunto: o que fez o Estado brasileiro nesses últimos 30 anos?

Eu posso ser muito duro, mas vou dizer o que estou sentindo. Na verdade, ao governante e à opinião pública, cabe todo santo dia o dever de cobrar da polícia a solução pelas barbáries que acontecem em cada vila deste País. Entretanto, não fica claro quem é o responsável pelo surgimento dessa barbárie.



Vamos ver o que aconteceu neste País nos últimos 30 anos. Desde 1980, a economia brasileira não cresce ou cresce muito pouco. Setores que empregavam muita gente, como o setor metalúrgico em que eu trabalhava, diminuiu em mais de 1 milhão o número de vagas ofertadas neste País, postos de trabalho fechados, setores como a construção civil passaram 26 anos decrescendo, e tantos outros setores. Quando a gente vê imagem das pessoas presas, o que a gente percebe? A grande maioria são jovens entre 17 e 24 anos. E a carreira de bandido está mais ou menos como a de jogador de futebol: aos 33 anos já tem que sair porque não tem fôlego para agüentar a “marimba”. São jovens, jovens, resultado de muitas coisas que aconteceram nos últimos 30 anos no País. E a gente está sempre perguntando: por que a polícia não faz aquilo, por que a polícia não cobra aquilo, por que a polícia não ataca lá? E nós nunca perguntamos: quem são os responsáveis por essa juventude estar tão desesperançada como está hoje? Quem cuidou da economia deste País? Quem cuidou da geração de empregos? Quem gerou esses milhões de desesperados morando em situações degradantes? Certamente que não fui eu e não foram vocês. Certamente, também não foi você, Sérgio, mas alguém fez.

O que nós estamos fazendo com o PAC é tentar fazer uma intervenção muito rápida, porque se há 40 ou 50 anos os prefeitos que passaram por essas cidades e os políticos tivessem mais responsabilidades, a gente não teria uma favela com 120 mil pessoas, 80 mil pessoas ou 40 mil. Se tivessem feito a intervenção no tempo certo, já tinha rua, já tinha praça, já tinha escola, já tinha posto médico. Acontece que, muitas vezes, a miséria é utilizada como cabide para levar gente a ter mandato neste País. E depois, todos nós ficamos cobrando da polícia: “corram atrás, peguem, prendam”. Como se o policial fosse um ser mágico, fosse um ser... um homem-aranha, que tivesse poder superior ao poder dos outros, sem levar em conta que no Brasil também, com raríssimas exceções, os policiais são seres humanos, pobres, moram mal,



ganham pouco e não têm a formação correta para exercer a atividade tão precisa que nós entendemos que ele tenha que ter. Muitas vezes nós não compreendemos que, quando o policial tem que subir o morro, ele pode subir para querer prender alguém, mas na cabeça dele ele sabe que ele tem mulher, que ele tem filhos, que muitas vezes estão passando a mesma fome que estão passando aqueles que estão na favela.

Ora, se o Estado se ausentou durante tantos anos, o Estado contribuiu para que as pessoas ou as laranjas podres crescessem. Então, qual é a contribuição que o Estado tem que dar para a atividade policial? É cumprir com a sua função. Se o Estado entrar como estamos entrando agora com o PAC, em cada intervenção que estamos fazendo nas favelas do Rio de Janeiro... Não é apenas abrir rua. É abrir rua, colocar biblioteca, colocar creche, colocar escola, colocar hospital, colocar área de lazer para a molecada brincar, campo de futebol, piscina. Senão, a vida continua, uns poucos tendo acesso a tudo e uns muitos não tendo acesso a nada.

Por isso, meus companheiros, minhas companheiras da Polícia Militar e da Polícia Civil, é preciso que a gente tenha em mente que o trabalho de vocês é muito duro e é verdade também que tem gente ineficiente que trabalha contra a própria auto-estima da polícia. Em todo setor... o da polícia tem corrupção? Tem, e na política não tem? No empresariado não tem? No Poder Judiciário não tem? Em todo segmento da sociedade tem. O que nós precisamos é separar o joio do trigo.

A gente não corta um pé de laranja porque tem uma podre, a gente tira aquela laranja. E muito mais fácil, companheiro Sérgio Cabral, companheiro Tarso Genro, será a ação da polícia, se o Estado cumprir com a sua função. Na hora em que as pessoas mais pobres deste País, que moram em lugares degradantes, perceberem que o Estado está fazendo uma intervenção e cumprindo com a sua obrigação, certamente a própria comunidade vai contribuir para separar o joio do trigo. Quando a gente entrar num lugar para



prender alguém, a gente não vai às cegas, a gente não vai entrar às cegas, amedrontando todo mundo e todo mundo achando que é com ele o problema. A gente vai ter, na sociedade, o maior aliado para dizer qual é a laranja podre que nós temos que atacar. Isso só é possível se a gente contar com a sociedade, e contar com a sociedade não é fazer discurso pedindo, é levar lá para dentro dos lugares mais degradados deste País a figura do Estado, com tudo que as pessoas têm direito.

Vocês viram ontem, na capa do Jornal Extra, um menino chamado Cristiano nadando numa água que saía de um cano furado, e o sonho dele é uma piscina. Quantos milhões de crianças não têm vontade de ter uma piscina, olhando lá de cima do morro e vendo lá embaixo casas com piscinas em que as pessoas nem entram o dia inteiro, a semana inteira, porque naquela casa com piscina o dono nem mora ali?

Então, se o Estado cumprir com o seu papel, se levar o elementar... Eu digo sempre que a coisa mais fácil no Brasil é cuidar dos pobres. Os pobres pedem pouco, os pobres querem comer, querem estudar, querem trabalhar, querem ter uma casinha. É isso que o pobre quer e é isso que o Estado precisa garantir, porque está na Constituição. Nós passamos quatro anos para consertar este País. O País vive um momento eu diria, quase excepcional. Mas tem muita coisa para fazer, porque estamos consertando coisas secularmente esquecidas neste País.

O Rio de Janeiro, na década de 70, devia ter três ou quatro favelas. Tempo maravilhoso, em que a favela era, quem sabe, a motivação dos maiores compositores do Rio de Janeiro para escreverem sambas. Não era bonito? São Paulo, na década de 70, tinha duas favelas. A Favela do Vergueiro e a Favela da Vila Prudente. Hoje são 2 milhões de pessoas morando nas favelas. Culpa de quem? Alguém mora em favela por prazer? Alguém mora em 3m² por prazer? É porque o Estado foi conivente com a degradação da sociedade brasileira, e nós vamos levar algum tempo ainda, Sérgio, para reverter essa



história. História que vem de muitas e muitas décadas, se deteriorando. Aí, nós ficamos cobrando de vocês: “a polícia tem que agir; a polícia precisa prender; a polícia precisa fazer isso”. Como se fossem vocês os responsáveis pela existência de tanta gente na marginalidade.

Eu acho que vocês também são vítimas. Vítimas da má formação, muito pouco salário e muita cobrança. Então, eu penso que esse Programa anunciado aqui é pouco, mas é um início extraordinário. Eu sonho que um dia a gente vai ter uma polícia, não porque o cidadão está precisando de emprego e vai trabalhar na polícia, que tem um concurso pouco exigente porque o salário é pequeno. Um dia, nós vamos ter uma polícia em que a pessoa vai ser policial por vocação, porque quer ser policial, vai prestar concurso e vai saber que vai ter uma carreira de Estado, que vai lhe garantir um salário digno para a função que a sociedade exige dela. Eu digo sempre o seguinte: Deus e soldado, a gente só lembra na hora do perigo. Você pode gargantear o tempo inteiro que você não crê em Deus, mas apertou um pouquinho você fala: “ai meu Deus”. E policial, você pode falar mal dele o quanto você quiser, mas na hora em que você está num lugar e aparece um policial, é uma benção de Deus a gente ver a figura do policial. Assim é a vida.

Nós, Tarso, com esse Programa... eu quero te dar os parabéns, à sua equipe e ao governador, pelo convênio. Eu penso que nós estamos começando a construir uma nova era. Se tudo começar e continuar acontecendo como está acontecendo a gente pode, daqui a alguns anos, recuperar o padrão que já tivemos há algum tempo neste País. Eu acho que não está na hora de a gente ficar procurando quem é culpado pelas coisas, eu acho que está na hora de a gente começar a discutir como fazer as coisas novas para mudar as coisas velhas que não deram certo neste País, no Rio de Janeiro, em São Paulo e em qualquer lugar.

Portanto, esse é um dia... eu disse para o Sérgio, ontem, que eu saio do Rio com a minha alma lavada. Até brinquei com a imprensa ontem: que se eu



morresse ontem à noite, eu acho que já estaria realizado, porque é o começo de uma coisa importante. Ontem, eu via no olhar daquele pessoal em Manguinhos, no Complexo do Alemão, na Rocinha. Quando a gente falava de fazer o campo de futebol, a escola e o hospital, os olhos das pessoas marejavam, porque eles sabem que a chance é boa. Qual é a mãe que não quer que o filho estude? Qual é a mãe que não quer que o filho seja do bem? Toda mãe deseja, é o sonho de toda mãe. Agora, se a mãe não tem condições de cuidar, se não tem creches, se não tem escola, se não tem médico, tudo fica difícil.

Então, Sérgio, eu quero dizer que com mais esse Programa eu saio daqui mais realizado. O que está acontecendo aqui hoje, é importante ter claro, não é apenas aqui, está acontecendo em todos os estados da Federação, porque não é uma intervenção só no Rio de Janeiro. Estou falando isso porque senão os outros 27 governadores vão achar que eu estou olhando só para o Rio de Janeiro. Nós estamos olhando para o Brasil porque a casa está arrumada, nós não devemos nada ao FMI, hoje temos mais dinheiro do que devemos, portanto, somos credores e não devedores. Depois de 500 anos, nós viramos credores internacionais. Se pagarmos tudo que a gente deve, ainda vão sobrar uns 8 bilhões de dólares para nós. A economia está crescendo, e é tudo que nós precisamos.

Eu quero terminar dizendo a vocês que é um início extraordinário. É um início excepcional. Eu espero que a partir de 2010, quando vier outro presidente, ele pegue a casa muito mais arrumada do que eu peguei e ele possa fazer muito mais do que eu fiz, porque nós temos pelo menos 30 anos de dívida social com o povo brasileiro. Trinta anos, que envolve todo mundo: professor é mal-remunerado neste País, policial é mal-remunerado neste País, está cheio de gente mal-remunerada neste País. Poucos ganham muito e muitos ganham pouco e não é uma coisa que você mude por decreto, é uma coisa que você só pode mudar... Isso é como a vida da gente, a gente só pode



fazer uma coisa quando a gente tem dinheiro para fazer, se fizer uma prestação por uma coisa que o nosso salário não pode pagar, a gente vai quebrar a estrutura sadia da nossa família.

Fiquem certos de que nós vamos recuperar este País. Quero dizer que eu estou muito feliz, porque há muito tempo o Rio de Janeiro não tinha um governador com a sensibilidade política e com o despojamento pessoal que o Rio tem, na figura do companheiro Sérgio Cabral. Então, fica fácil trabalhar, Sérgio, fica fácil e vamos trabalhar. Agora lembro, o Tarso não falou aqui, mas tem gente que não quer esse Programa. Entraram no Superior Tribunal Federal, pedindo uma liminar para que isso não seja aprovado. Não era para eu falar porque, como eu sou presidente, não posso falar, mas entraram com uma liminar dizendo que esse Programa da Bolsa não pode acontecer porque é eleitoral. Primeiro, eu não sou candidato a prefeito, só vai ter eleição em 2010 e eu não posso ser candidato. Então, qual é o problema eleitoral desse Programa? Na verdade, algumas pessoas estão tão desacostumadas com o governo fazendo as coisas que precisa fazer, que eles até acham absurdo o governo acertar. E graças a Deus, nós estamos acertando.

Parabéns, e muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
inauguração do reservatório de contenção da Barragem Manuel Alves**

Divinópolis – Tocantins, 11 de março de 2008

Eu estou entusiasmado com a bandinha. Eu não sei se é uma homenagem porque eu sou pernambucano, mas o frevo está comendo solto ali.

Eu quero cumprimentar o nosso companheiro Marcelo Miranda, governador do estado de Tocantins,

Meu companheiro Geddel Vieira de Lima, ministro da Integração Nacional,

Nosso companheiro Paulo Sidnei, vice-governador do estado de Tocantins,

Companheiro Carlos Henrique Amorim, presidente da Assembléia Legislativa de Tocantins,

Senhor Daniel de Oliveira Negry, presidente do Tribunal de Justiça do Tocantins,

Quero cumprimentar os senadores João Ribeiro e Leomar Quintanilha, companheiros que têm tido um trabalho extraordinário de ajuda ao governo federal no Senado da República. Obrigado aos dois companheiros pelo comportamento de vocês junto ao governo,

Quero cumprimentar os deputados federais Lázaro Botelho, Laurez Moreira, Nilmar Ruiz e Vicentinho Alves, companheiros que também têm trabalhado para contribuir com o estado do Tocantins e com o governo federal,

Quero cumprimentar os prefeitos José Salomão Jacobina Aires de Dianópolis,

Companheiro Adeljon Nepomuceno de Carvalho, de Porto Alegre do Tocantins,



Quero cumprimentar o nosso companheiro Raul Filho, prefeito da capital, Palmas,

Em nome deles, quero cumprimentar todos os prefeitos aqui presentes,

Quero cumprimentar o nosso companheiro João Santana, secretário Nacional de Infra-Estrutura Hídrica,

Todos os companheiros deputados estaduais,

Todos os secretários estaduais,

Secretários municipais,

Vereadores aqui presentes,

Quero cumprimentar a nossa querida Damiana Conceição da Silva, em nome da qual cumprimento os moradores do Assentamento Olho D'água,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Milton Albuquerque dos Santos, em cujo nome cumprimento os pequenos produtores da região,

Quero cumprimentar o Osmar Rodrigues Coelho, por meio do qual saúdo os empresários do projeto da barragem rio Manuel Alves,

Quero cumprimentar cada um de vocês, mulheres e homens do estado do Tocantins,

Meus companheiros da imprensa,

Meus amigos e minhas amigas,

Eu acredito que nós estamos vivendo hoje, um momento de colheita daquilo que nós plantamos ao longo dos últimos anos no Brasil. Eu sei que possivelmente no meu primeiro mandato, no começo do mandato, quando as coisas estavam difíceis, quantos companheiros meus e companheiras espalhados por este Brasil achavam que a gente tinha fracassado e que as coisas não iam dar certo. E eu sempre dizia que a gente precisa ter muita paciência para não permitir que o nervosismo ocasional estrague um projeto que está em andamento.

Numa casa, quando tem um motivo de briga entre um casal, alguém tem que ter paciência, porque se não tiver paciência, o casal chega às vias de fato.



Se há uma briga na família, com os filhos, alguém tem que ter paciência. Se todos estiverem muito nervosos, se todos quiserem falar ao mesmo tempo, se todos quiserem estar certos ao mesmo tempo, vai ter algo que vai criar confusão na família. Tem que ter sempre alguém que tem mais tranquilidade, que não pode ficar nervoso, que conta até dez, e que toma a decisão.

Eu sabia da responsabilidade de chegar à Presidência da República deste País. Eu tinha que enfrentar preconceitos históricos, eu diria, seculares. Nós tínhamos que enfrentar uma série de coisas porque não previam nem na sociologia brasileira que um operário metalúrgico pudesse chegar à Presidência da República, não estava escrito. O Brasil, segundo eles, era para ser governado ou por empresário, ou por advogado, ou por médico, ou professor, mas nunca por um trabalhador. Isso não estava na conta deles. Muitas vezes eu perdi eleição porque nós mesmos tínhamos preconceitos contra nós. É difícil a gente convencer um trabalhador comum de que ele tem competência para fazer alguma coisa. Ele aprendeu a vida inteira que ele não tinha. Nas novelas ele só é lavador de carro, só é empregada doméstica, nunca tem uma posição de destaque, é sempre o de baixo. Então, nós vamos sendo condicionados a acreditar que a gente não pode, que a gente não tem condições. Pobre só pode ser jogador de futebol, até porque rico... Não tem caso de rico jogador de futebol, são raríssimos. Mas pobre tem, porque é a única coisa que nós temos espaço para fazer e, ao mesmo tempo, pobre pode ser artista, artista também pode. Mas não era uma coisa previsível. E eu enfrentava que tipo de preconceito? As pessoas diziam assim: "O Lula quer ser presidente da República? Ele não tem nem diploma universitário. Será que ele não se enxerga? Ele é igual a mim. Eu não sou nada, por que ele quer ser?" Eu enfrentava isso. Nós perdemos três eleições. Eu poderia ter desistido. Mas eu tinha em mente, porque conhecia também os que governavam este País, todos, eu tinha em mente que nós poderíamos fazer pelo País aquilo que o Brasil estava precisando que fosse feito.



Primeiro, nós tínhamos que arrumar a casa. Todo mundo aqui sabe: em casa que não tem pão, todo mundo briga e ninguém tem razão. Então, primeiro, era cuidar de arrumar a casa, era fazer com que a casa fosse arrumada, que as coisas fossem colocadas no seu lugar. Não podia a televisão estar na cozinha e o fogão na sala. Não podia a cama estar no corredor e o banco do corredor no quarto. Era preciso colocar as coisas nos seus devidos lugares. Com muito sacrifício, nós conseguimos fazer com que o Brasil chegasse, no final de 2006, no momento de ascensão econômica, que nós já prevíamos que seria uma coisa duradoura.

O Brasil não acreditava em si mesmo, o povo já não tinha mais crença em nada. Afinal de contas, fazia 26 anos, portanto, mais tempo do que a vida da grande maioria que está aqui, que a economia brasileira não crescia, que os empregos não eram gerados. Só a construção civil, Governador, ficou 20 anos só mandando trabalhador embora. Na categoria metalúrgica a que eu pertencia nós perdemos, em 26 anos, mais de um milhão de empregos, ou seja, postos de trabalho fechados, não tinha mais trabalhadores, não tinha mais aquela vaga porque a indústria não crescia, não vendia e, se não vendia, não vai contratar trabalhador. E isso em vários setores da economia.

Na hora em que nós arrumamos a casa, nós começamos a dizer: agora está na hora de a gente começar a cuidar de todos. Mas, dentre todos, nós temos que olhar quem são aqueles que mais necessitam, para a gente começar a cuidar como uma mãe cuida dos filhos. Uma mãe pode ter dez filhos. Aquele que está “dodói”, aquele que está com algum problema, é naquele filho que a mãe vai fazer mais carinho. Não é que ela não goste dos outros, é que ela vai olhar primeiro para aquele que não está comendo, para aquele que está chorando, para aquele que está resmungando, porque a sabedoria e o instinto da mãe sabem que é aquele que precisa de prioridade. Às vezes, o filho mais velho fala: “a minha mãe só olha para o pequeno. Eu estou aqui, já comi três, quatro bifês e ela nem brigou comigo.” Mas a mãe está



preocupada com o pequeno que não comeu nenhum, a mãe está preocupada com o pequeno, que não colocou a colher na boca.

Nós, então, resolvemos governar o Brasil como uma mãe administra os seus filhos. Cuidar de todos, mas olhar para os mais pobres, para que eles possam ter um processo de ascensão social e transformar o Brasil num país de classe média. As pessoas perguntam: “Presidente, o senhor não gosta de rico?” Pelo contrário, eu gostaria que todo mundo fosse rico. Se tem uma coisa que o pobre gostaria de ser, é rico. Então, por que eu não vou gostar?

O que eu quero, na verdade, é que a gente estabeleça um processo de política em que a gente vá elevando os de baixo para subirem os degraus, até a gente ficar todos mais próximos. Na hora em que o pobre tiver acesso à escola, ele vai ter uma profissão e vai ganhar melhor; na hora em que ele ganhar melhor, ele vai comprar um produto; na hora em que ele compra um produto, ele vai à loja; na hora em que a loja vende o produto, tem que encomendar da indústria; na hora em que encomenda da indústria, a indústria tem que produzir mais; se ela produzir mais, vai contratar mais trabalhadores, vai ter mais salário, vai ter mais consumo. E assim, todos crescem neste País, e não apenas meia dúzia de pessoas.

O que aconteceu nos anos 80 é que quando nós passamos 26 anos sem crescer... Eu vou dar um exemplo para vocês. Vocês viram na televisão, eu estive no Rio de Janeiro, nesse final de semana. Aquela favela em que eu fui anunciar o PAC, o Complexo do Alemão, em 1950 era uma fazenda, não tinha favela. E ela virou uma favela mais forte nos anos 80, quando terminou o Milagre Brasileiro. E por que virou? Porque, embora o Brasil tivesse crescido muito nos anos 70, o que aconteceu é que a riqueza foi toda para um bolso só. Então, ficou-se com milhões de pessoas miseráveis e meia dúzia de pessoas altamente ricas. Assim, nenhum país vai para frente. É preciso que a gente tenha em mente o seguinte: mesmo que pouco dinheiro no bolso da gente, significa distribuição de renda. Se todo mundo tiver um pouquinho... Imaginem



o seguinte: um cidadão ganha na loteria, sozinho, 20 milhões de reais. Então, o que vai acontecer? Vai ter um cidadão rico. Imaginem se, em vez de um ganhar 20 milhões, mil ganhassem 2 milhões, ou 2 mil reais cada um. Então, nós teríamos mil com 2 mil reais, seriam mil pessoas comprando pão, mil pessoas comprando feijão, mil pessoas comprando roupas, ao passo que vocês têm um só com uma conta bancária gorda, rendendo juros, e o restante pobre. Foi isso que aconteceu na economia brasileira. Pois bem, nós mudamos isso.

Quando eu criei o Bolsa Família, os de cima diziam assim: “isso é esmola, isso é assistencialismo, o Lula não está resolvendo o problema dos pobres, o que é o Bolsa Família? Setenta, 80, 90 reais?” Noventa reais não valem nada para uma pessoa que ganha 20 mil reais por mês e dá de gorjeta depois que fica bêbado num bar, tomando cerveja. Agora, 90 reais na mão de uma mulher que tem três ou quatro filhos, ela vai ao supermercado e traz comida para aquelas crianças comerem durante o mês inteiro.

Então, é preciso que a gente também tenha um pouco de noção do que significa uma quantidade de dinheiro, em função do nosso meio de vida. Tem gente que já não quer mais um Gol: “é carro mixuruca”, mas quantos milhões de brasileiros gostariam de ter um carrinho, mesmo que velho? Então, o que nós estamos fazendo é possibilitar que os de cima estejam lá onde estão, que a classe média tenha uma ascensão, mas que os mais pobres possam se aproximar da classe média, porque aí vai melhorar tudo para o País.

O que significa um projeto como este que estamos inaugurando agora? Imaginem se os números do Geddel e do governador estiverem certos – são quinze mil empregos diretos e 30 mil indiretos. Vocês sabem o que significam 15 mil empregos diretos? Significa 15 mil pessoas recebendo um salário mensal, significa que vai ter uma loja a mais, vai ter um comércio a mais, vai ter um armazém a mais, vai ter uma fábrica (inaudível) mais, vai vir uma oficina de carros, vai vir uma loja de carros, vai vir mais uma boutique, vai montar um



instituto de beleza... As coisas vão crescendo, Geddel... Na cidade de Buique, em Pernambuco, só pelo fato de a gente fazer os aposentados de Buique receberem o salário em Buique, montando uma pequena agência do Banco do Brasil, foram criados, por conta de os aposentados receberem na cidade, 324 pequenos comércios na cidade.

Então, vocês não imaginam o que vão significar, nos próximos anos, a quantidade de coisas que vão acontecer aqui nesta região. Não vai acontecer amanhã, isso é um processo. As pessoas vão perceber que o programa está dando certo, que nós vamos exportar as frutas, que vamos exportar alimentos, que vamos produzir coisas para o biodiesel, que vamos produzir outras coisas para comer, e aí, todo mundo vai perceber que todo mundo ganha. O prefeito vai ter mais imposto, vai estar mais feliz, mais alegre, mais gente vai querer vir morar aqui. Além disso, nós estamos trabalhando com a certeza de que o que está acontecendo aqui, companheiros, não está acontecendo só aqui, essa é a diferença do que aconteceu no Brasil tempos atrás. É que quando você fazia um projeto desses, você fazia propaganda, e vinham para cá milhares de pessoas ocupar o espaço que era das pessoas daqui. Por quê? Porque lá não tinha nada.

O que nós estamos fazendo hoje é que em todos os estados brasileiros, sem distinção, de Roraima ou do Amapá, do Amazonas ou do Pará, do Rio Grande do Sul ao Tocantins, passando por São Paulo, em todos, sem distinção, o governo federal tem muitos e muitos investimentos. É urbanização de favelas, é saneamento básico, é habitação, é escola técnica profissional, é extensão universitária. E, sobretudo, investindo em coisas que signifiquem mudanças estruturais.

Na década de 70, São Paulo tinha duas favelas, hoje tem 2 milhões morando em favelas. Imaginem se os prefeitos – eu comecei a falar que a favela do Rio de Janeiro era uma fazenda – imaginem se nos anos 60 o prefeito tivesse feito uma intervenção e não tivesse deixado virar favela.



Acontece que nos anos 60 não se fez nada, em 70 não fez nada, em 80 não fez nada, em 90 não fez nada, em 2000 não fez nada, o que aconteceu? Um lugar que era uma fazenda virou uma favela de 120 mil pessoas. E aí, para a gente consertar, é muito mais difícil. Por isso é que projetos como este são extremamente gratificantes. E eles estão acontecendo em todas as áreas. “Ah, mas o Lula é amigo do governador Marcelo Miranda. O Marcelo Miranda é do PMDB, portanto se ele é do PMDB, o PMDB tem aliança com o Lula, então está tudo certo”. Perguntem ao José Serra, do PSDB, perguntem ao Aécio Neves, do PSDB, perguntem à governadora do estado do Rio Grande do Sul, Yeda Crusius, do PSDB, perguntem ao Cássio Cunha Lima, do PSDB, perguntem ao Teotônio Vilela, de Alagoas, do PSDB, perguntem ao Arruda, aqui em Brasília, do PFL, perguntem se nós estamos fazendo um milímetro de discriminação. Não tem importância se eles derrubaram a CPMF. Derrubaram a CPMF para eu não ter, até o final do mandato, 120 bilhões de reais.

Nós tínhamos feito uma proposta do PAC da Saúde. O PAC da Saúde tinha 24 bilhões a mais para a saúde, era para levar médico e dentista nas escolas públicas para ver as crianças deste País. Era para fazer laqueadura nas mulheres que quisessem fazer. Era para fazer vasectomia nos homens que não quisessem ter mais filhos, era para cuidar das pessoas como precisam ser cuidadas. Entretanto, eles derrotaram. Derrotaram porque: “Bom, se a gente tirar 40 bilhões este ano, 40 bilhões em 2009 e 40 bilhões em 2010, o Lula vai ter 120 bilhões a menos, significa que o Lula não vai poder fazer nada e nós ganhamos as eleições, do Lula, em 2010”. É assim que funciona a cabeça de algumas pessoas no Brasil, só pensam naquilo. Quando o Marcelo e eu temos que pensar não é em 2010, é no agora, é em como este povo vai comer, é em como este povo vai beber, é em como este povo vai morar. E eles pensam: “Ah, o Lula vai ficar chorando”.

Eu vou contar uma coisa para vocês: quem nasceu em Garanhuns e não morreu até os cinco anos de idade, de fome, não vai morrer no caminho porque



a oposição quer criar dificuldades. Quem perdeu três eleições e não desistiu, não vai se perder porque não foi aprovada a CPMF. Só para mostrar isso, Geddel, no mês que vem, em abril, eu vou lançar o Programa Saúde da Família dentro das escolas públicas brasileiras para atender as nossas crianças. Onde nós vamos arrumar dinheiro? Vamos arrumar dinheiro, ele vai aparecer. A economia vai crescer, está crescendo. Vocês não sabem o ego, a paixão, o orgulho, quando eu me levanto de manhã e vejo o seguinte: pela primeira vez em 500 anos... Porque desde que o Cabral chegou aqui, o Brasil devia. Então, o Brasil passou 500 anos devendo, quando na semana passada o Brasil deixou de ser devedor e passou a ser credor. Sabe qual é o prazer? É o prazer de um trabalhador, de uma trabalhadora que, no final do mês, recebe o salário e percebe que ganhou mais do que as contas que tem que pagar. É esse o prazer. O Brasil tem mais dinheiro do que deve. Portanto, eu e vocês, 190 milhões de brasileiros, conquistamos o direito de andar de cabeça erguida. Não de nariz empinado, não arrogante, mas de cabeça erguida, no mundo inteiro, dizendo: “Eu sou brasileiro e tenho orgulho de ser brasileiro, respeitamos e queremos ser respeitados”.

Eu, quando vim aqui... vem cá, minha filha. Eu quando vi esta senhora aqui... Podem vir os três companheiros aqui. Quando eu via a Damiana, o Milton e o nosso companheiro, pequeno empresário o Osmar... Eu quero dizer a vocês o seguinte, meus companheiros, primeiro, para deixar claro para vocês que a gente sabe que um pequeno empresário, como este, participou de um processo de licitação, ganhou, porque ele acredita que o governo vai cumprir com as propostas que estão no projeto, mas ele sabe que vai correr atrás de banco, de financiamento, vai no Banco do Brasil, certamente, atrás de financiamento. E ele precisa fazer quase tudo por conta própria. O governo vai entregar para o empresário a água no portão da casa dele, a partir dali é dele. Este aqui não, este aqui nós vamos entregar o prato feito, porque ele é menor, tem menos possibilidade. E o que vai acontecer é que este aqui, na hora que



der certo, vai poder comprar o produto deste aqui. E esta daqui, quem sabe, venda para este aqui. E, quem sabe... Ela está pedindo, porque ainda não tem luz na casa dela, vai chegar luz na casa dela. O Marcelo vai vir aqui apagar o candeeiro da sua casa para colocar uma luz elétrica na sua casa, porque nós queremos acabar com isso.

Então, o fato deste projeto ser integrador... aqui está a cara da sociedade brasileira: aqui você tem uma mulher que não tem terra, portanto foi legalizada a casinha dela; aqui você tem um companheiro já mais ou menos preparado, que vai ter uma pequena propriedade de 10 hectares; e aqui você tem um empresário já bem-estruturado, quem sabe, bem formado. Engenheiro, não? Administração de empresas, tudo o que o mundo precisa é disso, que o cara vá administrar a sua própria empresa. Então, aqui está a cara da sociedade brasileira. Pode tirar fotografia, Stuckert, aqui está a parcela da sociedade brasileira. Esta é a cara da sociedade brasileira: você tem um empresário, você tem um pequeno e você tem uma excluída da sociedade, que nós estamos incluindo agora.

Aí o Geddel me fala: "Presidente, eles estão precisando de uma casa de farinha". Quanto é que custa uma casa de farinha? Eu não sei quanto custa. Mas, de qualquer forma, se estivessem pedindo uma usina hidrelétrica, se estivessem pedindo um navio, mas uma casa de farinha... É por isso que eu falo: não tem nada mais barato no mundo do que a gente governar para os pobres. Eles pedem muito pouco, eles querem muito pouco, eles não pedem o absurdo. E os nossos adversários vão ficando nervosos. Sabem por quê? A primeira escola técnica no Brasil foi feita em 1909, pelo presidente Nilo Peçanha, em Campos de Goitacazes, no Rio de Janeiro. De 1909 a 2003, todos os governos que passaram criaram 140 escolas técnicas, em 93 anos, 140 escolas técnicas. E nós, em 8 anos, vamos fazer 214 escolas técnicas. Ou seja, em oito anos, governador, vamos fazer mais do que foi feito, quase o dobro do que foi feito em 90 anos. E isso vale para a eletrificação rural, isso



vale...

O programa Luz Para Todos é (inaudível). Eu não sei se eu vou poder vir aqui, mas eu fui na Bahia inaugurar um programa Luz Para Todos. Cheguei numa casa, Geddel, duas mães solteiras, cada uma com três filhos, num quarto e cozinha escuro, as crianças com o caderno em cima de uma lata de Coca-Cola com pavio, um fumaceiro desgraçado. Aquelas crianças nem enxergavam direito aquilo. Na hora em que eu peguei o dedo da mulher, levei do lado de fora, apertei o botão da luz e acendi a luz, sabe o que aconteceu? Eu tirei ela do século XVIII e a trouxe para o século XXI, num passe de mágica. É como se ela tivesse entrado na máquina do tempo.

É isso que, muitas vezes, revolta os nossos adversários. Por que eles não fizeram? Eles governam o Brasil desde que Cabral aqui chegou, desde que foi proclamada a República. Por que eles não fizeram isso? Sabem por quê? Porque durante muito tempo, neste País, os pobres eram utilizados como moeda eleitoral. Vocês já perceberam que é o único dia em que um bando de políticos trata o pobre igual ao rico? Porque na época da campanha, você não vê político falando mal de pobre. Político xinga banqueiro, político xinga empresário, político xinga todo mundo. Mas pobre é “meu queridinho” daqui e “meu queridinho” de lá. Aí, depois que ganha as eleições... É o único dia em que o pobre vira *top model*, vira a coisa mais importante, porque o voto dele vale igual ao voto do rico. Coloquem o presidente do banco mais importante do Brasil na fila dos eleitores, e coloquem esta companheira na fila dos eleitores, o voto dos dois vale a mesma coisa. Só que depois das eleições, alguns políticos só convidam os ricos para as suas festas e os pobres ficam esquecidos até as próximas eleições. É isso que mudou, no Brasil.

E outra coisa que mudou no Brasil, que as pessoas vão ter que se acostumar, é o que eu tenho dito para as pessoas pobres, sobretudo para a juventude: eu não aceito a idéia de um jovem ficar desanimado, de um jovem dizer que não está mais interessado nas coisas, porque está tudo difícil. O



jovem não tem o direito de ficar desestimulado. Eu digo para todo mundo: se eu saí de Pernambuco para não morrer de fome e virei presidente da República, qualquer um pode virar, é só acreditar, trabalhar, se preparar, se organizar, não tem barreira. E, sobretudo, porque somente no regime democrático é possível a gente disputar em igualdade de condições.

Por isso, companheiros e companheiras, eu quero dizer para vocês: quando a gente tem, nos estados, governadores despojados de interesses pessoais, sem preconceito contra o presidente, e o presidente sem preconceito contra eles, fica tudo mais fácil. Trabalhar com um governador que é seu amigo, não seu amigo político, seu amigo no trato, na relação pessoal, é muito mais fácil. Quando a gente faz as coisas em conjunto, e ainda se a gente puder envolver as prefeituras, é muito melhor. Aí, todo mundo vira cúmplice das boas causas.

Este projeto de irrigação é uma das meninas dos meus olhos. Nós temos vários outros para fazer aqui em Tocantins, na Bahia, em Pernambuco e em outros estados. Alguns pensam que reforma agrária é dar terra. Para nós, reforma agrária é, além de dar terra, torná-los produtivos e torná-los cidadãos. Só a terra, sem financiamento, sem assistência técnica, sem garantia de nada, é jogar o pobre no meio do mato para ele ficar plantando mandioca, colhendo aquelas mandioquinhas raquíticas, vagabundas, que não dão nada. Por quê? Porque não tem tecnologia. Então, nós queremos ver esse caboclo aqui colhendo mandiocas deste tamanho, colhendo mamona à vontade, colhendo abacaxi. Esta região aqui, Geddel, produz um dos melhores abacaxi do Brasil, é uma região boa para abacaxi. Tudo o que eu quero na vida é o seguinte: daqui a uns 10 anos, quando eu não for mais presidente, que eu vier para cá, eu vou passar na casa da dona Diamantina e vou passar na casa deste companheiro para saber se eles deram certo. Se não deram certo, eu vou puxar a orelha, e se derem certo eu vou aproveitar e comer na casa deles.

Gente, um grande abraço, que Deus abençoe a todos vocês e que Deus



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

abençoe esta família.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na mesa de negócios do *The Economist Newspaper Group*

Blue Tree – Brasília-DF, 12 de março de 2008

Bem, primeiro quero cumprimentar os integrantes da mesa, quero cumprimentar os convidados. E agradecer à Revista por fazer este encontro no Brasil, permitindo que os empresários brasileiros e o governo brasileiro possam falar um pouco sobre como estamos vendo o Brasil.

Como vocês percebem, eu tenho um discurso altamente volumoso, não se preocupem que a letra é grande e ele é menor do que aparenta. Mas eu estava pensando que amanhã nós teremos, aqui, cinco ministros do meu governo. Teremos Minas e Energia, Casa Civil, o presidente do Banco Central, o ministro da Fazenda e teremos mais um ministro. Certamente, eles irão falar da economia, do número do PIB, da nossa política tributária. Eu penso que, para uma Revista tão importante, para pessoas que conhecem tão bem o Brasil e para empresários não brasileiros que estão aqui, também curiosos pelo Brasil, seria importante eu fazer um prognóstico de improviso, sobre o que estamos vivendo no Brasil.

Quero começar dizendo para vocês que é extremamente importante que haja a compreensão da democracia na nossa querida América Latina e na nossa querida América do Sul. É importante lembrar que a democracia é uma coisa nova entre nós, que precisa ser consolidada a cada dia, a cada debate e a cada ação, tanto do governo, quanto do Poder Legislativo e da sociedade. Eu dizia agora há pouco ao editor que se a gente olhar o que aconteceu na América Latina, nesses 40 anos, nós vamos perceber que até a década de 80 nós tínhamos, em todos os países, uma parcela da sociedade e da militância política que acreditava que a solução e a saída para o nosso continente se dariam através de revoluções, e muitos acreditavam na luta armada.



Eu me lembro que quando criamos o PT, em 1980, o PT era uma novidade incompreendida por muita gente. Eu poderia citar tantos companheiros empresários, aqui, que tinham até medo de ouvir falar no PT, porque as pessoas realmente não sabiam o que nós éramos e, por que não dizer, tinham um medo enorme dos nossos discursos, que muitas vezes eram de dar medo mesmo. Bem, depois dessa situação, nós tivemos períodos importantes de crescimento no Brasil, na década de 70. E quando terminou a época que nós chamamos de “Milagre Brasileiro”, no Brasil, o que resultou foi o enriquecimento de uma pequena parcela da sociedade e o empobrecimento de uma grande parcela da nossa sociedade.

Eu queria lembrar aos senhores que em 1970 São Paulo tinha apenas duas favelas. São Paulo tinha a Favela do Vergueiro, perto do aeroporto de Congonhas, na rua Vergueiro, que não existe mais. E tinha a favela da Vila Prudente, que ainda existe hoje, não em forma de favela como era na década de 70, bem menor do que era, mas já um pouco urbanizada. Hoje, São Paulo tem mais de dois milhões de brasileiros que moram em favelas.

Eu fui, na sexta-feira e no sábado passado, ao Rio de Janeiro. Fui à Rocinha, fui ao Complexo do Alemão e fui a Mangueiras. E fiquei surpreso porque onde hoje é o Complexo do Alemão, um lugar que vocês habitualmente vêem na imprensa como um lugar violento, de muita troca de tiros e de muita quadrilha guerreando entre si, na década de 50 era uma fazenda, e na década de 80 foi a grande ocupação, que virou a favela que é hoje. Depois, eu fiquei sabendo que a Rocinha também era uma fazenda e que a partir da década de 80 se transformou naquele complexo de pessoas morando em péssimas condições, como é hoje. Eu estou dizendo isso para dizer para vocês que se as coisas tivessem sido feitas corretamente por sucessivos governos, se cada um tivesse feito um pouco, certamente nós não teríamos nem dois milhões de paulistas morando em favelas e muitos menos teríamos complexos como Mangueiras, como Rocinha ou como o Complexo do Alemão, com gente



morando em péssimas condições, possibilitando e facilitando o surgimento do crime organizado, do narcotráfico e de tanta violência.

E por que eu comecei falando do Complexo do Alemão? É porque parte da pobreza do nosso País se concentra muito fortemente a partir da década de 80. Possivelmente, alguns empresários de outros estados – o Gerdau está aqui – no Rio Grande do Sul, quase tudo o que aconteceu de favelas foi exatamente a partir da década de 80 e veio se avolumando. E por que veio se avolumando? Porque é importante atentar que o Brasil passou praticamente 26 anos, quase uma geração e meia, com a economia crescendo aquém daquilo que era necessário crescer. Num primeiro momento, para acompanhar o crescimento demográfico, e em um segundo momento, para acompanhar as necessidades das populações mais pobres, que nascem mais do que os mais ricos. No Brasil, como em quase em todo o mundo, nós temos uma situação, que eu penso que não é diferente de nenhum País, em que a classe média já aprendeu a fazer o seu planejamento familiar. Ou seja, alguém de classe média, quando casa, tem um filho ou dois filhos, no máximo. Quando exagera, não sei quantos (inaudível) tem, quando exagera pode ter três, mas normalmente pára em dois. Às vezes tem três, porque nasceram dois homens e quer arriscar uma menina, ou porque nasceram duas meninas e quer arriscar um menino.

Mas é exatamente no meio dos pobres é que ainda não existe essa consciência de fazer o planejamento. Nós agora lançamos, em São Paulo, no ano passado, uma política de planejamento familiar, enfrentando tabus e debates, no Brasil, que nem todo mundo gosta de enfrentar. Por exemplo, fazer laqueadura nas mulheres que entenderem que não querem ter mais filhos, de graça; fazer vasectomia nos homens, que queiram fazer vasectomia de graça e, ao mesmo tempo, distribuir anticoncepcionais para as mulheres que quiserem, também de graça. Não pensem que no Brasil isso é uma coisa fácil. No Brasil, o tabu religioso ainda é muito difícil de ser enfrentado. E nós



resolvemos enfrentar porque achamos que esse é um problema crônico, e nós precisamos ajudar as famílias mais pobres a compreender.

Pois bem, se nós ficamos 26 anos sem crescer o suficiente para atender as necessidades da sociedade, surgiu, em função da ausência de crescimento, e portanto da ausência de distribuição de renda das pessoas, uma grande parcela da sociedade vivendo praticamente marginalizada.

Quando eu vejo na televisão uma cena da polícia prendendo um jovem... Normalmente, os ladrões, no Brasil, são jovens de 15 a 24 anos, a 30 anos. Ou seja, são todos eles, Gerdau, oriundos de 26 anos de atrofiamento da economia brasileira.

Eu, por exemplo, sou de uma categoria econômica que, na década de 80, tinha praticamente 2 milhões de trabalhadores no Brasil, e caiu mais de 1 milhão. Quem é da construção civil aqui, eu estou vendo muitos aqui, sabe que a construção civil brasileira, nos últimos 20 anos, só dispensou trabalhadores e contratou muito pouco, porque não havia nem investimentos na construção civil leve, e muito menos na construção civil pesada. A última grande obra de infraestrutura de peso no Brasil foi Itaipu, em 1974. Certamente, hoje nós não faríamos Itaipu, porque a legislação ambiental e nem os ambientalistas permitiriam que nós fizéssemos do jeito que ela foi feita. Hoje ninguém permitiria que Sete Quedas tivesse desaparecido, que era uma das coisas mais extraordinárias do mundo e está hoje alagada pelo lago de Itaipu.

Pois bem, se durante 26 anos nós não crescemos, e nós geramos esse padrão de pobreza, que transforma o Brasil num dos países mais desiguais do mundo, era preciso que nós, então, tomássemos uma atitude de estancar isso e começar um novo processo.

E isso acontecia porque muitas vezes, no Brasil, as pessoas tratavam a economia como se fosse um palco onde a gente pudesse fazer magia. Ou seja, você tem um ministro da Fazenda, ele resolve pensar um plano econômico, elabora um plano econômico, vai para a televisão, anuncia, aquilo



vira sucesso por três, quatro meses e, depois, quando o plano fracassa, o ministro cai e o povo fica com o prejuízo. Nós tivemos muitas experiências, no Brasil, de momentos que parecia que o Brasil ia dar um salto de qualidade extraordinário e não deu. Fracassaram os planos, porque as pessoas pensavam apenas, ou na sua tese acadêmica, ou nas próximas eleições, as pessoas não pensavam em construir uma política a partir de atitude de seriedade do governo, que pudesse ir despertando nos investidores e na sociedade uma credibilidade que a gente, até então, tinha perdido.

Eu penso que a Revista acompanhou o que nós fizemos no Brasil em 2003. Hoje, passados quatro anos, eu tenho minhas dúvidas se algum governo do mundo teria a coragem de fazer o que nós fizemos em 2003. Nós fizemos o maior ajuste fiscal, que eu conheço, da história deste País. E tomamos uma decisão de elevar o superávit primário de 3,75 para 4,25, quando eu passei muitos anos da minha vida dizendo que era preciso diminuir o superávit primário e aplicar o dinheiro dentro do Brasil. E por que nós fizemos isso? Fizemos isso porque nós descobrimos, ao mesmo tempo, concomitantemente, que o Brasil precisava recuperar a credibilidade interna e a credibilidade externa.

Os empresários brasileiros que estão aqui, e certamente alguns convidados estrangeiros com quem já nos encontramos, sabem que nós jogamos muito duro. Nós dizíamos todo santo dia: Não haverá mágica na economia, não haverá coelho tirado da cartola. O que nós vamos fazer é a lição de casa, para que a gente possa restituir a credibilidade do País. Ao mesmo tempo, tomamos uma outra iniciativa – uma coisa que teoricamente foi impossível neste País durante 30 anos – que era combinar uma política de crescimento das exportações com uma política de crescimento do mercado interno. Isso era proibido falar, no Brasil.

A segunda coisa que nós fizemos, que era proibido falar, no Brasil, é que era impensável que o Brasil pudesse crescer, com inflação baixa. Todo mundo



dizia que na hora que o Brasil começasse a crescer, a inflação voltaria. Então, era proibido crescer. A verdade é essa: neste País era proibido crescer. Havia uma lógica de que se nós crescêssemos acima de 2% ou de 3%, a inflação voltaria. Como havia uma lógica que se a gente combinasse o crescimento da demanda interna com o crescimento das exportações, o Brasil não suportaria.

E o que nós estamos vivendo hoje? Nós estamos vivendo hoje um momento em que os tabus acadêmicos, as teses economicistas de que as coisas não poderiam acontecer, estão acontecendo. Estão acontecendo porque tomamos algumas medidas extremamente importantes.

A primeira medida que nós tomamos foi diversificar as relações comerciais do Brasil. Quando nós tomamos posse, o Mercosul estava natimorto. Ninguém, nenhum bom jornalista inglês, nenhum bom jornalista brasileiro ou americano acreditava que o Mercosul tivesse qualquer problema.

É importante lembrar que nós fizemos uma campanha, em 2002, e a Alca era vida ou morte. Quem não aceitasse a Alca era o demônio, porque a Alca era uma bênção de Deus que ia salvar a América Latina. E o que nós dizíamos, baseados no que aconteceu na União Européia? Nós dizíamos que só era possível estabelecer um processo de livre comércio das Américas se nós tomássemos a mesma atitude que a União Européia tomou, em que os países mais ricos assumiram a responsabilidade de alavancar as economias mais pobres. E foi o que aconteceu com a Grécia, foi o que aconteceu com Portugal, foi o que aconteceu com a Espanha, e foi o que aconteceu com os bilhões de marcos alemães que a Alemanha Ocidental colocou, para recuperar a Alemanha Oriental. E continua ainda o mesmo processo, para ajudar a Europa do Leste, que agora adentra a União Européia.

Nós tínhamos consciência de que quando se falava em Alca, na América Latina, falava-se do Brasil, porque no fundo, no fundo, era uma relação Brasil-Estados Unidos. O PIB da Argentina tinha caído 14%, menos 14%. Em que condições Equador e Bolívia, iriam entrar na Alca? Quem é que iria ajudá-los a



ter o mínimo de padrão de desenvolvimento para que pudessem se tornar mais equânimes com as economias maiores?

Vejam que engraçado: quando nós adotamos a política de diversificação das nossas relações comerciais e adotamos a política de que era possível a gente mudar a geografia comercial do mundo, se a gente procurasse novos parceiros, tentasse discutir e encontrar nichos de oportunidade e similaridades entre os países mais ou menos iguais, sobretudo os em desenvolvimento, seria muito melhor para nós, nas negociações que teríamos que fazer com os países ricos.

Os senhores estão lembrados de que quando nós fomos a Cancún e propusemos o G-20, pelo menos aqui no Brasil, não sei como a imprensa mundial tratou, mas aqui no Brasil se vendeu a idéia de que tinha sido uma fragorosa derrota do Brasil. O dado concreto é que hoje é impensável se falar em negociação comercial, dentro da OMC, sem levar em conta a existência do G-20, sem levar em conta a existência da Índia, da China, do Brasil, da África do Sul, do México, da Argentina, da Indonésia e de tantos outros países que estão crescendo, proporcionalmente, mais do que os chamados “países ricos”.

O que aconteceu, desde então? Embora o Brasil tenha uma extraordinária relação comercial com a União Européia, somos hoje parceiro estratégico e queremos estabelecer uma parceria estratégica entre União Européia e Mercosul, temos uma extraordinária relação com os Estados Unidos e a nossa balança comercial vem crescendo a 15%, 20% nesses anos todos, o dado concreto é que hoje o Brasil exporta muito mais para a América Latina do que para os Estados Unidos e para a União Européia. O dado concreto é que nós saímos de 3 bilhões, de balança comercial com a África, para mais de 17 bilhões na balança comercial.

Eu me lembro que quando fui ao Oriente Médio diziam: “o que eu ia fazer no Oriente Médio?” O último brasileiro importante que tinha ido ao Oriente Médio foi Dom Pedro II, em 1847, que foi ao Líbano. Ora, os empresários



brasileiros que estão aqui sabem que eu cansei de desafiá-los e cansei de dizer às entidades representativas dos empresários que, em vez de ficar esperando o Banco Central se reunir uma vez a cada 45 dias para discutir a taxa de juros, e eles ficarem esperando para fazer crítica no dia seguinte, que seria extremamente importante que eles colocassem aviões *charters*, e muitos, e colocassem empresários brasileiros para viajar o mundo, para descobrir nichos de oportunidades para comprar e para vender. E isso, graças a Deus, está acontecendo como nunca aconteceu.

Eu me lembro que, em Angola, eu disse que os empresários brasileiros deveriam perder o medo de virar empresas multinacionais. A imprensa brasileira colocou que “o Lula critica os empresários brasileiros”. O meu desafio era que os empresários brasileiros precisavam descobrir a importância deles virarem empresários multinacionais, investirem em outros países, porque é um cartão extremamente importante de credibilidade e de sentimento de fortaleza da economia, uma empresa brasileira instalada em um grande país. Até exagerei, porque alguns saíram pelo mundo comprando empresas e compraram até demais, já estão precisando voltar a investir no Brasil um pouco.

Pois bem, nós estamos, neste começo de 2008, em que situação? Primeiro, os dados do PIB hoje são muito alentadores. Acho que todos já leram. A perspectiva para 2008 é muito melhor do que a de 2007. E vejam que eu sou muito cauteloso, eu não almejo ficar crescendo muito tempo a 10%, 11%, 8%, não almejo. Eu prefiro crescer 15 anos a 5%, de forma estável, de forma que a gente recupere a capacidade produtiva do País, que a gente nunca asfixie a capacidade instalada das nossas indústrias, e que elas acompanhem o crescimento da demanda externa e o crescimento da demanda interna, paulatinamente. É por isso que o crescimento tem que ser equilibrado, nem pouco, nem exagerado. Equilibrado o suficiente para a gente atender a uma demanda forte que está acontecendo hoje no Brasil.



Uma coisa importante, que um jornalista estrangeiro precisa conhecer e saber: havia mais de 20 anos que neste querido País não tinha uma placa na porta de uma empresa dizendo: “precisa-se de empregado”. Há mais de 20 anos. Hoje, nós estamos vivendo um momento inverso. Certamente, muita gente não acreditava que isso pudesse acontecer em tão pouco tempo. Hoje nós temos falta de pedreiro, temos falta de azulejista, temos falta de máquina de moer cimento, temos falta de grua, temos falta de engenheiro, porque o crescimento foi muito rápido e pegou o país, que estava há 26 anos com o crescimento muito baixo, despreparado. Agora, tanto o governo, como muitos empresários, na sua área específica, estão trabalhando para que a gente possa formar rapidamente as pessoas.

Eu vou dar um exemplo magnífico. Quando eu fui, na sexta-feira, lançar as obras do PAC no Complexo do Alemão, em Mangueiras e na Rocinha, tive uma alegre surpresa: 80% dos trabalhadores contratados para trabalhar na obra são trabalhadores da própria favela, dos quais 20% são mulheres. Em Mangueiras, por exemplo, eu fui cumprimentar 40 mulheres que já tinham feito curso para ser pedreiras, porque isso também no Brasil era uma tarefa de homem, até pouco tempo atrás. Nós estamos agora tendo que recuperar o tempo perdido na formação de quadros, para que a gente atenda a esse momento de crescimento da nossa economia. Alguns dizem: “mas a economia está crescendo por sorte, é só por sorte ou por causa do bom momento internacional”. Primeiro, pobre de quem não tiver sorte. Eu quero todo dia, pela manhã, me levantar com uma sorte imensa e que meus adversários se levantem com um azar imenso. É isso que eu espero. Eu sou tão bom que eu espero que eles também se levantem com sorte.

Os empresários brasileiros acompanharam as mudanças que nós fizemos na legislação. A Lei de Falências, a Lei de Inovação, a construção civil que estava atrofiada há 30 anos, nós quebramos todas as amarras que tinha no setor da construção civil neste País, todas. No Brasil, o sistema financeiro



era proibido de financiar habitação, por exemplo, porque a casa não podia ser hipotecada. Então, parecia que você estava garantindo o proprietário da casa e no fundo, você o estava castigando porque ele não tinha financiamento para a sua casa própria. É por isso que a construção civil voltou a crescer. O último investimento em infra-estrutura, neste País, aconteceu exatamente no governo Geisel, que foi de 1975 a 1980, que fez esse crescimento vigoroso baseado no chamado eurodólar, muito barato, e nós tivemos que pagar a conta depois de 1980. Mas o dado concreto é que foi o último momento de investimento em obras de infra-estrutura.

Eu não gosto de dizer determinadas coisas, porque pode parecer presunção, mas se eu perguntasse para os trabalhadores e para os empresários da construção civil e às grandes empreiteiras brasileiras – que eu estou vendo aqui – qual foi o último grande empreendimento de vocês em hidrelétrica? Não existia. E agora, eu espero que eles digam, quando eu virar as costas e for embora, que há mais de 20 anos eles não viviam o momento que estão vivendo agora. Antigamente eles tinham máquinas paradas, hoje eles não têm máquinas para atender a demanda que está acontecendo na sociedade.

Vocês vão perceber que nestes meses de março e abril todas as capitais brasileiras e todas as regiões metropolitanas das grandes cidades brasileiras estarão transformadas num canteiro de obras, porque são 40 bilhões de reais em investimento em saneamento básico e urbanização de favelas, e 106 bilhões de reais em habitação. Certamente, falando em bilhões de reais, para o inglês é pouco, porque a moeda de vocês é tão importante que fica pequeno o nosso investimento, mas quem vive de real sabe que nós estamos investindo o que poucas vezes foi investido neste País.

Alguns se queixam de que nós ainda temos problemas. E temos porque a concentração de problemas é histórico e você não resolve problemas seculares em pouco tempo. O dado concreto e objetivo, e eu vou dar um outro



exemplo para os empresários perceberem: este País tinha, na década de 70, a segunda indústria naval do mundo, e na década de 90 nós tínhamos apenas 3 mil trabalhadores na indústria naval brasileira. Não produzíamos mais navios, não produzíamos mais plataformas, não produzíamos mais cascos. Hoje, a indústria naval brasileira já está com mais de 40 mil trabalhadores, os nossos empresários do aço vão ter que produzir muita chapa para atender a demanda de navios que estamos construindo neste momento, fazendo os estaleiros que precisavam ser feitos neste País. Uma novidade: na década de 90 diziam que o Brasil não tinha competência para produzir plataforma, era preciso importar. Pois bem, nós estamos construindo plataforma no Brasil com 85%, de tudo que é montado nela, de componentes nacionais.

De vez em quando aparece alguém e fala o seguinte: “presidente Lula, se comprasse em Cingapura seria mais barato, 100 milhões de dólares mais barato”. É verdade, se eu pensasse apenas como empresa e pensasse apenas na relação empresa e lucro, mas eu tenho que pensar como Estado brasileiro. Quanto de conhecimento tecnológico nós trazemos para o Brasil? Quanto de salários nós pagamos? Quanto de imposto o nosso Estado recebe e quanto de riqueza a gente vai acumulando, desde o conhecimento à distribuição de renda neste País?

Hoje a nossa situação, eu poderia dizer para vocês, é uma situação de tranqüilidade. Vou repetir: nós temos muita coisa para fazer ainda, mas é de tranqüilidade. Imaginem vocês se fosse na década de 90 essa crise imobiliária americana. O que teria acontecido com o Brasil? Entretanto, nós estamos tranqüilos, obviamente preocupados, olhando com lupa, Gerdau, todo santo dia, conversando com o Guido, com o Meirelles, com os curiosos de economia, com os bons professores de economia, acompanhando. Já falei com o presidente Bush duas vezes que a crise é dele, por favor resolva e não jogue para cima dos países pobres, não. O sistema financeiro, que quis ganhar dinheiro apostando em cassino, que pague a conta, não transfira a conta para



os países que passaram 30 anos sem crescer, que agora estão tendo a oportunidade de crescer e não podem pagar essa conta. E graças a Deus, o sistema financeiro brasileiro não está metido nisso. Também, com os juros que nós cobramos, não precisava investir.

Eu quero dizer para vocês que o que nós já fizemos já foi extremamente importante. Nós tiramos 20 milhões de pessoas da extrema pobreza e vamos tirar mais. Os indicadores sociais, tanto os medidos pelos institutos brasileiros, como os medidos pelos institutos internacionais, que vão das instituições da ONU... Nós melhoramos gradativamente a posição social do Brasil. É um momento em que crescem os investimentos empresariais, cresce a entrada de dólar no Brasil, cresce a geração de empregos, cresce a renda das pessoas e ao mesmo tempo, cresce a inclusão social neste País. Agora, o que está faltando fazer? Educação, eu sei que vocês estão curiosos para discutir a educação. É uma pena que o meu ministro da Educação não tenha sido convidado para participar do seminário, já que é um tema extremamente importante e interessante. Mas, certamente, vocês receberão as informações, amanhã, do que está sendo feito na educação.

Eu vou dar dois exemplos para vocês: primeiro, nós criamos o Fundeb. No governo passado aconteceu uma coisa importante. Foi constituída a possibilidade da universalização do ensino fundamental. Nós chegamos a 97% das crianças nas escolas. Só que as pessoas não perceberam que quando você universaliza o ensino fundamental, você precisa saber que aquela criança, quando termina o ensino fundamental, tem que fazer outro curso. E não se pensou no ensino médio. Nós criamos o Fundeb para atender às necessidades das escolas de ensino médio para nove estados do Nordeste, que são as mais pobres, um Fundo que vai gastar, do governo federal, ou melhor, que vai investir mais 10 bilhões de reais no ensino fundamental. Segunda coisa: aumentamos de 8 para 9 a quantidade de anos de escolaridade no ensino fundamental. A terceira coisa: nós resolvemos



recuperar a escola técnica profissional que, no Brasil, nós tanto carecemos. Vou dar um dado para vocês. A primeira escola técnica brasileira foi fundada em 1909 pelo presidente Nilo Peçanha, na cidade de Campos de Goitacazes. Em 1909 foi feita a primeira escola técnica brasileira, na cidade de Campos. De 1909 até 2003 foram construídas no Brasil 140 escolas técnicas. Até 2010, nós teremos funcionando no Brasil mais 214 escolas técnicas brasileiras. Em oito anos, nós estamos fazendo quase o dobro do que foi feito em 93 anos.

A mesma coisa no ensino universitário. O Brasil, ao longo de toda a sua história, construiu 54 universidades federais. Nós vamos terminar o mandato construindo, em oito anos, dez novas universidades federais e 48 novas extensões universitárias, levando cursos universitários para o interior do País. A partir do mês que vem, no final de abril ou no começo de maio, eu dedicarei uma semana para inaugurar escolas neste País. Tinha sido aprovada uma lei, em 1998, que tirava do governo federal a responsabilidade de fazer investimentos em escolas técnicas e deixava por conta do mercado. O mercado não deu resposta e o Estado teve que voltar a assumir a responsabilidade de cuidar daquilo que o Brasil precisava.

Mais importante ainda, nós tínhamos um problema sério de colocar jovens pobres na universidade. Vocês sabem que aqui no Brasil – não sei como é na Inglaterra e nos Estados Unidos – o pobre estuda na escola pública, no ensino fundamental, e o rico estuda em escola paga. Isso, no ensino fundamental. Quando chega na universidade, o rico vai para a escola pública e o pobre vai para a universidade privada. Como o pobre não pode pagar a mensalidade, ele fica fora. O que nós fizemos? Nós criamos um programa chamado ProUni, fizemos uma isenção de imposto para as universidades privadas e transformamos o equivalente do imposto em bolsas de estudo. Pasmem! Em três anos já colocamos 360 mil jovens na universidade, jovens pobres da periferia e da escola pública. De que eu era acusado? Qual era a acusação que me faziam? “O presidente Lula está nivelando o ensino por



baixo, está rebaixando o nível do ensino no Brasil, na medida em que criou o ProUni.” Como eu sou católico e tenho sorte, três anos depois foi feita a primeira avaliação dos cursos universitários brasileiros. Em 14 áreas, incluindo Medicina e Engenharia, os melhores alunos avaliados foram, exatamente, os que iam nivelar por baixo a educação no Brasil: foram os alunos do ProUni, da periferia deste País.

Agora estamos fazendo uma outra pequena revolução na educação. Estamos criando outro programa, chamado Reuni. O que é o Reuni? Nós estamos passando uma verba a mais para as universidades federais brasileiras e, em contrapartida, as universidades brasileiras, as federais vão aumentar, de uma média de 12 alunos por professor, para uma média de 18 alunos por professor. Sabem o que significa isso? Mais 400 mil jovens brasileiros na universidade até 2010.

Isso é tudo? Não. Isso resolve todos os problemas? Não. O problema é que se cada presidente que passou pela Presidência deste País fizesse um pouco pela educação, nós não teríamos 54 universidades, nós teríamos 200 universidades; nós não teríamos 3 milhões na universidade, teríamos 10 milhões na universidade. O dado concreto é que nós estamos querendo preparar o Brasil para que os próximos que venham depois de nós consigam dar continuidade a um programa de educação, que é a única possibilidade de inserir, definitivamente, o País no rol dos chamados países desenvolvidos, não apenas do ponto de vista econômico, mas também do ponto de vista da formação e da qualificação da sua gente.

No Brasil tem uma coisa que eu queria que vocês compreendessem bem: tudo o que a gente faz para o pobre é gasto; tudo o que a gente faz para os setores mais ricos – que precisamos fazer também – é investimento, o que é uma distorção conceitual muito séria. Quando nós damos uma Bolsa Família de 75 ou 80 reais para uma mulher pobre, ela se transforma numa consumidora em potencial de alimentos, de roupas, de coisas de primeira



necessidade, que é um sonho que nós tínhamos, de criar um mercado de massa, que os pobres pudessem adentrar... E não faz muito tempo... Há 20 anos eu, que era um trabalhador qualificado, para comprar danoninho para os meus filhos, eu comprava medido, por semana, só podia tomar um, se tomasse dois era castigado, só faltava colocar cadeado na geladeira. E eu era considerado classe média operária. Se tivesse trabalhado na fábrica de alguns aqui, quem sabe eu tivesse ganho um pouco mais, mas eu estava na Villares, então, não estava ganhando tão bem.

Mas hoje uma pessoa de um meio de comunicação importante no Brasil ficou indignada porque uma mulher do Bolsa Família comprou uma geladeira. Obviamente que ela não comprou com o dinheiro do Bolsa Família, mas o dinheiro do Bolsa Família pode ter ajudado a pagar a prestação. Isso porque não fizemos o nosso programa de renovação de geladeira que vamos fazer, se Deus quiser. A imprensa foi lá e entrevistou essa moça. Ela falou: “não só eu comprei a geladeira, como estou de sandália nova porque eu pude comprar, eu compro sandália para os meus filhos”. Antes do Bolsa Família, tinha mulher que comprava um lápis e partia ao meio para dar para dois filhos ou para dar para dois netos. Hoje, ela se dá o prazer de comprar uma caixa de lápis para cada um. Isso não é investimento? Isso não é distribuição de renda? Isso não é investimento sadio? Então, no Brasil nós ainda temos que mudar determinados conceitos que foram criados ao longo do tempo.

E aí, entramos na questão da política tributária. Aqui no Brasil, o Estado não pode arrecadar, porque se ele arrecada, a manchete dos jornais é: “aumentou a carga tributária”. É importante saber por que a carga tributária aumentou. Se ela aumentou por aumento de alíquota é um erro, mas ela pode ter aumentado porque aumentou o lucro dos empresários, porque aumentou a massa salarial. Aí, é um bom aumento. Ela pode ter aumentado porque acabou ou diminuiu a elisão fiscal, aí não é ruim, é uma coisa boa. O que é importante é que o Estado tenha uma capacidade de arrecadar e saiba como devolver



esse dinheiro, para que ele possa gerar mais pessoas incluídas neste País.

Uma coisa extremamente importante: este mês agora nós vamos lançar um programa de inclusão digital. Vamos levar para 55 mil escolas públicas urbanas, neste País, internet banda larga. Eu penso que será uma pequena revolução na educação, neste País. Em todas as escolas técnicas já temos laboratórios de informática. Criamos um programa chamado Computador para Todos, que eu acho que vocês conhecem, que diziam que era difícil, não ia dar cento. Hoje, o Brasil está vendendo computador como jamais pensou em vender na sua vida. E vender para as camadas mais pobres, porque nós estamos trabalhando com uma coisa que todo mundo deveria compreender: não é apenas olhar o preço final do produto, é saber se a quantidade de prestações que a pessoa vai pagar cabe dentro do seu salário.

Por que a indústria automobilística brasileira está explodindo? Eu convivo com a indústria automobilística brasileira desde 1969, fui dirigente sindical desde 1975, presidente do sindicato. Sempre vi a indústria automobilística em crise, fechando em vermelho, não vende, (inaudível) do governo... Qual é o milagre? Dois milagres fundamentais: primeiro, aumentar a renda das pessoas; segundo: aumentar a quantidade de prestações que a pessoa tem que pagar pelo carro, porque se vendia carro para pagar em 24 meses ou em 30 meses, tinha sempre o mesmo segmento da sociedade que podia comprar. Eu tenho na minha cabeça que o povo quer três coisas: casa, casar com uma mulher bonita, e a mulher quer casar com um homem bonito e ter um carro. Carro ainda é uma paixão, hoje repartida com o computador.

O que fez a indústria automobilística? Aumentou a quantidade de prestações, saiu de 36 ou de 24 para 72, para 82. E o que aconteceu? Aconteceu que a indústria automobilística corre o risco de, já no próximo ano, atingir a totalidade da sua capacidade produtiva. Hoje, as pessoas estão esperando 6 meses para comprar um caminhão e, se for um caminhão pesado, espera até 9 meses. As pessoas estão na fila para comprar carro. Até ontem, a



empresa ia quebrar: “eu vou embora do Brasil, porque não está dando para vender”.

E agora nós vamos fazer uma outra coisa importante, nós vamos lançar – talvez o Miguel Jorge fale amanhã, o ministro do Desenvolvimento – um programa de política industrial, que vai ter como base a política de exportação. Vamos facilitar as coisas para os setores exportadores brasileiros. E vamos fazer porque nós queremos provar que não somos bons para competir apenas no futebol, no voleibol ou no carnaval, nós queremos competir na exportação de produtos manufaturados. E queremos competir com todos, porque achamos que o Brasil tem potencial para isso, há uma esperança muito grande no setor empresarial, há um otimismo muito grande dos trabalhadores brasileiros, há um clima na sociedade, muitas vezes não visto por quem não quer ver.

Esses dias eu recebi aqui o ex-presidente de Portugal, Mário Soares. Ele veio aqui, como jornalista, fazer uma entrevista para a TV Pública de Portugal. Ao se sentar, no meu gabinete, ele falou assim para mim: “Presidente, eu não estou entendendo. Eu leio a imprensa estrangeira e vejo que o Brasil está muito bem, eu converso com empresários estrangeiros e vejo que a economia brasileira está muito bem. Mas quando eu leio a imprensa brasileira eu penso que o Brasil acabou, parece que acabou o Brasil”. Ele foi conversar com algumas pessoas de oposição. Ele falou: “Presidente, eu não acredito. O que as pessoas disseram para mim não é a realidade”. Até porque Portugal tem muitos investimentos no Brasil e ele conversa com os empresários portugueses. Quando chegou em Portugal ele escreveu um artigo muito importante, numa entrevista, vendo o que estava acontecendo no Brasil.

Vocês poderiam fazer um teste. Peguem alguns articulistas econômicos e vejam o que eles disseram, nesses últimos cinco anos, da economia brasileira. A gente vai constatar que erraram todas. Porque as pessoas gostam de errar, obviamente que quem erra não tem sorte, não pode ter sorte. Então, nós precisamos trabalhar com a convicção... É motivo da minha



conversa com os países ricos, motivo da minha conversa com os Estados Unidos: os Estados Unidos e a União Europeia precisam olhar para a América Latina com olhos diferentes do que olhavam na década de 60 ou na década de 90. Precisam olhar para um continente que quer crescer, que quer investir, que quer consolidar a democracia, que quer gerar riqueza e quer participar deste mundo globalizado, vendendo e comprando.

Aí, entra a questão do acordo da Rodada de Doha. O que está acontecendo na Rodada de Doha? A União Europeia não abre mão de dificultar a entrada dos produtos agrícolas dos países pobres. Os Estados Unidos querem reduzir o subsídio de 13 para 17, eu nunca vi reduzir para cima. Embora esteja garantido que eles podem subsidiar até 17 bilhões, nos últimos dois anos subsidiaram 11 bilhões. Agora querem elevar para 13, com flexibilidade até 17. Onde está a redução? E sabe o que querem? Que o G-20 flexibilize nos produtos industriais. Nós estamos até dispostos a flexibilizar e eu tenho certeza de que haverá concordância de quase todos os empresários brasileiros, mas é importante que a gente faça uma flexibilização que não permita que quebre a nossa indústria. Afinal de contas, tem países na América Latina que estão se recuperando agora. Como é que nós vamos deixar de crescer? Como é que a gente pode conviver se as pessoas não pagam uma sobretaxa de imposto pelo petróleo importado do mundo inteiro e colocam uma taxa de imposto muito alta para o etanol brasileiro? Como é que falam no livre comércio e sobretaxam o aço brasileiro? Como é que falam em mercado livre e sobretaxam o suco de laranja brasileiro? Ora, é importante que a gente não tenha dois discursos, um discurso público para os nossos eleitores e um discurso que fica no dia-a-dia de cada um. Então, o que nós estamos nos propondo, neste momento, é discutir com muita seriedade e com muita serenidade esses assuntos.

Quando nós resolvemos discutir a mudança no Conselho de Segurança da ONU, é porque não pode mais. O mundo de 2008 não é o mundo de 1948,



é só olhar o mapa geográfico, mudaram os países, mudou a geopolítica. E por que apenas cinco países ainda são os membros permanentes? Por que não tem um representante por continente? O Japão não pode entrar porque a China não deixa, a Alemanha não pode entrar porque a Itália não quer, o Brasil não pode entrar porque não sei quem não quer. Onde é que está a representação? A maioria das guerras está na África. Por que não tem um africano no Conselho de Segurança? Ao mesmo tempo, a gente fica percebendo, que por coincidência ou não, os cinco maiores vendedores de armas do mundo são os cinco membros do Conselho de Segurança. Poderiam construir floriculturas e vender flores, aí eu acreditaria em paz e segurança. Mas se são vendedores de armas, significa que nós temos poucas possibilidades. Por que nós queremos que entre alguém da América Latina, que entrem pelo menos dois países da África, que entre a Alemanha, que entre o Japão? Para que a gente tenha uma coisa mais justa. O que nós queremos é construir isso. Agora, isso é quase intocável. Discursos favoráveis tem muitos. Todo mundo fala: “nós somos favoráveis”. Mas é aquele negócio da noiva que fica pedindo para o cara “vamos casar, marca a data”, e o cara: “espera um pouco, eu te amo, mas espera um pouco”, e vai enrolando.

Então, eu penso que nós chegamos em um momento que nós precisamos dizer ao mundo o seguinte: o continente africano vai continuar sendo um continente pobre, também no século XXI? Ou nós poderemos, através da política dos biocombustíveis, fazer parceria entre os países ricos e os países da África e produzir parte da energia renovável que o mundo desenvolvido quer, nos países mais pobres? Qual é a mudança que nós vamos fazer? Eu confesso a vocês que acho difícil. Mesmo entre os seres humanos, individualmente, ninguém quer abrir mão das suas conquistas. Eu não conheço um único ser vivo do Planeta que aceite reduzir 5% no seu salário para ajudar a pagar o ascensorista que trabalha no seu prédio. Eu acho difícil que os países queiram abrir mão do padrão extraordinário que conquistaram, em



benefício dos mais pobres. Nós não estamos pedindo para ninguém abrir mão. Nós só queremos mudar a relação comercial existente, para que esses países tenham um padrão de desenvolvimento que possa garantir que eles vivam em paz.

Bem, meus amigos, dito isso, eu quero finalizar dizendo para vocês que eu estou convencido de que o Brasil chegou ao seu momento de maioridade. Em 2022 o nosso País completa 200 anos de independência. Eu digo todos os dias que eu não jogarei fora, por nada deste mundo, o que nós conquistamos. Não permitirei, em hipótese alguma, que alguém pense que nós já estamos com os problemas todos resolvidos, que a economia já está totalmente consolidada, que nós não temos mais nenhum problema e portanto, agora, vamos gastar. Não há hipótese. A minha formação econômica é a de um assalariado. Todas as vezes que alguém que vive de salário gasta mais do que ganha, quebra a cara. Portanto, não se assustem, porque eu não fico preocupado de ser chamado de conservador. Não me assusta. Eu quero ser bastante agressivo na política de distribuição de renda neste País, na política social. Na economia eu quero ser cauteloso, para fazer com que as coisas aconteçam paulatinamente, sem que possa subir a pressão rapidamente e a gente quebre. Eu não quero momentos de euforia. Eu quero momentos de responsabilidade de todos nós.

Hoje foi anunciado o PIB, e eu disse ao meu Ministro do Planejamento: você vai dar entrevista? Vai dar entrevista comedida, porque se der uma entrevista muito eufórica, já vai gente querer aprovar o que a gente não pode. Tem uma coisa que eu sei que inquieta algumas pessoas, que são os gastos públicos. Eu queria dizer uma coisa para vocês. Se nós analisarmos os gastos públicos que o Brasil tem hoje com o que nós oferecemos de retorno para a sociedade brasileira, possivelmente a gente gaste muito. Mas se a gente for analisar o que a gente precisa gastar para atender as necessidades vitais da população, nós gastamos pouco. Todo mundo quer mais escolas, todo mundo



quer mais saúde, todo mundo quer mais infra-estrutura, e isso precisa de investimentos.

Se eu quiser governar o Brasil para 35 milhões, eu não terei problemas, porque o Brasil tem espaço para 35 ou 40 milhões de brasileiros viverem em um padrão de classe média alta européia. Se eu quiser governar só para esses, eu não preciso, realmente, fazer investimento do Estado. Agora, se eu quiser e o Brasil desejar incluir os milhões que estão deserdados, aí, realmente, nós vamos ter que gastar. Eu vou dar um exemplo. Seria importante vocês deixarem dois ou três jornalistas aqui, para andar um pouco no Brasil. Quando criei o programa chamado Luz para Todos, eu tinha uma informação do IBGE de que no Brasil tinha 10 milhões de pessoas que não tinham energia elétrica. Criamos o programa Luz para Todos. Esse programa já utilizou 460 mil quilômetros de cabos – imaginem quantas vezes a gente poderia ter enrolado a Terra – já colocamos mais de 3 milhões e 600 mil postes, já colocamos mais de 500 mil transformadores e já gastamos mais de 8 bilhões de reais. Oitenta por cento financiado pelo governo federal e 20% pelos estados. Alguns estados não podem pagar e nós pagamos também.

Alguém, analisando apenas com uma visão estritamente econômica, poderia dizer: “mas isso não é possível, tem que cobrar”. Se cobrar não tem energia, porque as pessoas não têm como pagar. Agora que nós já fizemos, e quase 8 milhões de pessoas já receberam, nós descobrimos que os dados do IBGE estavam errados. Apareceram mais 1 milhão e 564 mil pessoas sem luz, e vamos ter que levar, até 2010, para todo mundo. Custa para o Estado? Custa. Alguém que estivesse discutindo do ponto de vista econômico poderia dizer: “custa para o estado, é verdade presidente Lula, custa para o Estado”. E eu poderia perguntar: quanto custa para o Estado deixar essa pessoa vivendo no século XVIII quando nos poderíamos trazê-la para o século XIX com um cabo, um poste e um bico de luz? É preciso ter a sensação do que significa chegar a uma casa, encontrar uma família no escuro – uma lata de coca-cola



com pavio, a lata cheia de querosene – e as crianças lendo em torno da lata, a fumaceira cobrindo a casa. Aí, você monta o Programa, chama a mulher e aperta uma tomada. Quando a luz acende dentro da casa dela, é como se você a tivesse transportado do século XVIII para o século XXI, e não há dinheiro que pague. Como custam R\$ 4,5 bilhões o que estamos investindo para tentar trazer de volta para a cidadania 4 milhões e 100 mil jovens, de 15 a 24 anos. Ou nós colocamos esse dinheiro, dando uma ajuda para eles e formando-os profissionalmente, ou o narcotráfico e o crime organizado vão oferecer a eles o que o Estado não oferece. Essa guerra eu não quero perder. Eu quero ganhar.

Por isso, quando a gente discutir os gastos do Estado, nós temos que olhar comparando a quê? Alguns países estão prontos há pelo menos 60, 70, 80 anos. Nós precisamos ficar prontos e só ficaremos prontos quando a totalidade dos brasileiros estiver participando desse processo de desenvolvimento do País. Caso contrário, não valeu a pena a gente governar o País se o resultado, no final do mandato, for a gente continuar com a mesma quantidade de gente na classe média, com a mesma quantidade de ricos e com a mesma quantidade de pobres. Eu quero aumentar o número de ricos, quero aumentar o número de gente na classe média e quero acabar com a pobreza neste País. Por isso, para nós é uma questão de honra não abrimos mão de fazer as políticas sociais que estamos fazendo agora. E vou fazer mais.

Vocês sabem que a oposição derrotou o imposto que nós tínhamos sobre transações financeiras. E não derrotou porque era contra o imposto, não, derrotou porque acharam que era demais garantir ao governo do Lula ter 120 bilhões de reais até 2010, e era preciso diminuir. Nós lamentamos. Chorar não choramos, mas lamentamos. Nós tínhamos aprovado um Programa de Saúde que era uma revolução na Saúde, e eu vou implementá-lo. O dinheiro vai aparecer, e podem ficar tranquilos que eu não vou aumentar tributo e o dinheiro vai aparecer. Podem ficar certos de que nós vamos gastar melhor o que temos que gastar e economizar onde não é essencial, para a gente gastar onde é



essencial. Eu tenho um sonho, que é levar médico, levar dentista, levar oftalmologista e levar otorrino dentro das escolas para fazer exame nas crianças. Eu tinha isso na década de 60. Está certo que nós tínhamos pouca gente na escola, mas na década de 60 o Estado brasileiro oferecia dentista para cuidar dos dentes das crianças. Se vocês andarem pelo Nordeste brasileiro, apesar de tudo que nós já fizemos com o Brasil Sorridente, nós ainda temos muitas meninas e meninos de 18 ou 19 anos sem dentes. Quem vai cuidar disso? A iniciativa privada só vai cuidar disso se essa pessoa tiver renda para pagar. Se ela não tiver, é o Estado que tem que fazer. Na hora em que o Estado cumprir com as suas obrigações, podem ficar certos de que as próprias pessoas vão tratar de exigir que o Estado seja cada vez menos intrometido nas coisas que não precisa se intrometer. Mas sem o Estado não haverá inclusão social neste País, sem o Estado a gente não consegue recuperar um século de descaso com parte da população mais pobre deste País. E é por isso que nós estamos vivendo este momento.

Quero dizer para vocês que vamos crescer mais em 2008, que vamos fazer mais políticas sociais em 2008, que queremos exportar mais em 2008, que queremos importar mais em 2008, que queremos consolidar o Brasil como a principal potência dos combustíveis renováveis, e queremos inserir o Brasil, cada vez mais forte e sólido, neste mundo globalizado. Sabemos que temos que trabalhar muito e sabemos que a única chance que nós temos de chegar lá é nos colocarmos diante do mundo com a seriedade que nós queremos das pessoas.

Eu me lembro que, em 1982 – e eu vou terminar com isso –, eu fui candidato a governador do estado de São Paulo. Fiquei em quarto lugar. Mas fizeram uma pergunta para mim: “Lula, por que você quer ser candidato a governador?” E eu respondi: porque eu quero ver se eu sou capaz de fazer o que eu acho que eles têm que fazer. A minha vontade de ser presidente da República era para provar que é possível fazer as coisas que, durante tantos



anos, a gente dizia que dava para fazer. Estamos conseguindo fazer, com a compreensão da sociedade brasileira, com a compreensão dos trabalhadores, com a compreensão dos empresários, com a compreensão de amplos setores. E estamos fazendo.

É por isso que eu sou o mais otimista dos brasileiros. O momento que nós construímos hoje é um momento que me garante dizer para vocês: não pensem que o Brasil vai tremer diante de qualquer coisa. Quando eu acordei, há 15 dias, sabendo que o Brasil tinha deixado de ser devedor para ser credor, foi motivo de muita alegria. Como foi motivo de muita alegria quando chamei o meu amigo Köhler para dizer para ele – já não era mais ele, era o Rato – que eu não precisava mais do dinheiro do FMI, que ele poderia levar os 15 bilhões e 900 milhões de dólares que tinha aqui. Não fiz discurso em televisão, não fiz cadeia. Com a tranqüilidade, o respeito e a amizade que eu tinha criado com eles, comuniquei, da mesma forma como pagamos o Clube de Paris.

Eu me lembro que em 2004 eu estava na Índia, quando a Índia atingiu 100 bilhões de dólares de reservas. Eu voltei para o Brasil, no avião, pensando: puxa vida, o dia em que o Brasil atingir 100 bilhões de dólares de reservas vai ser fantástico. Hoje, estamos com quase 200 bilhões de dólares de reservas. E tem uma teoria na minha cabeça, tem uma coisa: os países que detêm grandes reservas ainda não se reuniram para discutir o que fazer com as reservas. Eu quero fazer uma reunião com os maiores países que têm reservas, para a gente discutir o que vai fazer com essas reservas, que passo pode ser dado, o que a gente pode fazer porque, também, não podemos ficar com as nossas moedas se desvalorizando. É preciso que a gente pense em alguma coisa, e isso nós vamos fazer. Vamos fazer com a Rússia, vamos fazer com a China, com a Índia, com o Brasil e com outros países, para que a gente comece a ter uma inserção maior nas decisões políticas do mundo.

Vocês sabem que eu cansei de viajar o mundo. Eu perdi três eleições. A gente aprende muito quando perde muitas eleições. E é engraçado, eu viajava



pelo mundo, chegava em Londres, em Nova Iorque, em Frankfurt, em Paris, e ia fazer reunião com jovens, nenhum com mais de 30 anos, e eles davam palpite sobre a Bolívia como se fossem *experts* em Bolívia, davam palpite na economia do Brasil como se conhecessem o Brasil. Nunca tinham vindo ao Brasil. Esperem aí. Não seria melhor a gente discutir por que essas pessoas, que sabiam de tudo, não sabiam dos títulos subprime? Não é importante fazer essa discussão agora? Se vocês tinham tanto palpite para dar, tinham tanta coisa para nos falar... Quando a gente é pobre, e a gente deve, é uma desgraça. Quando você é pobre e deve, as pessoas olham para você com empáfia, as pessoas olham como se tivessem dois metros de altura, e você tivesse um metro e 50. Eu ainda não tenho dois metros de altura, estou no meu um metro e 70, mas eu quero que eles baixem o seu tamanho e percebam que quem sabe cuidar do País é quem vive neste País, é quem conhece o País, é quem sabe o que pensa o povo deste País. E como eu sei que as políticas populistas durante muito tempo quebraram este País, podem ficar certos de uma coisa: eu gosto de ser chamado de popular e me ofendo em ser confundido com populista. É por isso que eu acho que o Brasil vai dar certo.

O mesmo respeito que eu tenho pelos empresários brasileiros que estão aqui, eu tenho pelos estrangeiros. O mesmo respeito que eu tenho pelos empresários eu tenho pelos trabalhadores. E trato a todos com a mesma deferência porque diante de mim está um ser humano que pode mais ou que pode menos. Mas se todos agirem pensando que o mundo hoje é muito pequeno para os 6 bilhões de habitantes, e cada um fizer a sua parte, nós teremos chance de construir um mundo muito mais justo. Eu acho que é isso que nós estamos descobrindo.

Por isso, quero terminar dizendo: vivo um momento muito importante para o meu País. Eu tenho muita sorte, porque passei 30 anos fazendo oposição e os outros presidentes não tiveram condições de viver este momento. Eu espero, quando deixar o governo, não voltar a ser tão oposição



mais, porque eu espero eleger o meu sucessor e espero que este País tenha seqüência. Nós precisamos de, no mínimo, 10 ou 15 anos de crescimento sustentável para que a gente possa recuperar todo o tempo que nós perdemos. É assim que nós vamos governar o Brasil, é assim que nós vamos aprovar a reforma tributária. Podem escrever nas suas matérias, nós vamos aprovar a reforma tributária este ano. A oposição passou oito anos falando em reforma tributária e agora está lá o projeto, é só votar. Podem fazer uma emenda aqui, outra emenda ali, mas vão votar. Uma reforma tributária justa, que diminua a quantidade de impostos que temos neste País, que facilite a vida de quem quer investir, que facilite a vida de quem construir um negócio, que facilite a vida do povo, que reduza a quantidade de tributos e, ao mesmo tempo, que a gente acabe com a guerra fiscal fratricida neste País. Eu acho que nós vamos aprovar, não sei por que eu estou otimista. Espero contar, sobretudo, com o apoio de vocês, empresários brasileiros, conversando com quem vocês conhecem, para a gente aprovar isso.

Muito obrigado.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na solenidade “MDS 4 anos: Superando a Fome e Reduzindo as Desigualdades Sociais”

QG do Exército, Setor Militar Urbano - Brasília-DF, 12 de março de 2008

Bem, meu companheiro José Alencar, vice-presidente da República,
Meus companheiros ministros aqui presentes,
Embaixadores acreditados junto ao governo brasileiro,
Companheiro Patrus,
Meu caro comandante do Exército, Enzo Martins Peri,
Governadores aqui presentes,
Meu caro Serafim, prefeito de Manaus,
Cid Gomes, governador do Ceará,
Wellington, governador do Piauí,
E Jaques Wagner, governador da Bahia,
Minha querida Joselita, moradora de Aracaju,
Companheiros e companheiras,

Primeiro, quando o Patrus estava falando aqui, do Ministério dele, Paulo Bernardo, eu só fiquei imaginando ele te cobrar o concurso para aumentar o número de funcionários do Ministério. E eu pensei que dentre as coisas que eu ia assinar, você já tinha concordado de mandar para lá.

Bem, eu vou ser muito breve, porque tenho um compromisso às 5h30 e ainda preciso discutir com algumas pessoas.

Mas eu queria, Patrus, dizer para você o seguinte: o Ministério do Combate à Fome é um ministério em formação. Até porque todos nós, quando lançamos o programa Fome Zero, depois criamos o Ministério, depois criamos o Bolsa Família, nós tínhamos clareza de que era importante a gente ir



aprendendo o que significaria fazer política social para milhões e milhões de brasileiros que, muitas vezes, passaram décadas sem ver a figura do Estado, seja da União, dos estados e dos municípios, batendo na sua casa ou passando na sua rua.

E o desafio foi importante, porque o grande adversário do Ministério e dos programas foi enfrentar o preconceito, um preconceito cultural, um preconceito que está arraigado na cabeça de uma parte da elite brasileira que acha que tudo o que a gente dá para ela é investimento, e tudo o que a gente dá para os pobres é gasto. Não têm dimensão cultural para fazer uma inflexão e perceber que o que nós investimos em políticas sociais significa um investimento tão importante quanto qualquer outro investimento. Porque por menos que você dê para uma pessoa pobre, você estará transformando essa pessoa numa espécie de consumidora dos bens de consumo populares que nós mesmos produzimos no Brasil.

Aliás, é importante lembrar para esses céticos que uma parte do sucesso da economia brasileira anunciada pelo IBGE, hoje, do crescimento do PIB, está subordinada à questão do crescimento do mercado interno. Significa que os pobres estão comendo mais, os pobres estão vestindo mais. E não apenas no Brasil, em quase todo o mundo. Na África, os pobres estão comendo mais; na China, estão comendo mais; na Índia, estão comendo mais; na América Latina toda estão comendo mais, e no Brasil estão comendo mais.

Eu estive, agora, com o Cid lá em Quixadá, no estado do Ceará. Em 2003, no último plano agrícola que nós lançamos – você estava lá, Guilherme – o governo federal colocava, para ajudar a agricultura familiar no Ceará, em 2003, apenas 28 milhões de reais. Este ano, chegou a 349 milhões de reais. São apenas 320 milhões a mais. Vou seguir assim em todos os estados.

O milagre do programa Luz Para Todos, Patrus, eu digo sempre que levar luz à casa de uma pessoa é retirá-la do atraso do século XVIII para levá-la para o século XX. E já são quase 8 milhões de pessoas, e vamos chegar



agora, até o final deste ano, a completar a meta que nós nos propusemos.

E aconteceu uma coisa grave, mas boa para nós: é que depois que nós começamos a fazer o programa Luz para Todos, quando nós começamos a cumprir a meta do IBGE, nós descobrimos que os números do IBGE estavam menores do que a necessidade, descobrimos mais 1 milhão e 564 mil pessoas que precisam de luz elétrica e vamos levar até 2010. Quem é que falava em quilombolas neste País, a não ser para fazer discursos, no dia 13 de maio ou dia 20 de novembro?

Pois bem, Patrus. Há um significado muito grande no aniversário de quatro anos. Eu espero que os outros ministros não queiram fazer aniversário dos seus ministérios, porque como são mais de 30, eu vou passar o ano inteiro participando de aniversários, e não é possível. Eu acho que é importante nós termos claro que nós despertamos neste País uma idéia, eu diria, força, uma idéia de força, que atende diretamente mais da metade da população brasileira, nos mais diferentes programas, que até outro dia só tinham valor na época das eleições. O único momento da história deste País em que o pobre tinha valor era no dia da eleição, porque não tem distinção entre pobre e rico, todo mundo está na fila para votar. Vocês nunca viram um político falar mal de pobre em campanha, só falam mal de rico. Não tem um político que não critique banqueiros, usineiros, fazendeiros e os grandes empresários. Agora, quando chega na época da eleição, que ganha as eleições, quem é que almoça com ele? Não é o pobre, muito menos as pessoas do Bolsa Família. Então, o que foi feito de milagre foi isso, Patrus. As pessoas se descobriram para este País, e o País descobriu essas pessoas. O que nós precisamos fazer agora é consolidar um processo tão forte da relação Estado e sociedade, que quem vier depois de nós tem que trabalhar com essa gente com respeito, atendendo às necessidades prioritárias do povo brasileiro.

Eu, Patrus, aprendi uma coisa: se tem uma coisa que os pobres deste País têm é humildade, eles não querem muito. Vamos ver o que o pobre quer?



O pobre quer tomar café, almoçar e jantar com a sua família. Isso é garantido pela Bíblia e pela Constituição. Mas, ainda, nós fizemos o Estatuto da Criança e do Adolescente, que também garante. Então, tem muita coisa que garante. Segundo, o pobre quer ter uma casinha para morar, isso também está garantido na nossa Constituição. O pobre quer ter o direito de estudar, isso também está garantido na nossa Constituição.

Eu fico pensando: os pobres deste País não precisariam fazer, Marinho, nenhuma revolução. O que eles deveriam fazer era andar com a Constituição na mão exigindo que nós, que fizemos a Constituição, cumpríssemos a Constituição e atendêssemos às necessidades básicas e vitais deles. Não existe nenhum problema, nenhum ato de rebeldia, é apenas cumprir aquilo que já está na lei, aprovado por unanimidade por todo mundo. E por que é tão difícil? É tão difícil porque durante muito tempo os pobres foram utilizados como massa de manobra neste País. E nós queremos acabar com isso.

O programa Bolsa Família, eu não conheço uma pessoa que tem um cartão. O prefeito, que eu não sei se é do PFL, do PSDB, do PT, do PMDB, do PSB, do PDT, do PSN, do PRB, do PR, do PTB, eu não sei de que partido é o prefeito, ele sabe que recebe o Bolsa Família, eu não sei. A Maria Fernanda também não sabe, a presidente da Caixa Econômica. Porque a nossa relação não pode ser uma relação mesquinha, do favor. Tem que ser uma relação republicana, em que não importa quem seja o prefeito. O que importa, é que se lá estiver um pobre que está enquadrado dentro das diretrizes do Programa, essa pessoa vai ter que ser atendida. E na hora em que essa pessoa estiver comendo, almoçando, jantando e tomando café, essa pessoa vai evoluindo e vai deixando de ser massa de manobra.

Esses quatro anos no Ministério, Patrus, que poderíamos estar aqui comemorando o aniversário de quatro anos da Secretaria Especial da Igualdade Racial, que poderíamos estar aqui inaugurando ou comemorando os quatro anos da Secretaria Especial da Mulher, da Secretaria Especial dos



Direitos Humanos, da Secretaria Especial da Pesca, de todas as coisas que nós criamos atendendo o interesse que a sociedade brasileira nos colocou durante a campanha e nos colocou depois. Então, eu penso, Patrus, que com essa paciência mineira que você tem, nós – e eu tenho certeza que a sensibilidade paranaense do Paulo Bernardo compreendeu o clamor, a eloqüência sua, o heroísmo dos nossos mil e 300 funcionários do MDS. Eu até pensei que, pelo fato de ser aniversário, quando você falou duas vezes, três vezes, quatro vezes, eu pensei que o Paulo Bernardo fosse levantar e gritar: “Já atendi, Patrus, vou atender, vou mandar fazer”. Mas, ele é duro na queda, viu, Patrus. Vai precisar mais uma conversa. Hoje, com as notícias do PIB, ele está satisfeito. Levantou rindo. Porque, também, está cheio de analistas econômicos que dão palpites, gente. Vocês sabem que, se a gente fosse aceitar os palpites de todos que dão palpites, a gente ia embora porque o Brasil ia acabar. Entretanto, hoje, de forma muito gostosa, para quem acreditou, o nosso PIB não cresceu 4.1, 4.2, 3.9, 4.5, 4.7, como todos avaliaram. Cresceu 5.4. E quando houver a revisão, vou falar, de público, aqui, para o Paulo Bernardo, vai ser mais de 5.4. E nós queremos trabalhar para que isso aconteça durante 10 ou 15 anos seguidos, para que o nosso País recupere os 30 anos perdidos na década de 70, da década de 80 e uma parte da década de 90.

Eu vivi, na última sexta-feira, no Rio de Janeiro, um dos momentos mais sagrados que um político pode viver. Saber que era a primeira vez que um presidente da República estava subindo em Manguinhos, Complexo do Alemão e na Rocinha. E fomos subindo em um momento muito importante, que era o de levar não promessa, mas levar ordem de serviço, levar esperança muito concreta, porque na segunda-feira já começaram as obras. Oitenta por cento das pessoas contratadas, Patrus, foram contratadas nas próprias comunidades. E, dentre os 80%, 20% eram mulheres, cadastradas, formadas profissionalmente e trabalhando lá. É isso, Patrus, que mostra que nós vamos



fazer com que o Bolsa Família vá deixando de atender 11 milhões de pessoas. Não porque a gente vá atender aqueles preconceituosos que querem que a gente acabe com o Programa. É porque as pessoas vão arrumando emprego e vão deixando o Bolsa Família, porque não precisam mais do Bolsa Família.

Eu fui lançar, em Quixadá, o Territórios da Cidadania, que é uma das coisas mais extraordinárias já feita por um governo. E eu parabeneizei, de público, os companheiros do MDA, porque é no fundo, no fundo, a concretização para que muita gente do Bolsa Família possa ser encaminhada dentro do Territórios e viver a sua vida sem precisar da ajuda do governo. Então, esses quatro anos, Patrus, que vocês comemoram hoje são quatro anos de profundo ensinamento para mim e, certamente, para todo mundo aqui. De um programa desacreditado por uma parte das pessoas neste País, o programa, hoje, passa a ser referência mundial, todo mundo quer saber o que é o Bolsa Família, como é que ele funciona, quantas pessoas ele atende. Pois bem, e com muito orgulho você está viajando o mundo e explicando o que é isso. Acho que logo, logo, nós vamos ter que fazer viagens para a América Latina, explicando o que são os nossos mais diferentes programas, porque muitas vezes nós não discutimos isso.

Então, Patrus, eu quero dar os parabéns a você, dar os parabéns à sua equipe. Quero dar os parabéns aos ministros que, num processo de interação contigo, estão trabalhando, numa combinação de políticas públicas que acho que nunca foi feita neste País. E eu espero que a gente possa, ao final do nosso governo, nós aqui, e mais todos os ministros, comemorar a consagração da mais importante política pública já feita neste País.

Eu acho que se os empregos continuarem crescendo como estão, se a economia continuar crescendo como está, se acontecer nas escolas o que nós estamos prevendo, se acontecer na saúde o que nós estamos prevendo, se acontecer no programa ProJovem o que nós estamos prevendo, certamente nós teremos, em 2010, um País muito, mas infinitamente melhor do que o



Brasil de qualquer outro momento.

Eu não poderia, Patrus, terminar sem agradecer de coração a lealdade, o compromisso, a sua dedicação e da sua equipe. E Deus queira que daqui para frente o Paulo Bernardo atenda os nossos desejos e que a gente possa melhorar a equipe. Paulo, presta atenção no número, Paulo: são 1.300 funcionários para cuidar de quase 6.000 municípios, num programa que envolve quase 60 milhões de pessoas. Qualquer ministério que está aqui atende menos gente e tem muito mais gente do que o Patrus. Você paga o preço de ser um ministério novo, mas olha o Paulinho como está sensível ali, olha. O Paulinho vai chegar hoje e vai resolver o seu problema.

No mais, companheiros e companheiras, que Deus dê a vocês a força suficiente para vocês continuarem fazendo o que vocês estão fazendo. E aos beneficiários, sobretudo as crianças brasileiras, que Deus nos dê força de poder fazer um pouco mais do que estamos fazendo, porque tudo o que nós fizermos será ainda pouco, diante do tamanho da dívida social construída em séculos e séculos neste País.

Meus parabéns, Patrus, a você, à sua equipe. E parabéns a todo o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de colação de grau da 1ª turma de formandos da Universidade da Cidadania Zumbi dos Palmares

São Paulo – SP, 13 de março de 2008

Só quero lembrar ao nosso companheiro, governador José Serra, que ele homenageou três meninas – uma menina de quase 60 anos que se formou – que são funcionárias do estado de São Paulo. Só quero te lembrar que agora elas vão te pedir aumento porque melhoraram e vão querer... Essa é a vantagem das pessoas estudarem. O Serra citou o nome de vocês, e vocês não esqueçam nunca.

Mas eu quero cumprimentar o governador José Serra,
Quero cumprimentar os ministros aqui presentes,
Quero cumprimentar a minha companheira Marisa,
Quero cumprimentar o governador de Roraima, que está aqui presente,
Cumprimentar os deputados federais,
Cumprimentar o nosso querido companheiro José Vicente, reitor da Unipalmares,
Cumprimentar os paraninfos Geraldo Alckmin e Benedita da Silva,
Cumprimentar o Jorge Elias Aoni, representante do Conselho Regional de Administração,
Cumprimentar todos os homenageados,
Cumprimentar as nossas queridas e queridos formandos, e de coração, agradecer por ter sido escolhido patrono desta gloriosa primeira turma de formandos da Unipalmares,
Quero cumprimentar a presidente da UNE,
Mas, sobretudo, eu quero cumprimentar os pais de vocês.
Quero dizer, meu caro José Vicente, que eu trabalhei a semana inteira



em um discurso para hoje à noite. Imaginava que iria falar por volta de 8h30, 9h da noite. Nem quando eu era oposição eu fazia discurso à meia-noite e meia. Eu estou percebendo que nós chegamos numa hora em que fazer um discurso lido, de 40 minutos, é acordar com o ronco de alguns companheiros e companheiras. Eu queria pedir licença aos pais e aos formandos para contar dois casos. Dois casos que, certamente, marcam a vida de milhões de meninas e meninos deste País que, ao terminar o ensino fundamental, ao terminar o 2º grau e prestar vestibular para estudar em uma universidade, se deparam com dois graves problemas.

Primeiro, a competitividade para entrar em uma escola pública federal é sempre muito difícil. São muitos alunos e poucas vagas. Segundo, para entrar em uma universidade particular, são muitas vagas e pouco dinheiro para pagar os cursos neste País. Eu penso que nós vamos reverter isso porque, se Deus quiser, ao terminar o nosso mandato em 2010 – espero que o presidente que vier depois faça o dobro do que nós fizemos – nós vamos inaugurar, nada mais, nada menos do que 10 universidades federais novas e vamos inaugurar, no mínimo, 48 extensões universitárias por todo o território nacional, além de 214 escolas técnicas profissionais, que pretendemos entregar ao povo brasileiro até 2010. E Deus queira que quem vier depois de mim, não faça 214, faça 428 e o que vier depois, faça um pouco mais.

Eu queria homenagear vocês na figura de duas alunas desta turma, duas jovens negras, orgulhosas de sua origem, que não aceitaram o preconceito como justificativa para o confisco dos seus direitos. Sua vitória é uma resposta a todos que tentam convencer a juventude pobre de que a esperança foi privatizada, mercantilizada, e ficou cara demais para existir em suas vidas.

A primeira história é da Elaine Duarte Damião de Moura. Ela é a primeira prova de que quando a gente quer, quando a família vive em harmonia, quando o pai e a mãe desejam, as coisas acontecem. Elaine tem 23 anos, e quando



conta sua história de vida ela mesma se entusiasma, ri e comemora ao mesmo tempo, com razão. Parece que foi ontem, ainda. Sua mãe, dona Marilene, dizia à filha prostrada no quarto, resolvida a desistir da faculdade: “Elaine, a gente come sopa de pedra, mas você vai para a faculdade.” Sopa de pedra, a família não chegou a experimentar, mas Elaine engoliu a angústia seca das muitas manhãs em que viu o irmão menor chorando de fome logo cedo. “Pão”, ele pedia pão, diz ela, com a voz embargada. Nem pensar. Não havia pão no café da manhã na casa do vigia desempregado, Valdemar, e de dona Marilene.

Valdemar catava papelão na rua, mas nas ruas da periferia de Cotia, na grande São Paulo, onde moram, não havia papelão suficiente para o pão e a mensalidade da faculdade da filha. A mãe voltava a dizer: “A gente come sopa de pedra”. Os amigos e alguns primos de Elaine, que enveredaram por outros caminhos, garantiam que tudo aquilo era uma grande bobagem. Elaine ouvia os pessimistas, calada. Diziam eles: “Isso não vai dar em nada. Você acaba o estudo, e daí? Vai ficar na mesma, como nós”. Então, a roda começou a girar na vida de Elaine, num ritmo que ela tenta reproduzir, embaralhando palavras e sensações.

No segundo ano da faculdade, o banco Itaú abriu um concurso para estagiários, uma dúzia de vagas, 176 inscritos. Elaine se inscreveu. No dia 5 de abril de 2005 veio o resultado, e ela gritava: “Passei, passei”, conta, comemorando e vivenciando o tempo tão curto e de tantas mudanças. No dia 11 de janeiro deste ano, a antiga estagiária foi contratada, com carteira assinada pelo Banco. Nesse meio tempo, casou-se. Na faculdade aprendeu algo que já sabia, mas da qual não tinha consciência. As duas coisas não se confundem, como ela mesma explica. Diz ela: “Eu sabia que era negra, claro, mas não sabia o significado de ser negro. Na faculdade convivi com pessoas que tinham uma percepção maior da história e, ainda por cima, tive aula sobre a identidade afro. Isso muda tudo, porque se transforma em consciência e auto-estima. “O orgulho se ser negra eu conquistei na faculdade”, diz ela



sorridente. Elaine não tem dúvida de que este é o caminho para evitar que tantos jovens sejam capturados pelo mundo das drogas e do crime, como ainda acontece na periferia onde mora. “Exemplos práticos como o meu são recentes, diz ela, mas aos poucos vou virar uma referência e o caminho vai ficar claro. Escola, oportunidade e consciência”. Elaine fala emprestando à voz a mesma firmeza da mãe, que dizia: “a gente come sopa de pedra, mas a gente vai”. Meus parabéns, querida Elaine. Parabéns.

A outra história é da nossa Andressa Amaral Santos. O pai de Andressa, senhor Nelson, é funileiro quando tem trabalho. Dona Solange, a mãe, é diarista e faz faxina no bloco da Cohab em Carapicuíba, onde a família tem cinco filhos, e onde os cinco filhos sempre moraram. Aos sete anos, Andressa já vendia frutas na vizinhança para ajudar na casa. A primeira boneca, ganhou quando já tinha mais de 15 anos de idade. Mas a história mais bonita é a dela mesmo. Andressa foi atendente em casa de pão de queijo e morou na favela do Jaguaré, morou com a tia para ficar mais perto da escola e economizar o dinheiro da passagem. Ela ri da infância atribulada em uma casa onde havia um par de tênis, único, que ia duas vezes por dia à escola. De manhã, nos pés da caçula, que voltava correndo para entregar o sapato para Andressa ir à tarde. Matriculada, por necessidade, no período da tarde. Difícil é recordar as noites frias de Carapicuíba, quando dona Solange a recebia na volta da faculdade, apenas com um copo de água na mão e lágrimas nos olhos. Era tudo o que tinha na casa. Mas no dia seguinte, senhor Nelson e a esposa reuniam os filhos à mesa vazia para reafirmar a decisão da noite anterior. Diziam os pais: “você continua Andressa. A gente passa fome, mas no dinheiro da condução e o da mensalidade ninguém mexe”. Andressa tem orgulho de lembrar dos pais, senhor Nelson e dona Solange, lutando sozinhos para criar a família em um pequeno apartamento na periferia de São Paulo. Só Deus sabe a dor que passaram na travessia de tantas noites de incerteza. Mas, de manhã, eles nunca fraquejavam porque, no fundo, tinham uma esperança de que a



solução para a família e para o Brasil é a escola.

A formatura de hoje é o fecho de ouro que dá razão à persistência do senhor Nelson e da dona Solange, porque Andressa é uma vitoriosa. A filha, agora, é funcionária contratada do Bradesco. Tornou-se uma mulher ativa e independente, que nunca aceitou ser chamada de moreninha nos ambientes de trabalho. “Moreninha, não”, diz ela. “Sou negra, com orgulho”, avisa aos distraídos. Foi assim que ganhou o apelido carinhoso de “pérola negra”. No Natal de 2007, Andressa resolveu dar um presente a si mesma e a toda a família. Não o primeiro, mas um para redimir a ausência de tantos outros no passado. Ela comprou um carro zero, mas logo foi avisando, com a chave na mão: “o próximo passo é fazer pós-graduação no exterior”.

Eu estou falando isso, Andressa, e é bom que o ministro da Educação me escute, que os companheiros da Capes escutem, porque a chance de fazer um curso no exterior não é tão difícil quando a pessoa tem a vontade que você tem.

Senhor Nelson e dona Solange agora são outras pessoas. Mantêm a fé e estão cheios de confiança. Na verdade, passaram a sonhar tanto quanto a filha e até voltaram a estudar, animados com o acerto de sua própria receita para o futuro dos filhos e do Brasil.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu fiz questão de ler essas duas cartas citando duas meninas, a Elaine e a Andressa, sabendo que possivelmente seja a vida de outras meninas e de outros meninos. Eu espero que a imprensa que cobriu este evento consiga retratar nos jornais e nos documentários a beleza e a cara destes jovens, destas meninas e destes meninos, que receberam o seu canudo. Muitas vezes, o povo não consegue nem conquistar a auto-estima, porque algumas pessoas não querem deixar. Quando mostram o negro na televisão, normalmente, é sendo preso pela polícia. Agora, eu espero que mostrem a cara destes jovens se formando, que contem a história dos pais para formar estas crianças, que a



gente vai poder passar a idéia para a sociedade de que o mundo não é apenas o mundo da criminalidade, que aparece na televisão. Existem outras coisas importantes que o negro faz, que o pobre faz neste País e que muitas vezes não têm o espaço necessário. Se mostrarem o sucesso de vocês, nós vamos mexer com a auto-estima de outras crianças, na idade de vocês, que não tiveram possivelmente o carinho que vocês tiveram dentro de casa. O que aconteceu com vocês só pode acontecer se a família estiver unida, se tiver uma mãe ou um pai que mantenha a rédeas da casa. Se a família estiver desagregada é humanamente impossível, é quase um ato de heroísmo um jovem vencer na vida se a família não estiver unida, porque todos nós, bem ou mal, somos a cara do que os nossos pais são, não apenas no físico, mas no comportamento.

É por isso que eu digo sempre, governador José Serra, que no Brasil, durante muito tempo nós discutimos os problemas econômicos e a gente não pensava e não imaginava que a desagregação da estrutura da família era tão grave quanto a questão econômica neste País. Eu digo isso porque fui criado, com oito irmãos, por uma mãe analfabeta. E todos conseguiram se transformar em cidadãos porque tinham na mãe o espelho, porque tinham na mãe o respeito.

Eu penso que o que vocês estão fazendo aqui, na Unipalmarenses, é um exemplo extraordinário. Nós não queremos dividir universidade de negro e universidade de branco, nós não queremos cota, 30 para um, 40 para outro. O que nós precisamos é construir um País em que todos, sem distinção de cor e sem distinção de origem social, tenham a mesma oportunidade de sentar nos bancos das universidades deste País. Quando isso acontecer, não haverá disputa de cotas.

Eu era chamado de radical, meu caro Paulo Renato, na década de 80, porque eu dizia que o Brasil seria o Brasil dos nossos sonhos no dia em que a empregada da faxineira estivesse sentada, no mesmo banco da escola, ao lado



do filho da sua patroa. Aí, sim, nós estaremos criando uma nação justa, uma nação solidária, em que as pessoas não sejam discriminadas nem pelo berço e nem tampouco pelo sobrenome, e muitos menos pela cor ou pelo credo religioso. O que vocês estão fazendo aqui na Unipalmarens é um exemplo extraordinário, meu caro ministro Fernando Haddad, da Educação, meu caro governador José Serra, meu caro prefeito Kassab, que nós precisamos refletir: onde é que a gente entra, sem atrapalhar o que eles já fizeram, para ajudá-los a fazer muito mais.

Só o fato de saber que uma grande parte de vocês está trabalhando nos bancos, a gente tem que acreditar que o Brasil começa a mudar, porque a gente não via um negro num banco há muito tempo, a não ser que fosse para depositar dinheiro para o seu patrão. A gente não via um negro dentista, a gente não via um negro médico, poucos negros advogados. Eu me lembro do esforço que eu fiz para encontrar um negro para levar para a Suprema Corte deste País.

Essa é uma coisa que vai ter que mudar, e vocês viram aqui, pelo pronunciamento do Governador, do Prefeito, dos ministros. Eu acho que vocês, no fundo, no fundo, com esta formatura, estão nos dando uma lição de vida e muito mais do que isso, estão dando uma lição de vida aos outros que ainda não chegaram ao nível que vocês chegaram, de que não vale a pena desistir nunca e vale a pena acreditar.

Aos pais da Elaine e da Andressa que, certamente, são os pais dos outros, eu queria dizer para vocês que nós temos milhões de pais e mães como vocês, que colocaram os filhos no mundo e que darão a vida para que os filhos de vocês tenham o que vocês não tiveram. Eles alcançaram, eles têm o diploma, têm uma profissão, têm um emprego. Agora, não percam a bondade da alma, ajudem os irmãos de vocês a conseguir o que vocês conquistaram, e ajudem os pais de vocês a sentirem cada dia mais a alegria de ter vencido na vida.



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

Não existe espaço para desistir, na vida. Eu digo sempre o seguinte: se desistir valesse a pena, eu não seria presidente da República. Eu perdi três eleições consecutivas, teimei e cheguei à Presidência da República. Portanto, neste País, se a gente persistir, a gente vence. Eu queria terminar dizendo a todos vocês, formandos, que valeu a pena viver até o dia de hoje para assistir este acontecimento. Eu acho que não tem, na história da América Latina, com exceção de Cuba, não tem no Brasil um momento histórico em que a gente tenha tantas pérolas negras e tantos diamantes negros formados numa mesma noite.

Que Deus os abençoe por toda vida, e que Deus abençoe os seus pais.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de assinatura de ordens de início das obras do PAC em Araraquara

Araraquara – SP, 14 de março de 2008

Vou tomar um pouquinho de água. A diferença do Lula presidente, aqui em Araraquara, e o Lula metalúrgico, na porta de fábrica, é que lá, quando eu ia fazer assembléia às 5h da manhã, era obrigado a tomar uma coisa mais quente do que água para poder falar, e como presidente eu estou com uma aguinha aqui.

Meus queridos companheiros,

Ministros que me acompanham nesta viagem a Araraquara,

Meu querido prefeito Edinho,

Companheiros deputados federais Milton Monti, Ricardo Berzoini, José Paulo Tóffano,

Meus companheiros e companheiras parentes da nossa saudosa Gilda,

Meus companheiros e companheiras de Araraquara,

Companheiros da imprensa,

Companheiros sindicalistas da região, estou vendo alguns aqui,

Meus amigos e minhas amigas.

Primeiro, antes de falar das obras que tantas pessoas já falaram, eu quero que vocês compreendam um pouco o que está acontecendo no Brasil neste momento. Tem muita gente que diz que as coisas estão dando certo no Brasil porque o Lula tem sorte. Obviamente, que eu prefiro ser o Lula com sorte do que o Lula sem sorte, porque não há na vida nada que aconteça, para nenhum de nós, se a gente não tiver um pouco de sorte. Mas o que está acontecendo no Brasil é uma coisa que nós preparamos e muitos dos ensinamentos que eu aprendi na minha vida cotidiana eu coloco em prática na arte de governar este País.



Eu me casei pela primeira vez em 1969 e assumi o compromisso, com a minha mulher, de que eu só ia pagar um ano de aluguel e depois eu ia comprar uma casa. Para poder comprar essa casa, no primeiro ano de casados – eu e a mulher trabalhando – nós nunca fomos a um restaurante, nós nunca fomos ao cinema, porque a cada vez que eu ia pagar o aluguel, eu achava aquele dinheiro amaldiçoado. Era um dinheiro que eu dava e eu sabia que não estava construindo nada para mim. Fizemos um ano de sacrifício, não tinha restaurante, não tinha cinema, não tinha teatro, não tinha festa, não tinha roupa nova, não tinha nada. Um ano depois, eu comprei a minha primeira casa. Quem conhece São Paulo, era no Parque Bristol, era uma ribanceira tão grande que, quando chovia, a gente quase não conseguia ir trabalhar, porque não tinha guia, não tinha sarjeta, o barro virava uma cola e eu tinha que colocar uma galocha, andar a pé até o asfalto, tirar a galocha, embrulhar em um jornal e levar para a fábrica. Quando chegava à fábrica, lavava, deixava secar e à tarde, quando eu saía da fábrica, descia do ônibus, na padaria, colocava a galocha, chegava em casa, tirava a galocha. Mais um pouco e eu pegaria o apelido de Lula Galocha.

Dois anos depois, minha mulher morreu, eu fiquei quatro anos viúvo, me casei outra vez. Tinha vendido a casa porque eu tinha me mudado para São Bernardo. Quando eu me casei com a Marisa, eu assumi um compromisso: em um ano a gente vai comprar outra casa. Não deu para comprar em um ano, eu comprei a casa em um ano e seis meses. A Marisa trabalhava, eu trabalhava, outra vez não tinha restaurante, não tinha cinema, não tinha roupa nova. Qualquer dinheiro que a gente ganhava era guardado para a gente comprar a casa. Um ano e meio depois, eu comprei uma casinha do BNH, com 33m². Imaginem o tamanho da casa: quando um filho ia dormir, o outro tinha que se levantar; quando colocava o fogão, tinha que tirar a geladeira; se esticasse o pé no quarto, o pé saía pela janela. Nunca reclamei, porque não sou feito para reclamar. Eu aprendi que, em vez de reclamar, nós temos que fazer as



transformações que acreditamos que seja possível fazer, e fazê-las.

Eu contei esses dois casos para chegar ao Brasil. Aqui tem extraordinários companheiros e companheiras que vieram comigo, intelectuais da mais alta competência deste País. Essas pessoas sabem, como muitos de vocês aqui em Araraquara sabem que, quando eu tomei posse, muita gente dizia: “Coitado do Lula. O Brasil está quebrado”. Primeiro, o Brasil não tinha credibilidade externa, a gente não tinha dinheiro para pagar as nossas importações, o dinheiro que a gente tinha de reserva eram 30 bilhões de dólares, emprestados pelo FMI, e a gente estava com os juros na estratosfera. A inflação já tinha ultrapassado os dois dígitos, e a situação era que “o Brasil vai quebrar”.

A primeira coisa que nós fizemos, no ano de 2003, foi o maior aperto que este País já conheceu. Eu perdi até amigos que achavam que eu podia fazer a transformação no primeiro ano ou no primeiro mês. Perdi muitos amigos que achavam que eu não ia fazer nada, porque os juros continuavam altos, porque o Brasil não crescia, porque tinha desemprego. E nós fizemos o ano de maior sacrifício neste País. Aumentamos, inclusive, o superávit primário: era de 3,75% e nós levamos para 4,25%. Por quê? Porque eu precisava fazer um sinal para os credores brasileiros de que a gente ia garantir o pagamento daquilo que era a dívida contraída por nós mesmos.

Passamos 2003, 2004 deu uma melhorada, a inflação começou a voltar e nós tivemos que aumentar juros outra vez. Passamos 2005 muito apertados. Todo mundo acompanhou pela televisão o que os partidos de oposição tentaram fazer conosco. Todo mundo, aqui neste País, acompanhou o que uma parte da imprensa fez conosco em 2005 e em 2006. E em nenhum momento vocês me viram nervoso porque eu tinha objetivos, eu tinha propósitos. Eu sempre dizia: qualquer governante neste País pode errar, que não tem problema, o povo já está acostumado com erros de governantes. O povo elege um governante e ele não cumpre 10% do que prometeu. Quando termina o seu



mandato ele vai embora, estudar lá fora, fica quatro anos fora, depois regressa como se nada tivesse acontecido, e ainda se candidata outra vez.

Eu dizia: eu não posso errar, porque se eu errar, tem duas coisas graves que vão acontecer. Primeiro, eu não posso ir para fora, não quero ir para fora. Quando eu perdi as eleições, me ofereceram um curso em Harvard, para que eu fosse me preparar, aprender inglês, que eu ia ficar mais “chiquêrrimo”. Obviamente que tinha vontade de fazer tudo isso, mas eu achava que se eu quisesse ser presidente do Brasil, eu precisava conhecer a alma deste País, viajar este País, viajar os grotões deste País, conhecer a cara do povo deste País. Pois bem, esta é a primeira razão pela qual eu não posso errar. A outra é porque vindo de onde eu vim e chegar à Presidência da República... porque também não estava nos livros de sociologia um operário ser presidente da República do Brasil. Imaginava-se que se houvesse uma revolução, um operário poderia chegar à Presidência da República. Mas não tem, também, nenhum país que fez revolução em que um operário que chegou à Presidência da República, normalmente era alguém mais sabido do que o operário, intelectualmente. Então, o Brasil construiu uma coisa *sui generis*.

O Brasil é uma das dez maiores nações do mundo e o nosso processo cultural, o nosso processo democrático permitiu que um metalúrgico, que só tem um curso do Senai, chegasse à Presidência da República deste País. E eu dizia: por que eu não posso errar? Porque se eu errar, eles vão colocar uma cangalha no nosso pescoço e vão passar 150 anos ou 200 anos para as pessoas admitirem que um operário pode chegar à Presidência da República.

Então, todo o sacrifício que nós fizemos permitiu que a gente pudesse estar vivendo o momento que estamos vivendo hoje. Nós, que tínhamos apenas 30 bilhões de reais de reservas, dos quais 15 bilhões e 900 milhões do FMI, hoje temos quase 200 bilhões de dólares de reservas, não devemos nada ao FMI, não devemos nada ao Clube de Paris e não devemos nada a ninguém. O que nós devemos são as compras que fazemos. Hoje o Brasil, que desde



que Cabral colocou os pés aqui sempre deveu para alguém, na história de 500 anos o Brasil sempre deveu para alguém, hoje, graças a Deus, o Brasil é credor internacional, nós temos mais reservas do que nós devemos.

O Hélio e os sindicalistas aqui presentes sabem que eu fui um sindicalista razoavelmente importante neste País. Fiz as lutas mais memoráveis do final dos anos 70 e do começo dos anos 80, e nunca a gente conseguia aumento real de salário. A inflação era de 83% ao ano, era de 50%, era de 70%, era de 90%. Pois bem, quando a gente pegava a metade da inflação, já era uma vitória. Eu fiz greve de 41 dias e voltamos a trabalhar sem receber um centavo de aumento. O que está acontecendo agora, companheiros sindicalistas? Noventa e seis por cento dos acordos feitos pelos sindicatos são acordos feitos acima da inflação, com aumento real de salário.

Aqui no Brasil pobre não tinha acesso a banco. Aliás, os bancos tinham desaprendido a atender pobre. Até o Banco do Brasil e a Caixa Econômica Federal tinham desaprendido a atender pobre. Era muito melhor atender um cidadão de chapelão, com charuto na boca, do que atender um cidadão com uma sandália havaiana no pé. O que nós fizemos? Nós resolvemos fazer crédito para o povo pobre deste País. Criamos o crédito consignado, já que os bancos diziam que não emprestavam dinheiro para pobre porque o pobre podia não pagar. Nós demos a folha de pagamento como garantia. Os aposentados brasileiros nunca tinham condições de fazer um empréstimo. Criamos o empréstimo consignado para o aposentado. Qualquer aposentado, hoje, pode ir a um banco, de preferência escolher o que tem os juros mais baratos, contrair o empréstimo e só pagar 30% do seu salário. Não pode pagar mais. E o que começou a acontecer no Brasil? As pessoas começaram a comer mais, a gastar um pouco mais, a comprar coisas essenciais. Criamos o programa Bolsa Família, que muita gente dizia: “isso é assistencialismo”. As pessoas não sabem o que significam 50 reais na mão de uma mãe pobre. Com 50 reais que nós damos de gorjeta em um bar, quando tomamos cerveja, uma mãe



consegue colocar comida em casa para os seus filhos, por 10 ou 15 dias. E hoje atendemos 11 milhões de famílias, são 44 milhões de brasileiros que podem comer três refeições por dia.

Eu vi o depoimento de uma mulher que eu coloquei na televisão, ela dizia: “antes do Bolsa Família, eu tinha duas netas que moravam comigo, eu comprava um lápis e cortava o lápis ao meio para que cada criança tivesse metade”. Hoje ela pode comprar uma caixa de lápis para cada neta e não precisa repartir. Esses dias, a imprensa foi atrás de uma mulher do Bolsa Família porque ela comprou uma geladeira e aí já acharam que ela era burguesa, não precisava mais do Bolsa Família. Eu quero que ela compre geladeira, eu quero que ela compre televisão, eu quero que ela compre roupa, eu quero que ela compre sapatos. É preciso acabar, neste País, com o preconceito contra os pobres. É preciso acabar, neste País, com a idéia de que os do andar de baixo não podem nada e que os do andar de cima podem tudo. É preciso que as pessoas percebam que nós precisamos – se quisermos ter um país vivendo em paz, com muita liberdade e democracia – estender a mão para aqueles que não tiveram chance no século XXI.

Ontem eu fui a uma formatura da Universidade Zumbi dos Palmares. É a primeira vez, em 500 anos de história deste País, que nós conseguimos formar, de uma única vez, e entregar o diploma para 120 meninas e meninos negros deste País, que são segregados há séculos e séculos. Este ano, nós vamos ter a primeira turma formada pelo ProUni. São 60 mil jovens que tiraram o diploma pelo ProUni e 40% desses são negros e negras. É preciso acabar com essa história de que nordestino e negro têm que ser pedreiros, ajudantes de pedreiro ou cortadores de cana. Nós não temos vergonha de ser pedreiros ou cortadores de cana, mas queremos ser engenheiros, queremos ser médicos, queremos ser (inaudível), queremos ser tudo aquilo a que temos direito neste País.

Meus companheiros e companheiras, eu fui sexta-feira ao Rio de Janeiro



lançar o PAC no Complexo do Alemão, que vocês aqui em Araraquara só vêem, pela televisão, pela criminalidade. Fui à Rocinha, que também a gente só vê pela criminalidade, e fui em Manguinhos, que é chamado de Faixa de Gaza, porque tem batalha todos os dias. Tem a linha do trem e um muro que divide. O muro é a Faixa de Gaza, é uma quadrilha atirando na outra quadrilha. Nós fomos lançar o PAC lá, levar água, levar esgoto, fazer ruas, levar escola, levar hospital, levar teleférico para as pessoas descerem o morro. Hoje leva 2 horas, vai demorar 19 minutos quando estiver pronto o teleférico. Tem muita gente que fala: “o Lula está gastando muito dinheiro com os pobres, o Lula precisa fazer mais investimentos”. Porque neste País, também se aprendeu que tudo que a gente dá para o rico é investimento e tudo que a gente dá para o pobre é gasto, quando eu acho que é o contrário. Eu acho que a gente colocar dinheiro na mão do pobre é investimento neste País.

Hoje o Brasil está vivendo um momento, eu diria, quase mágico. Eu me lembro que quando eu tomei posse a indústria automobilística me procurou dizendo: “nós estamos quebrados, temos muita empresa querendo ir embora”. E ontem eu recebi uma carta: eles saíram de 2 milhões e 200 mil carros, e estão prometendo produzir 4 milhões de carros em 2009. Qual foi o milagre? O milagre foi uma coisa que a gente vinha dizendo para eles há 20 anos: com 24 meses de prestação, só pode comprar um carro o setor da classe média. Se vocês quiserem que o pobre compre um carro, aumentem o número de prestações, porque o pobre não olha o custo final, ele olha se a prestação cabe no holerite dele, se cabe no bolso dele. Hoje as pessoas estão esperando três meses para comprar um carro; caminhão, nove meses, se for caminhão pesado; máquinas agrícolas, não tem mais no mercado. Não tem pedreiro, não tem engenheiro, não tem azulejista. Por que não tem? Porque durante 26 anos este País estava preparado para não crescer. Havia uma lógica entre os economistas do governo de que o Brasil não poderia crescer mais do que 3% ao ano. Nós queremos provar que o Brasil pode crescer 3%, 4%, 5%, 6% e



quanto a economia suportar. Qual é o cuidado que nós temos que ter? O consumo não pode crescer acima da capacidade produtiva do País. Até pode, porque a gente pode importar um pouco. Mas é preciso que a gente tenha cuidado porque, se cresce muito o consumo e a indústria não investe em novas fábricas, em nova produção, a gente tem de volta uma doença desgraçada – que nós não gostamos dela – que é a inflação, que muitas vezes favorece o rico e quem paga o preço é o pobre que vive de salário neste País.

Pois bem, hoje eu posso dizer para vocês, sem medo de errar: vivemos o melhor momento do País, dos últimos 30 anos, e com possibilidade de melhorar ainda mais. Só para saneamento básico são 40 bilhões de reais; para habitação são 106 bilhões de reais. Mais ainda, só da Funasa são 4 bilhões de reais para atender cidades de até 50 mil habitantes, de preferência aquelas que têm mais mortalidade infantil, aquelas que têm doença de Chagas. Criamos o programa de Financiamento de Habitação Social: foram 2 bilhões no ano passado e 2 bilhões neste ano. A economia brasileira vai continuar crescendo, o salário vai continuar crescendo, o consumo vai continuar crescendo, as indústrias vão continuar investindo, e eu tenho a convicção de que daqui a 10 ou 15 anos a gente vai poder ter, neste País, uma geração que viveu 10 ou 15 anos com a economia brasileira crescendo, vendo a nossa juventude arrumar emprego.

Cada vez, Marilena Chauí, que eu vejo a televisão mostrar um assalto ou um crime, ela mostra um jovem de 17, 15, 30 anos. Eu não estou aqui defendendo que esse jovem cometa crime, não. Ele tem que ser punido. Agora, é importante saber que esse jovem é resultado do descaso de 30 anos de administração pública deste País, em que os pobres foram sendo segregados, as famílias foram vivendo um processo de degradação pela miséria, sem perspectiva, sem escola. Essas crianças não tinham oportunidade. É por isso que nós vamos fazer 214 escolas técnicas; é por isso que nós vamos fazer 10 novas universidades federais; é por isso que nós vamos fazer 48 extensões



universitárias; é por isso que nós aumentamos de 8 para 9 anos o tempo de permanência da criança nas escolas; é por isso que, na semana que vem, vamos anunciar internet banda larga em 55 mil escolas das cidades brasileiras, para que o nosso jovem possa viajar para onde ele quiser, pela internet, possa estudar e possa competir com qualquer outro, mesmo que seja de classe social mais privilegiada.

Este País está sendo construído porque um dia vocês acreditaram. O grande desafio que nós temos é elevar a auto-estima deste País, é acreditar que a gente pode, é acreditar que nós temos que ser persistentes. Até porque, se eu não fosse persistente eu teria desistido na primeira derrota, em 82, quando eu perdi para o governo de São Paulo. Eu teria desistido em 89, quando eu perdi para o Collor. Eu teria desistido em 94, quando eu perdi para o Fernando Henrique Cardoso. Eu teria desistido em 98, quando eu perdi outra vez para o Fernando Henrique Cardoso. Mas eu acreditava tanto que eu podia chegar lá e, chegando lá, que a gente podia mudar a cara deste País, que nós chegamos lá, por persistência, perseverança, que é uma coisa que o ser humano não pode perder nunca. Não há espaço na vida humana, a vida humana é muito curta na Terra, não há espaço para a gente se levantar de manhã e dizer: “Ah, está uma desgraça, as coisas não dão certo, estou desanimado.” Não existe espaço para isso. O dia que você acordar acabrunhado ou acabrunhada, e achar que está tudo errado, vá à luta, levante a cabeça, acredite em você, que a gente muda a nossa vida e muda este País.

É por isso, meu companheiro Edinho, que com muito orgulho estou aqui, porque em 2006 eu vim aqui num comício, e no comício eu disse que ia tirar essa ferrovia. Essa ferrovia, todo mundo sabe, a parte mais rica da sociedade morava do trilho para o centro, e a parte mais pobre era do trilho para a periferia. Então, nós vamos acabar com essa divisão social. Esse trilho tem que ser símbolo do desenvolvimento de Araraquara e não símbolo da divisão de classes, aqui na cidade de Araraquara. Vamos tirar. Eu prometi. No ano



passado veio o meu Ministro do Planejamento, no dia da publicação do edital. Hoje eu vim com o meu Ministro dos Transportes para dizer: essas obras vão começar agora e em 2010, se Deus quiser, eu estarei aqui para inaugurar o novo terminal. E onde hoje tem trilho, vamos plantar flores para a gente alegrar ainda mais o povo da Morada do Sol, o povo desta cidade extraordinária.

Por isso, meus queridos companheiros e companheiras, eu estou feliz. Primeiro, pela escola homenageando a Gilda. Eu tive pouco contato com a Gilda, mas tenho uma profunda admiração e sou muito amigo do seu companheiro, o nosso, não menor, Antônio Cândido. A segunda coisa foi vir aqui, Edinho, junto com você... O Edinho é uma dessas coisas boas que acontecem na vida de uma cidade. O Edinho é um companheiro, conheço poucos como ele, desprovido de interesses, eu nunca vi o Edinho rancoroso, nunca vi o Edinho nervoso. E somente quem se levanta de bem com a vida é que pode ser assim. A gente se levantar todo dia acreditando que vai ser melhor, acreditando que vai conseguir...

Então, eu queria me despedir dizendo para vocês: nós, brasileiros e brasileiras, pobres e ricos, pretos e brancos, a gente pode construir esta nação, uma grande nação. O Brasil jogou fora muitas oportunidades, eu não vou jogar fora as oportunidades. Quando nós estamos investindo em educação é porque eu acho que não tem outra saída. Ou a gente forma a nossa juventude, qualifica a nossa juventude e começa a exportar não só suco de laranja, não só minério de ferro, não só soja, mas exportar inteligência, conhecimento, porque é isso que vai colocar valor agregado e dar dimensão de nação desenvolvida ao Brasil.

Por isso, muito obrigado, de coração, Edinho. Muito obrigado pelo prazer de estar aqui hoje, nesta querida cidade de Araraquara, voltando aqui, e prometendo voltar para inaugurar o contorno ferroviário.

Um beijo e um abraço.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na visita
ao canteiro de obras do pátio ferroviário de Tutóia**

Araraquara – SP, 14 de março de 2008

Não estava previsto discurso, mas um político vendo um microfone e gente, já fica com vontade de falar.

Só quero dizer para vocês da alegria de estar aqui com o meu Ministro dos Transportes e com o Prefeito. Eu me lembro que em 2006 eu vim fazer um comício aqui e, no palanque, o Edinho me falou da necessidade de tirar a ferrovia do centro da cidade. Eu me comprometi com o companheiro Edinho que nós iríamos tirar. No ano passado, alguns de vocês devem ter participado, teve um ato aqui, em que o ministro Paulo Bernardo, do Planejamento, veio assinar com o prefeito Edinho o edital de licitação para que a gente pudesse contratar a obra.

Hoje, para nossa alegria e para a alegria de Araraquara, porque esta é uma obra que Araraquara espera pelo menos há 60 anos, nós estamos aqui dando início à obra, no canteiro de obra. Vocês viram ali na planta que os trilhos vão sair do centro da cidade, vamos unificar a cidade. Eu espero que o Edinho, ali onde tem trilho, faça um jardim de rosas bonitas, de margaridas, de tantas coisas bonitas para o pessoal não esquecer o trilho, mas perceber que é possível o trilho passar fora do centro da cidade.

Essa obra, Edinho, é importante porque nós estamos fazendo no Brasil uma coisa que começou a ser feita pelo Barão de Mauá, no final do século XIX, e depois não teve seqüência porque na década de 60, quando veio a indústria automobilística, alguns brasileiros entenderam que era preciso desmontar as ferrovias para fortalecer a indústria automobilística, quando o mundo desenvolvido fez uma combinação perfeita entre o desenvolvimento rodoviário e o desenvolvimento ferroviário. Nós estamos trabalhando intensamente para



terminar a ferrovia Norte-Sul, nós vamos fazer praticamente 700 quilômetros de ferrovia, em 17 anos foram feitos apenas 215 quilômetros de ferrovia; nós estamos fazendo a Transnordestina, ligando o porto de Suape, em Pernambuco, ao Porto de Pecém, no Ceará, e passando por Eliseu Martins, no Piauí, são quase 1.900 quilômetros de ferrovia; estamos projetando uma nova ferrovia, a ferrovia chamada Leste-Oeste, que liga o porto de Ilhéus à toda a região produtiva da Bahia, e quem sabe chegando também a fazer ligação com a ferrovia Norte-Sul; nós estamos fazendo uma ligação que não estava terminada, até Rondonópolis, são mais quase 300 quilômetros de ferrovia. De forma que nós estamos combinando.

Uma novidade importante, que eu posso dizer para vocês, é que se Deus quiser, ainda este ano nós vamos anunciar o trem-bala, ligando o Rio de Janeiro a São Paulo e Campinas, vai pegar do Rio de Janeiro, passar por São Paulo, ir até Campinas e voltar, porque nós vamos começar a fazer uma grande obra no aeroporto de Viracopos e transformá-lo no aeroporto mais importante de São Paulo.

Então, quando um presidente da República vem a uma cidade concretizar uma coisa que ele próprio prometeu – uma coisa que nós sabíamos que era o sonho do povo de Araraquara, de muitos anos – e também por ser uma coisa que gera empregos – a gente percebe o pessoal já com a roupa de trabalho –, não tem nada mais prazeroso. Eu digo sempre que o trabalho é a coisa que mais dignifica o ser humano, não tem nada mais sagrado que Deus deu para a gente do que trabalhar e no final do mês levar comida para casa, com o nosso trabalho, como o nosso sacrifício. É uma coisa quase mágica, quase maravilhosa.

Daí porque a minha satisfação, a satisfação de dizer o seguinte: o contorno ferroviário de Araraquara deixou de ser uma promessa e passa a ser uma realidade. Com o compromisso das empresas – eu vou, aqui, comprometer os empresários – e com o compromisso do Edinho de que no



começo de 2010 a gente venha inaugurar a obra definitiva. Isso está no contrato. Eu fico mais feliz de vir aqui hoje, Edinho, porque se em 2010 eu fosse candidato a alguma coisa, diriam: “é mais uma promessa do Lula”. Como eu não sou mais candidato, eu estou muito à vontade para dizer que quero vir em 2010 inaugurar esta obra e dar a Araraquara o que Araraquara precisa.

Araraquara tem uma história na minha vida porque eu sou amante do futebol e eu me lembro quando a Ferroviária tinha dois jogadores extraordinários aqui, o Dudu e o Bazani. O Palmeiras contratou o Dudu e o Corinthians contratou o Bazani. Como o Corinthians estava muito ruim, o Bazani não conseguiu deslanchar no Corinthians. O Dudu virou uma coisa extraordinária. O Dudu quase nunca foi para a Seleção, mas era um jogador que todo time queria ter, porque ali tinha garra, tinha sangue. E depois, criou um outro jogador, chamado Peixinho, que foi uma figura importante aqui, jogou no Santos, jogou com o São Paulo na estréia do Morumbi, e ainda fez um gol.

Esta cidade, só para vocês saberem, a minha primeira mulher era de Bariri. Então, eu pegava o trem em São Paulo, vinha até Araraquara, baldeava aqui e daqui pegava o ônibus para ir para Bariri, para ir para Ibitinga. Você é de Bariri? Você era maquinista? Estou me lembrando de você!

Parabéns ao prefeito Edinho, parabéns aos trabalhadores, parabéns ao povo de Araraquara. Eu volto hoje para São Paulo realizado, porque a obra está aí. Eu só espero que quando eu for embora, a empresa não retire as máquinas daqui, pelo amor de Deus. Eu vou deixar o Edinho de plantão aqui uma semana, até esta obra começar a funcionar para valer.

Edinho, muito obrigado. Quero te dizer que foi uma sexta-feira maravilhosa, fazia tempo que eu não vinha a Araraquara e saio daqui prazeroso pelo que você está fazendo na cidade. Quero agradecer também ao Ministro dos Transportes, que conseguiu viabilizar o projeto.

Nós anunciamos hoje 15 milhões de investimentos em obras de saneamento básico, coleta de esgoto, tratamento de esgoto, água potável,



poço artesiano. Anunciamos a escola técnica que vai estar pronta no comecinho do ano que vem para formar a nossa juventude, qualificando-a com cursos profissionais. Por isso eu estou feliz e quero repartir a minha felicidade com vocês. Eu acho que é esse sentimento do povo que a gente tem que carregar dentro da alma da gente. Eu estou vendo a cara do pessoal aí, todo mundo com a cara feliz, trabalhando, 700 empregos, para no fim do mês colocar o salariozinho no bolso, com direito a tomar uma cervejinha gelada, para quem bebe. Se encontrar comigo pague uma para mim, que eu não recusarei.

Que Deus abençoe vocês. Um abraço.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante encontro para foto com assessores das salas de situação do PAC

Palácio do Planalto, 19 de março de 2008

Eu acho que pela primeira vez na história do Brasil um presidente da República se reúne com um grupo de servidores públicos, primeiro para agradecer o que já foi feito, segundo para pedir que a gente faça o que não foi feito, com maior precisão do que o que nós já fizemos.

Eu não sei quantas vezes, no País, alguém agradeceu aos servidores públicos, porque normalmente os servidores públicos são bode expiatório para as muitas mazelas de coisas que não funcionam na administração pública.

Então, essa reunião aqui, pedida pelos companheiros da Casa Civil, com os ministros Lobão, ministro Alfredo, ministro Guido, ministro Márcio e ministro Temporão, e outros companheiros que não puderam estar aqui, é para dizer algumas palavras, não de cobrança, mas algumas palavras de agradecimento pelo que foi feito.

O Brasil estava desacostumado a fazer investimentos da envergadura que nós estamos fazendo, do PAC. Os mais experientes, aqui, para não dizer os mais velhos, lembram que o último momento de investimento em infraestrutura neste País aconteceu no governo Geisel, que foi de 1975 a 1980. Foi o último grande investimento em obras de infra-estrutura.

O que se comenta, a partir daí, é que havia uma discordância no governo Geisel, junto à área econômica, que discordava do presidente Geisel. Mas pela cara do Geisel, a gente percebia que não era muito fácil discordar dele... as obras foram feitas. As obras foram pensadas, arquitetadas, e o que aconteceu depois é que hoje se culpa o endividamento do Brasil por conta dos investimentos que foram feitos naquela época. Dizem até que foi a razão pela qual o Mário Henrique Simonsen se afastou do governo Figueiredo, porque o



governo Figueiredo tinha que começar a pagar as contas que o governo Geisel fez.

O PAC, eu penso que virou moda agora dizer que eu tenho sorte, tudo o que acontece no Brasil, agora, é porque eu tenho sorte. Deus queira que eu continue tendo sorte. Nós tivemos sorte, porque o PAC poderia ter se transformado em um desastre se nós o tivéssemos lançado antes das eleições de 2006. Ele iria passar para a sociedade como mais uma peça eleitoreira e, portanto, perderia a credibilidade na sociedade. E também porque, na época, o nosso assessor dizia que era plenamente possível a gente ganhar as eleições sem precisar inventar mais nenhum programa.

Quando nós lançamos o PAC, no dia 22 de janeiro de 2007, eu penso que também tivemos sorte quando ousamos fazer uma coisa inédita no Brasil, que foi construir uma boa cumplicidade entre o governo federal, os governos estaduais e os governos municipais. Foi a partir das informações que nós dispúnhamos que construímos aquilo que nós considerávamos os projetos prioritários nas grandes regiões metropolitanas. E resolvemos chamar governadores e prefeitos para que a gente fizesse uma cumplicidade planejada, para que a gente não passasse dinheiro para o governador, que iria, depois, dispor desse dinheiro por critério político, às vezes, atendendo um prefeito que precisaria menos do que outro, que teria mais problemas. E conseguimos. Foram quase 6 meses, ou 7 meses de negociação com os prefeitos.

E quando a imprensa me perguntava se eu não achava que estavam demorando as obras do PAC, eu dizia: é melhor demorar um pouco, e quando sair, sair com força total, do que a gente começar de forma atabalhoada, dando ordem de serviço, ou anunciando obras em municípios e, depois, o povo passa meses e meses e não vê essa obra acontecer.

Bem, esse cenário, permitiu uma construção do Conselho Gestor, seja o Conselho Gestor coordenado pela Casa Civil, envolvendo o Planejamento, a



Fazenda e mais os ministros das áreas afins, seja um Conselho Gestor montado em cada ministério, em cada empresa pública, seja um Conselho Gestor montado pelo governo do estado ou pelos governos municipais. O fato concreto é que nós implantamos no País uma dinâmica de comprometimento de um conjunto enorme de pessoas – que nem se conheciam – para construir um projeto que não é do presidente Lula, do ministro Alfredo, do ministro Lobão, da ministra Dilma, do ministro Guido, do ministro Paulo Bernardo, do Temporão ou do Márcio. É um projeto para este País, que não apenas nós, mas os nossos filhos, os nossos netos, irão vivenciar e certamente, poderão viver em um país menos injusto do que aquele em que nós vivemos, sobretudo, quando éramos crianças ou adolescentes.

Mas, depois que nós construímos toda essa arquitetura, nós ainda percebemos que tem coisas que eu cobro todo santo dia, porque nós ainda temos problemas bem menores do que já tivemos, porque no primeiro mandato, quando a gente começava a fazer uma obra, a gente decidia fazer a obra na Presidência da República, depois, essa obra tinha divergência entre ministros e a gente ficava sabendo da divergência 6 meses depois. Quando eu pensava que ia ser convidado para inaugurar a obra, a obra não tinha nem saído ainda do papel, porque o ministro do Planejamento não concordava com o ministro dos Transportes, que não concordava com a ministra de Minas e Energia, que não concordava com o ministro das Cidades. Às vezes, coisas que eram decididas no governo não andavam porque chegavam na Fazenda e a Fazenda tinha um problema, o Planejamento culpava a Fazenda ou a Fazenda culpava não sei quem. Era um tal de cada um passar a responsabilidade para o outro e quem era prejudicado era o País todo, porque você tinha tomado a decisão política, você tinha dinheiro para disponibilizar e, às vezes, as obras não aconteciam.

Eu tenho uma coisa muito marcante na minha cabeça: no último ano do governo passado, quando foram anunciados quase 5 bilhões de reais para



saneamento básico, foram disponibilizados 2 bilhões e pouco e só foram liberados 262 milhões. É impensável que a gente possa viver construindo um País em que as mais diferentes células da máquina pública não conversam entre si e, ao mesmo tempo, que essa mesma célula da máquina pública, a partir dos ministros, que não são considerados da máquina pública, mas são – temporariamente, enquanto viger a sua permanência – os coordenadores de cada ministério, portanto, o chefe imediato de todos os setores que trabalham na área deles. Então, é impensável que a gente decida fazer uma obra e uma ponta do governo, seja da área econômica, da área de planejamento, não concorde ou discorde e, por isso, a obra não sai.

Além disso, nós tínhamos um outro problema crônico. Muitas vezes, um bom projeto pára na divergência entre os ministros. Ou outra vez, os projetos param na mesa de qualquer um de vocês. Pára por quê? Porque segundo o rito de fazer coisa pública neste País, é assim. Para tudo tem manual, para tudo tem uma orientação. Se a pessoa vier de verde, a decisão tem que ser azul. Se vier de azul, a decisão tem que ser preta, mas não tem alguma alternativa de novidade. Uma novidade pára a máquina: “não está previsto na lei, não está previsto no manual, isso aqui não está no manual, nas normas de funcionamento” e as coisas ficam truncadas. Muitas vezes, culpa-se o funcionário sem saber que a culpa é uma coisa que vem de muito tempo e é uma coisa que vem sendo acumulada por conta de uma questão cultural neste País. Muitas vezes se pensa que todo mundo é corrupto, até prova em contrário, quando deveríamos partir sempre do princípio de que, todo mundo é honesto até prova em contrário. Então, hoje, nós tínhamos uma série de funcionários, e com muita razão, muito preocupados em aceitar um projeto. Na verdade, eu acho que as pessoas pensavam: “bom, se eu aceitar isso aqui, o Ministério Público vai vir em cima de mim, eu vou ser processado, meus bens vão ser disponibilizados e o governo não coloca nem advogado para me defender. Eu é que vou arcar com as despesas do advogado”. Quando isso foi



pensado e feito, não para moralizar a máquina pública, mas na minha opinião, para atravancar e emperrar a máquina pública.

Eu me lembro de um decreto, de uma lei que eu vetei aqui, que era uma questão ambiental e que tinha um artigo que dizia: “em caso de liberação de serviço pelo órgão ambiental, que for questionado pelo Ministério Público... Não, era para tratar de calamidade. Se o funcionário liberar uma verba em caráter emergencial, para enfrentar uma calamidade e depois houver uma acusação, uma denúncia contra ele, seus bens estarão disponibilizados”. O que iria acontecer? Esse funcionário não iria, nunca, liberar a verba. Eu penso que no PAC, o fato de nós envolvermos muitos ministérios, o fato de os ministérios criarem grupos gestores dentro de cada um, o fato de nós termos uma coordenação-geral, tem permitido que a gente consiga produzir infinitamente mais do que já se produziu em qualquer outro momento na história do Brasil. Porque muitas vezes eu fico pensando: bom, por que um servidor público, que tem 20 anos de carreira, que não gosta do presidente ou que não gosta do ministro, vai fazer uma coisa que o ministro quer, se ele já sabe que o ministro só tem quatro anos e que ele já tem 20 de casa e que ele pode continuar?

Na teoria, isso pode acontecer em todas as áreas. Na prática, a metodologia de trabalho, a competência de convencimento e de envolvimento das pessoas, é que pode mudar e tornar todo mundo parceiro da boa causa. Por isso que o PAC é, na minha opinião, a coisa mais bem engendrada que nós já fizemos neste País, do ponto de vista administrativo e eu, cada vez que viajo, levanto para a Dilma, levanto para os ministros, levanto para a mídia, algumas dúvidas. Nós ainda temos problemas sérios na obra do PAC, que são informações precisas. Dependendo de quem você fala, se você falar com três pessoas em cada ministério, você terá três informações diferenciadas. E como eu tenho muita facilidade de guardar números, o número que me foi dito há um mês, podem ficar certos que eu me lembro.



Eu poderia dar um exemplo aqui na área da Educação. Agora, então, eu decidi que só vou citar número... ele tem que vir por escrito pelo ministro e assinado, porque eu quero dizer: segundo o ministro dos Transportes; segundo o ministro de Minas e Energia; segundo a ministra-chefe da Casa Civil; segundo o ministro da Fazenda, porque qualquer um pode passar por mentiroso, menos o Presidente da República. Eu acabo de fazer um documento sobre uma coisa: vamos investir 170 milhões de reais em tal coisa. Meia hora depois tem um papel na minha mão: 144. Quem marca a minha agenda, está cansado. Eu faço uma reunião com os ministros e falo: companheiros, temos obras para visitar, porque eu quero visitar para ver como está. Aí tem ministro que fala: “está tudo pronto Presidente, tudo pronto”. Eu falo: então vai falar com a agenda. Aí a agenda liga para o chefe de gabinete dele: “não, essa não está pronta, essa não está pronta, essa não está pronta”. Agora, estamos descobrindo o quê? Veja o absurdo companheiros, nós temos o dinheiro, coisa que nós não tínhamos no passado, temos a decisão política de fazer, coisa que não se tinha no passado porque era tudo para o superávit primário. Temos dinheiro, temos a decisão política, temos as obras definidas, temos a necessidade dos governos municipais e estaduais.

Eu ia à Curitiba amanhã, tudo certo. Quando foi ontem, nós ficamos sabendo que não está pronto. Aí, de vez em quando, se queixam da burocracia da Caixa. Eu já falei para a Maria Fernanda que eu vou para a Caixa um dia e eu quero acompanhar por onde entra um processo, por quantas mesas ele passa, para saber quantos dias demora para dar uma decisão, porque eu acho que se colocasse todo mundo em torno de uma mesa só, na mesma hora, a decisão sairia mais rápido. Porque se não, o cidadão pega o processo, 4h da tarde, está na hora dele ir embora, no dia seguinte ele não vem trabalhar, dois dias depois ele vai pegar aquele processo.

O tempo do País exige de nós, um comportamento quase revolucionário, se é que a gente pode dizer assim. Porque se nós não aproveitarmos essa



maré de bonança que este País está vivendo, de auto-estima da sociedade... É uma pena que eu não posso convidar todos vocês para irem a algumas cenas das quais eu participo, o olhar de gratidão desse povo. Quem viveu a minha ida ao Complexo do Alemão, Mangueiras e Rocinha, quem viu, viu, quem não viu não sei se vai ver outro momento daquele: a gratidão das pessoas porque o Estado brasileiro está chegando lá, o Estado brasileiro está presente. É a primeira vez que o Estado vai competir como o crime organizado, é a primeira vez que o Estado vai dizer: olha meu filho, você vai ter escola aqui, você vai ter uma casa melhor, você vai ter rua, você vai ter luz, você vai ter biblioteca, você vai ter polícia, você vai ter hospital e escola. É a primeira vez que nos vamos estender a mão para milhões de brasileiros que moram em situações totalmente degradadas e dizer: nós estamos aqui para fazer a reparação de erros que foram cometidos neste País durante séculos e o PAC é exatamente isso.

Por isso é que vocês participam, neste momento, de uma obra que possivelmente, a gente não tenha dimensão dos efeitos que vai causar neste País. Se a gente imaginar o que aconteceu nas represas Billings e Guarapiranga neste País, em São Paulo, nesses últimos 40 anos, em que era proibido invadir área de manancial, era proibido construir coisas na área de manancial, o prefeito via, os vereadores viam, os governadores viam e invadiram. São milhões de pessoas que moram hoje em lugares totalmente degradados e nós estamos começando a fazer a reparação. Se não tivessem acontecido essas ocupações desordenadas, certamente, estaríamos aplicando o dinheiro em outra coisa, mas ao não ter tido cuidado no passado, nós vamos ter que fazer agora, para evitar que outros vivam pior do que esses estão vivendo hoje lá. Então, eu quero visitar as 27 capitais e nós sabemos que também tem muita demora na área da administração da prefeitura ou de... Às vezes o prefeito culpa a Casa Civil, às vezes culpa o Planejamento, às vezes culpa o ministro da área, e o erro às vezes está no prefeito ou está no



secretário do prefeito. Está em alguém que não cuidou. O caso de Curitiba ontem é um caso típico disso.

Eu estou indo a Recife agora e certamente, as obras principais de Recife, não estão prontas ainda. E sabe o que é triste? É triste porque há um ano e meio nós estamos com esse programa, para que as pessoas se dediquem de corpo e alma, 24 horas por dia, para ver se a gente gasta. Porque, o que vai acontecer com meu amigo Guido Mantega e o Paulo Bernardo? Se chegar no final do ano, a gente for apresentar a conta, e a gente não gastou o que estava previsto, ele fala: “Ah, esse governo não tem capacidade de execução”. Não é isso, Guido? “Então, vamos diminuir o dinheiro do PAC”. E nós precisamos aumentar o dinheiro do PAC.

Eu penso que depois da experiência que nós estamos tendo, eu acho que nunca mais este País voltará a ser o mesmo. Porque todo mundo está aprendendo um pouco mais, todo mundo está conseguindo fazer um pouco mais daquilo que fazia. Porque, também, na máquina pública, as pessoas só trabalham se tiver demanda, se não tiver demanda ninguém tem o que fazer.

Então, companheiros, essa reunião aqui, que é uma reunião de agradecimento pelo que vocês fizeram até agora, e foi muita coisa, eu sou testemunha disso, porque mensalmente acompanho, ou acompanho diariamente, com os ministros, é para pedir para vocês: nós ainda temos pequenos problemas, que vai da falta de experiência mesmo, que vai da falta de hábito, da falta de costume.

Nós temos este mês de março, que está terminando, e o mês de abril, o auge do início das obras, sobretudo na área de saneamento e urbanização de favelas, nessa área mais crítica, porque depois tem energia, depois tem transporte, depois tem habitação, depois tem uma série de coisas. Mas a área mais pobre deste País, a que nós precisamos estender a mão, jogar a bóia, é essa área mais degradada, em que as obras precisam começar agora, porque senão, daqui a pouco, a gente não pode mais fazer contrato com nenhum



prefeito, porque tem eleição, e a partir de junho você não pode mais fazer contrato nenhum.

Como é que nós vamos fazer acordo com os 4 bilhões da Funasa? Quer dizer, se não houver agilidade nisso, nossa, de todo mundo, do Presidente da República ao mais singelo dos funcionários desta Casa que estiver envolvido com o PAC, a gente tem que assumir o nosso compromisso de não deixar nada para amanhã, o que for possível fazer hoje, a gente fazer hoje, para que a gente possa dar ordem de serviço e ver essas coisas acontecerem. O resultado dessa obra, o que vai ser, na verdade, além da melhoria da qualidade de vida das pessoas? É mais emprego, mais crescimento econômico e mais favorecimento a todo este País.

Por isso, companheira Dilma, eu que, num ato bem pensado, disse que você era a “mãe do PAC”, é porque eu sei o esforço que você faz junto com a sua equipe, para coordenar isso. Sei quantas vezes você tem brigado com seus companheiros ministros, sei quantas vezes é obrigada a dizer: “Não dá para gastar tanto, só pode gastar isso”. E os companheiros precisam compreender. Às vezes o capitão do time é obrigado a xingar o jogador do próprio time, que não está suando a camisa direito.

E eu acho que nós temos a obrigação, eu, como presidente, os ministros, e vocês, como servidores públicos deste País, nós temos o compromisso moral e ético de gastar, e gastar bem, cada real que nós colocamos no PAC. Eu não sei quantas pessoas de vocês estão aqui, que jamais imaginaram ver um governo anunciar 504 bilhões de reais de obras neste País. Isso era impensável, era quase que impossível, e aconteceu.

Portanto, agora, está nas nossas mãos executar essa grande tarefa. Porque se tudo isso der certo, o que vai acontecer? Quando chegar 2010, quem sabe a gente não esteja comprometendo apenas mais 504 bilhões. Como vamos arrecadar mais, a economia vai crescer, quem sabe a gente esteja fazendo um “Pacão” aí, de 1 trilhão e 8 bilhões de reais, o dobro do que



nós fizemos agora. E para isso acontecer vai depender da execução dessa primeira etapa do PAC.

Portanto, companheiros, nessa reunião de agradecimentos, eu queria dizer para vocês: valeu a pena a gente ter feito o PAC, valeu a pena ter construído os Conselhos Gestores, e valeu a pena a gente acreditar que este País aprendeu a andar com as suas próprias pernas e valeu muito mais a pena a gente acreditar em uma coisa que eu descobri quando cheguei à Presidência. A verdade é que, no Brasil, você tem poucos setores públicos bem-remunerados e muitos servidores públicos mau-remunerados. Nós somos um País ainda de casta nessa área. Tem algumas categorias que ganham muito e outras que ganham muito pouco e às vezes penso que cobrar de uma pessoa, que ganha 4, 5 mil reais, que trabalhe 14, 15, 16 horas por dia, alguns até trabalhando aos domingos... eu só poderia dizer para vocês: muitos terão um lugar no céu quando não estiverem mais aqui, porque a dedicação é muito grande. Eu tiro pela Presidência da República: tem gente que entra aqui às 8h e tem gente que sai daqui à meia-noite e, pelo menos para mim, nunca reclamaram. Eu acho que esse é o sacrifício de quem está na máquina pública. Portanto, companheiros ministros, meus agradecimentos, podem ficar certos que daqui para frente nós vamos cobrar muito mais e a todos vocês que participam do PAC, que Deus continue motivando vocês a acreditarem que vocês são os dentes da engrenagem que toca este País.

Muito obrigado e parabéns a vocês.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a solenidade de assinatura de ordem de início das obras do PAC no estado de Pernambuco

Recife – PE, 26 de março de 2008

A primeira fase do nosso encontro foi a fase em que nós anunciamos os recursos para Pernambuco. Agora, vocês têm que pagar a conta participando da segunda fase, que é ouvir os nossos discursos. Mas, de qualquer forma, eu quero agradecer a Deus por estar vivendo este momento, por ser presidente da República e ter o João Paulo como prefeito durante seis anos e poder exercer o meu segundo mandato com o companheiro Eduardo Campos sendo governador do estado de Pernambuco.

Quando nós chegamos à Presidência da República, não existe espaço, não existe momento em que o presidente da República possa perder um minuto da sua vida, no exercício do mandato, respondendo a determinadas críticas da oposição ou falando mal de quem quer que seja. Presidente da República é um cargo tão importante e tão almejado por tanta gente, que quando a gente chega lá, a gente tem que abrir os ouvidos para o grito do povo, fechar os ouvidos para a crítica das oposições e trabalhar o tempo inteiro para realizar o programa que foi a razão da nossa eleição.

Eu estou dizendo isso para começar dando os parabéns ao Eduardo Campos e à Maria Fernanda, porque fizeram o acordo que devolve a Pernambuco o direito de ter acesso ao dinheiro da Caixa Econômica Federal. Esse mesmo acordo, Eduardo, você era meu ministro e eu tentei fazer com o ex-governador Jarbas Vasconcelos o mesmo acordo. Era um pouco melhor, Geddel, do que o acordo que nós tínhamos feito com a Bahia, mas possivelmente os advogados que trabalhavam para o governo naquela época diziam para o governador que não precisava fazer acordo, porque iam ganhar



na Justiça. Ora, a Caixa Econômica não tem dinheiro dela, também. Grande parte do dinheiro da Caixa é dinheiro do trabalhador brasileiro, é dinheiro do FAT, é dinheiro do Fundo de Garantia. Então, a Caixa não pode dar o dinheiro, a Caixa tem que emprestar o dinheiro, porque o dinheiro é do povo brasileiro também.

Pois bem, não foi possível fazer acordo. Quem ganhou com isso? Pernambuco ganhou alguma coisa? Sabem quem perdeu? O povo de Pernambuco, porque o estado ficou oito anos sem poder tomar um real emprestado à Caixa Econômica Federal. Então, a briga e a teimosia das pessoas às vezes são tão irracionais, que a gente não percebe que no meio da briga de dois gigantes, o povo está lá como se fosse uma fatia de mortadela esmagada, sendo engolida, sem ninguém perguntar ao povo se ele quer que faça assim ou que faça assado.

Eu sei que você já foi criticado, companheiro, eu sei. Mas eu quero te dizer e quero dizer à companheira Maria Fernanda: o acordo que vocês fizeram restitui ao estado de Pernambuco a grandeza que Pernambuco conquistou desde o tempo em que lutou contra os holandeses, desde o tempo em que fez, cinco anos antes da independência brasileira, a independência de Pernambuco, que fez a Confederação do Equador.

Companheiros e companheiras, a história do povo brasileiro é uma história de segregação para muitos e de muitos benefícios para poucos. Já na Revolução de 1917 e na Confederação do Equador, a elite de Pernambuco discutia se não seria bom chamar os negros, se não seria bom chamar os índios para participarem mais ativamente, e a elite falava: “Não, nós não podemos chamá-los, porque se eles participarem e aprenderem, daqui a pouco vão fazer guerra contra nós e vão querer mandar no estado”. A política brasileira é assim.

Estou vendo um homem ali, o Severino, que foi presidente da Câmara. E foi eleito presidente da Câmara porque a nossa oposição queria derrotar o



governo, achando que o Severino iria ser contra o governo. Pois bem, elegeram o Severino. Não levou muito tempo, perceberam que o Severino não era oposição ao governo, e trataram de derrubá-lo com a mesma facilidade com que o elegeram. E, certamente, aquela parte da elite paulista ou do Paraná, que te convidava para fazer palestra todas as semanas para falar mal de alguns projetos, hoje, se o encontrarem na rua não o cumprimentam, e eu continuo tendo o mesmo respeito, hoje, que eu tinha por você há muito tempo, porque a relação humana não é feita apenas de um momento, a relação humana é feita de forma mais sadia, e quando a gente comete erros, a gente paga. Mas é importante que a gente saiba que a hipocrisia deste País deixou a grande maioria da população marginalizada.

Eduardo Campos, aqui no Brasil, eu digo todos os dias: a elite política brasileira, aqueles que chegaram ao poder, com raríssimas exceções – a gente poderia lembrar de Getúlio Vargas, de João Goulart, de Juscelino Kubitschek –, as pessoas estavam preparadas para governar o Brasil apenas para 30% da população. Se não fosse assim, os bairros pobres do Brasil não cresceriam numa dimensão maior do que crescem as cidades. Uma palafita começa com um barraco, e em um ano tem mil, em dois anos tem duas mil. Por quê? Porque não era prioridade e não era interessante assumir o compromisso de consertar aquilo, porque pobre neste País, Geddel, só é valorizado em época de eleições. Eu duvido que vocês já tenham visto, numa campanha política, um candidato falar mal dos pobres. Eles falam mal dos ricos, falam mal dos banqueiros, falam mal dos empresários, falam mal de qualquer coisa, mas os pobres são endeusados, porque é o único momento em que os pobres têm o mesmo peso que os ricos. Na hora em que estão na fila para votar, mesmo que os pobres estejam esfarrapados, é capaz de o candidato chamá-los de doutores. Agora, depois das eleições, o pobre vai continuar pobre, e aqueles de quem os candidatos falaram mal a vida inteira vão para a mesa deles beber e comer, vão tomar café.



É por isso que nós não temos que ter vergonha, e não ter nenhum momento de fraqueza de dizer: nós governamos para todos. O prefeito João Paulo, o Eduardo Campos e eu queremos que os bancos ganhem dinheiro, que os empresários ganhem dinheiro, que todo mundo ganhe dinheiro, porque se não ganharem, quem vai perder é o povo. Nós precisamos que as empresas cresçam, que gerem empregos, que as nossas fazendas produzam, que gerem empregos. Nós queremos todo mundo bem, mas no que não podemos vacilar é que o Estado brasileiro não tem que cuidar dos mais ricos, ele tem que cuidar dos mais pobres, que precisam dele. E se a presença do Estado... Por que cresce a violência nos bairros mais pobres do País? Porque lá está o bandido que, talvez, seja filho das políticas econômicas implantadas neste País, que não geraram emprego, que não geraram educação e que não geraram esperança para muitos jovens, nesses últimos 30 anos.

Mas se lá não tem a prefeitura, se lá não tem o governo estadual, se lá não tem o governo federal, se lá não tem escola, se lá não tem hospital, se lá não tem luz elétrica, se lá não tem água, se lá não tem esgoto, se lá não tem lazer, o Estado não existe para vocês. Então, se nós quisermos que a maioria de bem vença a minoria que já caiu na criminalidade e no crime organizado, o Estado precisa competir, o Estado precisa entrar nos bairros mais pobres e levar decência, levar dignidade, levar educação, levar saúde, levar emprego, levar, na verdade, esperança para que as pessoas acreditem que alguma coisa vai acontecer na vida delas.

Foi por isso que eu comecei agradecendo a Deus, porque quando eu vejo um de vocês contar o seu drama... Não me conte história ruim porque eu já vivi. Quando alguém me conta: “a minha casa encheu d’água”. Eu me levantava à 1h da manhã, com rato subindo na cama para não morrer afogado. Eu me levantava às 2h da manhã com fezes boiando na beira da cama, com barata, perdia tudo. Quando muito, Eduardo, as prefeituras davam para a gente um colchão de capim. Eu ainda agradecia a Deus por ter um colchão de capim,



porque quando eu morei em Garanhuns, nem colchão de capim eu tinha, dormia em taquara mesmo.

Eu também aprendi a nunca reclamar da vida. Para mim – não é agora, que eu sou presidente – nunca teve tempo ruim, eu nunca fiquei sentado culpando os outros pela minha desgraça, nunca. Eu ia à luta todo santo dia, eu acreditava que era possível. É isso que eu quero dizer para vocês: a vida humana é muito curta, a gente vive hoje, em média, 71 anos, a gente não pode parar para ficar reclamando a vida inteira. Nós temos que lutar como o pessoal do Jordão fez, lutar, acreditar, reivindicar, fazer... porque é assim que os políticos ouvem o povo. Se vocês ficam quietinhos, todo mundo acha que está tudo muito bom.

Então, meus companheiros e companheiras de Pernambuco, eu sou um homem de muita fé, sou um homem de muita esperança e eu determinei, na minha vida, que o Nordeste brasileiro não pode continuar a ser a parte pobre do País. Esta região, durante 300 anos, foi a parte rica deste País, era aqui que se produzia a cana, era aqui que se atendia o mercado europeu, era aqui que se atendia os Estados Unidos. Mas a riqueza produzida neste estado foi consumida por pessoas que ganhavam o dinheiro aqui e iam comprar apartamento em Paris, iam comprar apartamento no Rio de Janeiro, iam comprar apartamento em São Paulo, e a riqueza não ficava aqui.

Quando houve a industrialização de São Paulo e o pólo econômico se transferiu para o Sul do País, o que restou aqui foi a transferência de pobres para o Centro-Sul do País, como minha mãe foi, em 1952, para que oito filhos não morressem de fome onde hoje se chama Caetés, que era Garanhuns em 1952. Igual a minha mãe, milhões de nordestinos foram embora. E o que mais me deixava nervoso era quando as pessoas diziam: “Nordestino vai para São Paulo para ser pedreiro, essa ponte foi feita por nordestinos, esse prédio foi feito por nordestinos”, como se a nós estivesse relegada, como única tarefa, a de ser pedreiro. Eu falei: não. O povo nordestino tem que ter o direito de ser



engenheiro, de ser médico, de ser alguma coisa a mais. É por isso que das 48 extensões universitárias que estamos fazendo no País, 14 são no Nordeste. Só aqui em Pernambuco são 5 escolas técnicas, mais a faculdade de Serra Talhada, a de Garanhuns, a de Caruaru e a de Olinda. Por quê? Porque nós entendemos que chegou a hora e a vez do povo que foi marginalizado a vida inteira neste País. Não é possível que o filho do pobre estude na escola pública, no 1º grau, e o filho do rico, na escola privada. Depois, na universidade, quem vai para a (universidade) de graça é o rico, e o pobre tem que ir para a (universidade) paga. Agora, acontece que o pobre não tem dinheiro e, portanto, termina fora da escola.

Por isso nós criamos o ProUni. Só neste ano se inscreveram mais 100 mil jovens da periferia no ProUni, vai para 410 mil jovens no ProUni. Neste ano, Eduardo, tem a formatura da primeira turma do ProUni: 60 mil jovens vão se formar e 40% deles negros, da periferia deste País. Agora, Eduardo, criamos o Reuni. O Reuni vai aumentar a carga de trabalho nas universidades federais. A média de alunos por professor vai sair de 12 para 18, e vai ter cursos à noite. Isso significa colocar mais 400 mil jovens, até 2012, nas universidades já existentes, fora as novas que estamos criando, que são 10. Nós estamos fazendo isso porque entendemos que o Brasil não pode jogar fora mais nenhuma oportunidade.

Tem gente que se incomoda, Eduardo: “Por que o Lula vai tanto ao Nordeste, vai tanto a Pernambuco? Por que é que eu vim aqui? Aprendi com a minha mãe... Minha mãe teve 12 filhos, quatro morreram, oito viveram, e ela sempre dizia: “a gente tem sempre que dar atenção ao mais fraco, ao mais frágil. Quando uma criança está vulnerável, é naquela que a mãe mais faz dengo, é aquela que a mãe mais ajuda, é aquela que a mãe bota para dormir com ela”. Eu trato o País como trato os meus filhos, com o maior carinho do mundo, sempre dando atenção para aquele que necessita mais. O Nordeste necessita mais, e precisa de mais indústrias para gerar mais empregos para



todo o Nordeste brasileiro. O dinheiro que nós anunciamos aqui, hoje, não é só para Pernambuco. A mesma quantidade ou mais vai estar na Bahia, no Piauí, em Sergipe, na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Maranhão, no Ceará, no Amapá, no Pará, no Mato Grosso, no Mato Grosso do Sul, em Goiás, em Brasília, em São Paulo, ou seja, não tem partido. Perguntem aos governadores do PSDB se eles receberam mais dinheiro no governo deles ou no meu governo. Eu não quero saber se o Serra é do PSDB. Eu quero saber que o povo de São Paulo é brasileiro e merece tanto respeito quanto o povo de Pernambuco.

Eduardo, você foi ministro de Ciência e Tecnologia. Neste ano, nós colocamos no PAC, 41 bilhões e meio de reais para investir em ciência e tecnologia até 2010. Não há momento na história do País em que a ciência e a tecnologia tenham sido contempladas com um programa. Não um programa do ministro Sérgio Resende, mas um programa do governo brasileiro, um programa do Estado, para que quando terminar o meu governo, quem quer que venha depois tem que cumprir aquele programa que está elaborado, porque não é um programa feito por nós, é um programa feito pela sociedade.

Eu sei, meus companheiros e companheiras, que a gente fica falando aqui e vai se lembrando de coisas, e daqui a pouco eu tenho que visitar a terraplanagem da Refinaria, tenho que visitar o Estaleiro. Depois tem mais coisa para a gente fazer amanhã, a instalação do Banco Azteca aqui, reunião com os empresários mexicanos para que a gente possa continuar a atrair para o Nordeste indústrias, comércios, supermercados, o que for necessário para que a gente possa tornar Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste mais ou menos iguais, e que vocês queiram visitar São Paulo por turismo, não para ir trabalhar como pedreiros. Que um paulista venha aqui para viajar como turista. É essa a condição que nós queremos criar.

Só foi possível fazer tudo isso, Eduardo, depois de quatro anos amargos. Porque os primeiros quatro anos foram muito amargos. Sabe aquela



mãe que não gosta do genro e fica dizendo: “o casamento não vai dar certo, você não vai casar, não vai dar certo, eu sou contra você se casar”. Depois a filha se casa e vive feliz para o resto da vida e a mãe, às vezes, não quer pedir desculpas, ou o pai. Conosco foi assim, eles acharam que a gente não ia dar certo. Como eles deixaram o Brasil quebrando, eles acharam que o Brasil ia quebrar: “daqui a dois anos o povo está gritando nas ruas ‘fora Lula’ e nós vamos voltar”. Eles não sabiam que eu tinha uma coisa na cabeça. Eu sabia que um operário não podia dar errado, porque se a gente desse errado, a gente ia ficar mais 300 anos para chegar ao poder. Eu sabia que a gente tinha que dar certo.

Por isso é que nós trabalhamos. Eu posso contar para vocês que nós trabalhamos mais do que já se trabalhou em qualquer outra época deste País. O Eduardo disse uma coisa verdadeira, quando a gente anunciou o PAC de 504 bilhões, anunciou 40 bilhões para saneamento básico, anunciou 106 bilhões para habitação, além de ferrovia, de hidrovias, de portos e aeroportos, quando o governo anuncia, se o governo não estiver atrás, todo santo dia...É como cuidar de filho fazendo lição de casa. Às vezes, você pergunta: “meu filho está fazendo a lição?” E ele está trancado no quarto: “estou pai, estou mãe”. Aí, você vai ver, ele está fazendo qualquer coisa, menos a lição de casa. Se a gente não cuida do Programa, é assim. Nós anunciamos 504 bilhões, mas se a gente não vai atrás, se o Eduardo não monta um conselho gestor, se o João Paulo não monta um conselho gestor, se a gente não monta, sob a coordenação da Dilma, um conselho gestor, se cada Ministério não monta um conselho gestor, e se vocês não ficarem acompanhando...

Acho que eu tenho quase idade para ser pai do Eduardo e do João Paulo. Eles parecem mais velhos do que eu, mas eu tenho idade de ser pai deles. Eles sabem do carinho pessoal que eu tenho por eles, carinho de irmão, de pai, de tudo que vocês possam imaginar. Agora, a única coisa que eu cobro deles é que: pelo amor de Deus, essas obras significam muito, porque elas



significam melhoria da qualidade de vida de vocês. Depois, elas significam emprego para muita gente, e emprego significa salário, salário significa poder de compra. As pessoas vão poder comprar; as pessoas comprando na loja, a loja vai comprar da fábrica, a fábrica vai produzir mais e vai precisar de mais empregados. A economia do estado vai crescendo, mais empresas vão vir para cá, mais empregos vão gerar. É nisso que nós precisamos acreditar e fazer. É por isso que eu peço a vocês: tratem essas obras do PAC como se fossem filhos de vocês, porque esse povo é um povo de muita paciência.

Às vezes eu fico agradecendo a Deus, por ver como o povo brasileiro é paciente, porque passar as privações que o povo passa, vendo entrar governo e sair governo, e nada acontecer para o povo, é ter muita paciência. O que salva é a fé que o povo tem em Deus, é o que salva. Nós somos muito cristãos e acreditamos sempre que amanhã vai acontecer alguma coisa.

Então, eu quero dizer para vocês o seguinte: nós começamos uma revolução administrativa neste País. Nós começamos com o PAC, mas antes nós tínhamos começado com a política social. Tem gente que critica: “o Bolsa Família é assistencialismo, é esmola”. É esmola para quem pode dar 70 reais de gorjeta depois de tomar 1 litro de uísque. Mas para uma mãe, que pega 70 reais para comprar pão e farinha para casa, é muito dinheiro. Nós não queremos que as pessoas fiquem no Bolsa Família a vida inteira, nós queremos que as pessoas comecem a trabalhar e vão deixando o Bolsa Família para outros. Deus queira que um dia não tenha ninguém precisando de Bolsa Família, que esteja todo mundo trabalhando e todo mundo sustentando a sua família com o resultado do seu suor e do seu sangue.

Este País começou e não tem volta. Vocês podem ver televisão, alguns adversários gritam e xingam, é o papel deles. Eu também já fui oposição, eu já xinguei muito. Hoje eu fico lembrando, Eduardo, o tanto de discurso que eu fiz contra o Sarney, quando ele anunciou a Ferrovia Norte-Sul, em 1987. Eu cansei de falar mal do Sarney. Hoje, em apenas cinco anos, nós já fizemos



mais da Ferrovia Norte-Sul do que todos os outros governos em 17 anos. Por quê? Porque eu fiquei mais velho, amadureci, peguei mais responsabilidade e já não sou daqueles que acha que a palavra é fácil, que eu posso falar tudo. Não. Eu tenho que falar aquilo que é possível falar, sem ofender as pessoas. Hoje eu compreendi que a Ferrovia Norte-Sul é uma necessidade.

A Ferrovia Transnordestina, que vocês viram aqui, vai ligar o Porto de Suape ao Porto de Pecém, no Ceará, e vai ter um tramo até Eliseu Martins, no Piauí. Pois bem, sabem o que as pessoas me diziam? “Não faça essa ferrovia, Presidente, essa ferrovia não tem viabilidade econômica, não tem nada perto dela, por que o senhor vai fazer?” Tem estado que é tão desenvolvido que você precisa levar a ferrovia porque já tem indústria. Tem outros que precisam tanto da ferrovia, porque somente depois dela é que vai vir a indústria.

Então, o que nós fizemos? É um projeto privado, mas a Dilma sabe o trabalho que nós tivemos, de chamar o empresário; depois, chamar os governadores; depois, chamar o Ibama. Então, quando eu vejo, Bazileu, você entregar para o Eduardo Campos a assinatura do contrato, dando autorização para que o Ibama de Pernambuco cuide de ajudar nesse processo, eu fico feliz. Sabe por que, Eduardo? Porque eu ainda quero ir, com você, em Salgueiro colocar um trilho na Ferrovia Transnordestina. Era um sonho do governador Miguel Arraes, em 1989, quando eu fui candidato a presidente.

Quando eu fui candidato a presidente, eu vinha do Crato em um avião com o Miguel Arraes, e Arraes dizia: “Lula, a única coisa que eu quero de você é que você faça a Transnordestina”. Pois bem, ela vai ser feita, da mesma forma que a revitalização do rio São Francisco, levando água para Pernambuco, para o Ceará, para a Paraíba e para o Rio Grande do Norte. Essa obra começou com D. Pedro II, em 1847. Ele era imperador e não teve força de fazer. Pois bem, eu não sou imperador, eu sou apenas presidente da República, mas o povo brasileiro se politizou mais do que naquela época e está a exigir, que não é possível a gente ver pessoas passar sede porque não tem



chuva. A chuva é um problema, mas a fome por conta dela é falta de vergonha dos governantes, porque a gente tem como resolver o problema da falta d'água, e vamos fazer.

Tem barulho? Tem. Tem greve de fome? Tem. Não tem problema, eu nasci na luta. Se as pessoas fazem greve, eu já fiz greve. Se as pessoas fazem greve de fome, eu já fiz, fiz por seis dias. (inaudível) Fiz seis dias de greve de fome e quando a lombriga maior estava comendo a menor, eu fiquei pedindo a Deus para alguém me mandar parar com a greve de fome, porque eu já não agüentava mais. A vontade que eu tinha de comer um taco de rapadura, um taco de carne-de-sol. Então, eu acho que os movimentos, todos, têm o direito de protestar, é legítimo, é democrático, é republicano, mas aquilo que for para melhorar a vida do povo eu vou fazer neste País. Podem ficar tranqüilos que nós vamos fazer.

Nós não somos mágicos e não temos varinha de condão, não podemos fazer tudo num toque de mágica, mas nós estamos trilhando o caminho. Eu tenho fé em Deus que eu deixo o governo, mas este companheiro continua governando Pernambuco. A oposição pensa que vai eleger o sucessor. Podem tirar o cavalinho da chuva, porque nós vamos fazer a sucessão para continuar governando este País. Podem tirar o cavalo da chuva. Ainda está muito longe. Mas se alguém pensa que vai atrapalhar o projeto de desenvolvimento deste País, vai ter que lutar muito e vai ter que trabalhar muito. Apenas fazendo discursos, não vão nos derrotar, não. É preciso trabalhar mais do que nós e dizer ao povo o que eles fizeram antes de nós, porque eles já governaram. Eles não são marinheiros de primeira viagem, eles já passaram 500 anos governando este País, eles têm que dizer o que eles fizeram para a educação, e aí, vamos comparar. E aí vamos trabalhar com muito carinho, meus companheiros.

Eu vou voltar a Pernambuco, ainda, mais algumas vezes. Vou agora ao Rio Grande do Norte, à Paraíba, à Bahia, vou ao Piauí. Eu vou visitar todos os



estados brasileiros e os meus adversários vão dizer: “Está em campanha, está em campanha”. Eu não estou em campanha, porque não tem eleição para presidente. E, se tiver, eu não posso concorrer. Então, eu não estou em campanha. Agora, se eles acham que eu vou ficar lá em Brasília ouvindo discursos, eles podem fazer quantos discursos quiserem, que eu vou para a rua ouvir os discursos do povo, porque eu ganho muito mais com isso.

Por isso, meus companheiros e minhas companheiras, é com muito orgulho...Eu, agora, tenho um encontro com o presidente Chávez, vamos assinar o acordo da Refinaria, depois vamos visitar o Estaleiro Atlântico Sul, para construir os grandes navios aqui no Porto de Suape. O Eduardo estava me contando da escola de formação profissional que foi feita lá, da emoção que aconteceu. Então, eu acho que é isso, companheiros. Vamos continuar nos organizando, vamos continuar lutando e acreditando que a gente pode fazer muito mais. Nós estamos apenas começando, o caminho é longo, mas o caminho é alentador. E agora, com o PAC, certamente nós aprendemos que este País nunca mais vai parar. Este País passou muitos anos parado, ele agora aprendeu a andar e, daqui a pouco, estará aprendendo a correr. E eu acho que nós vamos nos transformar numa grande economia mundial.

A última coisa que eu queria dizer para vocês. Vocês estão lembrados que todos vocês, um dia, carregaram faixas: “fora FMI”. Não carregaram? Cadê o FMI? Não existe. E não precisamos fazer bravata. Não só devolvemos os 16 bilhões deles, como o Brasil não tinha reservas e hoje temos quase 200 bilhões de dólares em reservas. Hoje, quem está em crise não é o Brasil, são os Estados Unidos. Eu quero que eles melhorem, porque os Estados Unidos são um grande parceiro, compram muito do Brasil e vendem muito para o Brasil. Mas, até agora, a crise deles não chegou aqui, e Deus queira que não chegue. O que nós queremos é que o Brasil se transforme num país de muita solidez, porque quanto mais o País crescer, mais vocês vão melhorar. Eu sei o valor que tem para o pai de família o emprego. Eu sei o valor que tem para a mãe o



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

filho estar trabalhando, porque se ele não está trabalhando e não está estudando, a mãe vive agoniada por não saber onde está o filho. E quando ele está estudando e trabalhando, a mãe, certamente, passa o dia com muita tranqüilidade.

Eduardo Campos, João Paulo, deputados, secretários e meus queridos irmãos e irmãs de Pernambuco, que Deus abençoe todos nós e que a gente possa fazer muito mais pelo País.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante participação no Fórum Empresarial Brasil-México

Recife – PE, 27 de março de 2008

Meu caro companheiro Eduardo Campos, governador do estado de Pernambuco,

Meu caro Eduardo Sojo, ministro da Economia do México,
Embaixador Celso Amorim, ministro das Relações Exteriores,
Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Ivan Ramalho, ministro interino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio,

Companheiro José Gomes Temporão, ministro da Saúde,
Sérgio Rezende, ministro da Ciência e Tecnologia,
Márcio Fortes, ministro das Cidades,

José Múcio, ministro das Relações Institucionais,

Senhor João Lyra Neto, vice-governador do estado de Pernambuco,
João Paulo, companheiro prefeito de Recife,

Meu caro Ricardo Salinas, presidente do Grupo Salinas,
Mário Garnero, presidente do Fórum das Américas,

Companheiros governadores que estão visitando o estado de Pernambuco. Eu não sabia que o Eduardo Campos tinha tanto prestígio, pois consegue fazer uma reunião com mais governadores do que eu, quando convoco os governadores. Eu acho que o Eduardo Campos está transferindo dinheiro do PAC via Pernambuco, Dilma.

Companheiro Roberto Requião, governador do estado do Paraná,
Governadora Wilma de Faria, do Rio Grande do Norte,
Governador Wellington Dias, do Piauí,
Governador Cássio Cunha Lima, da Paraíba,
Secretários,



Deputados,

Deputada Ana Arraes e deputado Inocêncio de Oliveira,

Meus amigos e minhas amigas.

Eu tenho sempre dois discursos, Delfim, um por escrito e um que eu quero falar de verdade, depois. Mas primeiro, eu quero dizer para vocês como é que as coisas acontecem de forma inesperada. Um dia, o Delfim Netto me telefonou e falou: “Presidente, eu queria saber se o senhor teria disposição de receber um representante do Grupo Azteca no Brasil, porque eles estão com uma dificuldade há algum tempo”. Na hora em que ele falou o nome Ricardo Salinas, eu imaginei que era o ex-presidente do México, e eu falei: não vou recebê-lo. Depois, o Delfim me explicou que não tinha nada a ver com o ex-presidente Salinas de Gortari. Eu fui conversar com o Ricardo Salinas e ele me explicou sobre uma dificuldade, que há muito tempo ele tinha dado entrada no Banco Central, na perspectiva de fazer com que o Banco Azteca funcionasse no Brasil, pois ele queria contribuir para reduzir as taxas de juros aqui no Brasil, sobretudo, para o consumo mais popular, e não entendia porque estava com dificuldade.

No mesmo ato, peguei o telefone, chamei o Ministro da Economia, o Delfim estava presente, e perguntei ao Ministro se ele sabia por que um banco que queria reduzir juros estava tendo dificuldade para se instalar no Brasil. O Guido também não sabia. O que aconteceu de fato? O pedido feito pelo Ricardo Salinas deve ter entrado na esteira, na escada rolante da burocracia, parou na mão de alguém e ficou lá parado três anos, sem que ninguém desse uma resposta. Eu disse para o Salinas: nós vamos fazer o seu banco funcionar aqui no Brasil, até porque se você conseguir reduzir o *spread* para o povo mais pobre, eu penso que vai ser uma lição. Eu estou desafiando os bancos brasileiros, sobretudo os públicos, a perceberem o que vai acontecer com a entrada do Banco Azteca no Brasil. Estou otimista, eu sei que uma grande caminhada começa com apenas um passo. Aqui tem vários governadores de estados muito pobres, que terão interesses de poder... o Requião está aqui para se associar ao Banco Azteca, pela riqueza do Paraná.



O dado concreto é que hoje estamos aqui para inaugurar a primeira sede do Banco Azteca. Como diz o Salinas – eu já passei na frente (do prédio) agora – é um prédio simples, mas eu penso que é uma outra inovação, porque aqui no Brasil os prédios de bancos são muito poderosos, ostentam muito quando, na verdade, a única coisa que deveria ser bem segura no banco é o cofre. A parede poderia ser mais simples, os vidros poderiam ser mais simples, ficaria tudo mais barato, e aí se cobraria menos tarifa e poderia se reduzir os juros. Vamos ver se você vai começar uma nova etapa.

Eu quero agradecer ao Delfim, que possibilitou esse contato, e quero agradecer ao Ricardo Salinas a confiança de ter vindo fazer uma experiência. É importante dizer para os governadores do Nordeste, porque tem gente que pensa que fui eu que o indiquei para vir para Pernambuco. Eu quero aproveitar a presença dele aqui para dizer. A primeira conversa que eu tive com ele foi a seguinte: eu queria ter um exemplo na favela da Rocinha, no Rio de Janeiro. Para mim, foi uma surpresa o Eduardo Campos ir... deve ter ido ao México já umas 30 vezes...

Primeiro, quero dizer da satisfação... Antes de dizer da satisfação, quero pedir desculpas. Eu sei que não é normal um presidente pedir desculpas, porque a liturgia não permite, o presidente pode tudo. Mas eu tenho que pedir desculpas porque estava marcado para eu vir aqui às 9 horas da manhã para fazer a abertura. Como a reunião com a Venezuela terminou muito tarde e não foi possível fazermos a entrevista coletiva sobre os acordos Brasil-Venezuela, eu achei prudente que fizéssemos hoje pela manhã. O político latino-americano, seja mexicano, venezuelano ou brasileiro, quando um jornalista faz uma pergunta, em vez de a gente responder, a gente conta uma história. Então, demorou muito e eu quero pedir desculpas a vocês.

Quero agradecer a presença dos empresários mexicanos e dos empresários brasileiros, e dizer para vocês que é uma alegria e uma coisa simbólica para mim estar participando deste evento. Já visitei o México cinco vezes, desde que fui eleito presidente da República. Já me reuni com o presidente Calderón, no México, já me reuni com ele em vários outros fóruns, e



estou aguardando, ansiosamente, uma visita de Estado do presidente Calderón ao Brasil, porque acho que o México tem dívida com o Brasil e o Brasil tem dívida com o México. Nós precisamos nos colocar de acordo, para que a gente possa fazer acontecer as coisas que precisam acontecer entre Brasil e México. São as duas maiores economias do continente latino-americano, são as duas maiores populações, e é inexplicável que durante um tempo... Certamente o Brasil era mais fechado do que o México, então parecia que o Brasil tinha medo do México, e não tinha medo dos Estados Unidos. Agora, parece que o México tem medo do Brasil e não tem medo dos Estados Unidos.

Em se tratando de comércio, o mundo está a exigir, sobretudo com os sinais da crise imobiliária americana, que nenhum país se dê ao luxo de ficar dependente de um ou de dois países na sua relação comercial. É extremamente importante que haja uma diversificação na nossa relação comercial. Por isso é que nós, do Mercosul, queremos que o México entre de braços abertos no Mercosul. Por isso é que nós, no Brasil, queremos aprimorar a nossa relação comercial e ampliar os acordos que temos com o México. Não é possível que dois países, do tamanho do México e do Brasil, tenham a sua balança comercial basicamente em função de automóveis e de autopeças. Precisamos alargar o número e a quantidade de produtos que nós trocamos, eu acho que isso seria bom para o Brasil e para o México. Nós sabemos que o México tem um déficit comercial na relação com o Brasil. No ano passado já diminuiu 1 bilhão de dólares nesse déficit comercial, que era alto. E como nós dizemos sempre que comércio internacional é uma via de duas mãos, na qual a gente tem que comprar e tem que vender, o desequilíbrio não pode ser muito forte para um lado ou para o outro, precisa ser mais ou menos equânime para que seja justo e para que todos possam sobreviver, a não ser na importação de petróleo, que está sempre desigual para os países importadores.

A segunda coisa que eu queria dizer para vocês é que o Brasil, não é exagero dizer... Depois vocês vão ouvir ainda a ministra Dilma Rousseff. Depois o Delfim Netto vai fazer uma palestra aqui, e espero que você fale bem do governo, Delfim. Se deixar o Requião falar, ele vai falar mal. O Brasil vive



uma coisa que eu chamo de um certo momento mágico no País. Há um conjunto de coisas que estão caminhando na mesma direção, de forma tão sólida e tão harmônica que eu acho que o Brasil vai, neste começo do século XXI, ter a chance... muitas chances que ele teve no século XX se perderam, ora por culpa nossa, ora por culpa dos outros, mas se perderam.

Agora eu estou viajando muito pelo Brasil para dar ordens de serviço ou para visitar obras do PAC, o nosso Programa de Aceleração do Crescimento, que a ministra Dilma vai falar com vocês. E estou percebendo o crescimento de uma coisa chamada auto-estima. A esperança voltou a acender na consciência das pessoas, e elas começam a se sentir atendidas pelo papel que o Estado tem que exercer para garantir a sua cidadania. O que nós estamos fazendo com o PAC, não no caso de ferrovias, de portos, de aeroportos, de energia, mas em urbanização de favelas e saneamento básico, é um projeto de uma magnitude que nunca foi feito na história deste País. Nós estamos percebendo – e os governadores certamente já perceberam isso – que estamos desfazendo o empobrecimento que durante tantas décadas foi promovido neste País. Imaginem se o prefeito de uma cidade ou o governador de um estado percebesse que, em uma determinada área tem uma pequena ocupação de pessoas pobres, e fizesse uma intervenção imediata e tirasse 10, 15 pessoas, ficaria muito mais fácil resolver o problema do que deixar juntar 50, 30, 40 mil pessoas. Quando se juntam 10 pessoas é um problema social, quando se juntam 50 mil, vira um problema político, e é muito mais complicado.

Então, o PAC está dando às pessoas o horizonte de que elas vão voltar a conquistar a cidadania que foram perdendo ao longo dos últimos 30, 40, 50 ou 60 anos. Esta é uma grande novidade que estamos vivendo no Brasil. Ontem eu recebi a informação de uma pesquisa feita por um instituto francês, me parece, publicada no UOL e também em outros blogs, que em 2007 a classe “C” passou a significar 46% da população brasileira. Mais 20 milhões de pobres deixaram as classes “E” e “D” e ascenderam um pouco. Começaram a virar o que nós chamamos de classe média baixa. Eu penso que por tudo que está acontecendo no Brasil, os números de 2008 que serão apresentados em 2009



irão mostrar um pouco mais da ascensão dos pobres deste País, e o de 2010 vão apresentar, ainda mais, uma melhoria em 2009.

E por que esse milagre está acontecendo? Primeiro, não existe milagre. Eu perdi muitos amigos entre 2003, 2004 e 2005, porque tem um tipo de pessoa que acha que é possível você governar uma cidade, um estado ou um país com a dinâmica estabelecida no Brasil, porque o Brasil é um País presidencialista com uma Constituição parlamentarista, em que governadores, prefeitos e presidentes, hoje, têm muito menos poder de decisão do que tinham há 20, 40 anos. Hoje, nós criamos mecanismos que agem muito mais, às vezes, até para dificultar as ações do Executivo, e nós achamos que isso é bom porque faz parte da democracia e nós vamos aprendendo a fazer as coisas cada vez mais corretas. Eu perdi muitos amigos porque eu fui obrigado a trocar o capital político que eu tinha em 2003. Todo recém-eleito tem um forte capital político – o grau de expectativa da sociedade é muito forte – tem uns que perdem logo e não recuperam nunca mais, tem outros que recuperam. E nós trocamos grande parte do capital político que nós tínhamos por fazer um ajuste fiscal, que, eu digo, Delfim, eu duvido que um economista tradicional ou qualquer outro governo tivesse a coragem de fazer.

Eu fico pensando que, talvez pelo fato do Palocci não ter sido um economista da Fundação Getúlio Vargas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro ou da Unicamp e não tivesse todas as nuances clássicas da economia, e por eu não ser um intelectual, um leitor de dezenas de livros sobre economia, talvez por isso nós tenhamos feito o que tínhamos que fazer. Senão, o debate acadêmico tomaria conta das discussões políticas e as coisas deixariam de acontecer como aconteceram.

Eu digo sempre que eu trato a economia como eu tratei a minha vida o tempo inteiro, não tem diferença. Obviamente que os nomes são diferentes, os paradigmas são diferentes. Mas eu, aos 62 anos de idade e desde muito cedo com uma responsabilidade, antes de casar, de cuidar de mãe e de irmãos em uma crise de desemprego profunda em 1965, aprendi que o salário da gente precisa ser controlado a ferro e fogo, porque se você gastar mais do que ganha



ou se você se endividar mais do que a possibilidade que você tem de pagar, mais dia, menos dia, você tem que começar a vender a casa para pagar dívida, vender a televisão, vender a geladeira, vender o carro. E quando tem uma crise dessas, profunda, a família se desestrutura, há separações, há brigas familiares. Então, eu sempre fui muito cuidadoso, nunca comprei nada à prestação na minha vida. Não tinha o Banco Azteca no Brasil. Eu sempre tive medo de contrair uma dívida, depois ficar desempregado e não poder pagar. É assim que eu vejo o País. Eu tenho dito, nesse momento, ao ministro da Economia e ao Banco Central, que não é hora de otimismo. Nós estamos começando um processo. As coisas estão dando certo, mas precisamos ter toda a cautela do mundo para não achar que já podemos gastar o que não temos. É preciso ser comedido até que a gente, definitivamente, transforme o Brasil numa grande economia, num grande país industrialmente desenvolvido, num grande país exportador de conhecimento, de inteligência, de valor agregado. E eu penso que nós estamos seguindo.

Por que é que nós conseguimos fazer isso? É verdade que eu tenho sorte, muita sorte, e é verdade que Deus é brasileiro. Essas duas verdades são inexoráveis. Eu sou um homem de muita sorte. Eu tive sorte quando perdi três eleições e tive sorte quando ganhei duas. Tive muita sorte. Agora, vejam o que aconteceu no Brasil. Durante décadas havia uma discussão acadêmica, no Brasil, de que o Brasil não podia crescer combinando controle de inflação com crescimento econômico. Eram debates e mais debates. Isso está se apagando. Depois, tinha uma outra máxima que dizia: “o Brasil, se for aumentar as exportações, tem que diminuir o mercado interno”. Está acontecendo exatamente a combinação perfeita entre o crescimento das exportações e o crescimento do mercado interno.

Tudo isso em função de ter aparecido no cenário brasileiro um agrupamento de milhões de pessoas, que sempre foram marginalizadas, que estão virando pequenos consumidores. As pessoas estão comendo carne, estão tomando leite, estão comprando sapatos, estão comprando uma televisão... Tudo isso porque nós resolvemos ser um país capitalista moderno.



Não há possibilidade de ter um país capitalista em que você não tenha crédito. O dinheiro tem que circular na mão das pessoas para justificar esse regime capitalista.

Nós saímos, em cinco anos, de 300 bilhões de reais de crédito para 1 trilhão de reais de crédito, ou seja, mais de 3 vezes. Nós saímos de um pouco mais de 2 bilhões de reais para ajudar o pequeno agricultor, para mais de 10 bilhões de reais. Uma vez eu tive uma reunião com o sistema financeiro brasileiro quando era candidato, e um banqueiro me fez uma pergunta. Eu falei: mas por que você não responde? Você, que é banqueiro, e que sabe? A pergunta era sobre por que o povo não tinha crédito e não ia muito a banco. E ele me disse: “Nós não emprestamos dinheiro ao povo porque não temos a certeza de receber, não temos garantias. Quando nós financiamos um carro, temos a garantia de que vamos tomar o carro. Mas, se eu emprestar dinheiro para fazer uma casa, eu não posso tomar a casa, se eu emprestar dinheiro para qualquer coisa, eu não posso tomar. O trabalhador pode não pagar, pode ser mandado embora”. O que nós fizemos? Criamos o crédito consignado. O que nós demos? A folha de pagamento como garantia. Em acordos feitos entre sindicatos, empresários e bancos, os trabalhadores e as empresas escolhiam o banco e faziam o crédito consignado. Em pouco mais de quatro anos nós tivemos, praticamente, 50 bilhões de reais circulando neste País.

E assim foi se fortalecendo a inclusão bancária, a possibilidade de as pessoas terem acesso ao microcrédito e a ajuda do governo na compra de produtos agrícolas nos estados mais pobres da Federação. Os governadores do Nordeste sabem: compra de leite, de feijão, de milho, de vários produtos que os agricultores plantavam e, na hora da colheita, não tinham preço. Então, o Estado entrava para assegurar que esse pequeno produtor continuasse produzindo no campo.

Além disso, nós tivemos reuniões com empresários – eu acho que nunca houve na história do Brasil a quantidade de empresários como a que nós temos reunidos – para incentivá-los, para fazê-los acreditar no Brasil, para fazê-los acreditar que o momento é este, o momento não é amanhã ou depois de



amanhã, o momento é agora. Começamos a ter uma política prioritária para regiões mais pobres do Brasil. O Nordeste, este lugar que nós estamos aqui – os empresários mexicanos podem ter certeza – nunca recebeu a quantidade de recursos, em parceria com eles, como a que estará recebendo nesses próximos anos. Eu também cunhei um aprendizado há muito tempo: dinheiro, mesmo que pouco, na mão de muitos é distribuição de renda. Agora, muito dinheiro na mão de poucos é concentração de renda. Então, era preciso fazer esse dinheiro fluir, circular.

Eu me lembro que quando nós criamos o Bolsa Família, os adversários mais ideológicos diziam: “Isso é assistencialismo, isso é esmola”. Por quê? Porque um cidadão que pode sentar em um balcão de um restaurante chique e, ao terminar de tomar o seu uísque, pode dar 50 reais de gorjeta para o garçom, ele não tem dimensão do que uma mãe de família pobre faz com 50 reais. A multiplicação dos pães de que Cristo falava era exatamente essa: deu dinheiro nas mãos das pessoas necessitadas.... E nós, além de dar aos pobres, estamos dando para as mulheres, porque o homem ainda pode parar em um bar e tomar um aperitivo com o dinheiro do Bolsa Família. Pode, se ele tiver vontade ele pode, se o Corinthians perdeu, se a Seleção perdeu. Mas uma mulher, certamente, ela vai ao armazém comprar o que dar de comida para os filhos.

Além disso, eu penso que nós recuperamos a credibilidade que o Brasil estava perdendo no mundo. Isso necessitou de muitas viagens. Eu até comprei um avião, em que colocaram o apelido de Aerolula. Eu tomei a decisão de que era preciso viajar porque era possível mudar a geografia comercial do mundo. Nós não podíamos ser um mundo estático, em que dois grandes blocos determinavam as regras do jogo no comércio para o mundo inteiro, e outros países enormes como México, Brasil, Argentina, Índia, China, África do Sul e Indonésia não tivessem nenhuma participação nisso, não pudessem mudar a regra do jogo.

Eu me lembro quando em Cancún foi constituído o G-20, pelo menos aqui no Brasil a imprensa vendeu com um fracasso. O que aconteceu? Em



pouco tempo, dificilmente acontecerá qualquer negociação comercial entre blocos sem o G-20 ser ouvido. Nós estamos cada vez mais convencidos de que a geração de países que na década de 90 estava quebrada, devendo ao Fundo e devendo a todos, hoje é a geração dos países que se transformaram nos *BRICS* e agora são os donos dos fundos soberanos mais importantes. O Estado passou a ter mais dinheiro do que ele devia. No caso do Brasil, o dia em que eu soube da notícia, Delfim, eu falei: eu não morro mais de infarto. Eu passei 30 anos da minha vida xingando o Delfim e falando mal do FMI. Ao Delfim eu já pedi desculpas, num ato público do PT, na minha campanha. O homem precisa ter compreensão de que uma pessoa com quem teve divergência na década passada, pode ser o seu melhor amigo na década seguinte. É por isso que Deus nos fez inteligentes, é por isso que nós somos racionais e não irracionais. E o FMI – eu tenho um problema de bursite, é de carregar faixa contra o FMI; não tem um lugar deste Brasil que eu não andei com faixa pendurada – hoje o FMI não tem nenhum significado. Nós devíamos 16 bilhões para eles, que eles tinham depositado porque a gente não tinha reservas. A gente tinha 30 bilhões, dos quais 16 eram do FMI. Eu devolvi os 16 bilhões para o FMI. Eu poderia ter feito um programa, em cadeia, como o Juscelino fez quando brigou com o FMI. Eu pensei: eu poderia fazer, mas eu acho que não, vamos devagar, porque amanhã eu posso precisar deles, então vou com cuidado.

Como eu vi minha mãe, muitas vezes, bater palma na casa da vizinha para pegar uma xícara de sal, para pegar uma xícara de açúcar, para pegar uma xícara de óleo emprestado, e eu dizia: mãe vamos manter uma boa amizade com essa vizinha aí, porque a gente pode precisar outra vez, e vamos pagar com açúcar da mesma qualidade, não vamos pagar com açúcar de pior qualidade. Daí eu falei: vamos sair quietos, o que importa é sair. Fazer carnaval não faz bem o meu estilo.

Hoje, o FMI foi embora, nós não precisamos do FMI para nada, temos uma sólida reserva que já está em quase 195 bilhões de dólares, e temos uma única preocupação hoje na economia. Primeiro, é a de manter os empresários



brasileiros com auto-estima muito forte, de manter a sociedade acreditando que o Brasil precisa apenas de uma oportunidade para não parar mais de crescer. E, segundo, de olho nessa crise americana, porque essa crise americana pode não ser tão grande como a gente imagina, mas pode ser maior do que a gente imagina. Então, vamos ficar de olho, para que a gente olhe com lupa todo santo dia. Graças a Deus, o sistema financeiro não está envolvido no *subprime*. Lá eles falam *subprime*, se fosse aqui no Brasil era caloteiro, aqui no Brasil nós avacalhamos tudo logo. Então, nós estamos de olho para que o Brasil e os países que estão crescendo na América Latina não sejam vítimas da crise americana.

Eu, pessoalmente, liguei duas vezes para o presidente Bush. Eu soube que ele ficou meio chateado porque eu tinha falado com o Gordon Brown, tinha dado uma declaração na imprensa brasileira sendo duro com os Estados Unidos. Ele falou com o Gordon Brown, meio chateado, e eu liguei para ele para falar: Bush, o problema é o seguinte, meu filho: nós ficamos 26 anos sem crescer, agora que a gente está crescendo você vem atrapalhar? Resolve a sua crise. E depois, o Brasil tem *know-how* para salvar banco, é só criar um Proer. Se ele quiser, pode vir ao Brasil e tem gente que pode ensinar, eu não vou ensinar, mas tem gente que pode ensinar como é que se salva um banco. O Brasil tem *know-how* e acho que se eles precisarem nós poderemos mandar essa tecnologia para eles. E o pior é isso, é que nós bancamos ajuda aos bancos, fechamos alguns e eles agora estão na Justiça, para ganhar de volta. É uma coisa... O Brasil pode ajudar.

Então, nós estamos de olho, muito de olho e vamos continuar diversificando o nosso comércio. Este ano eu vou ao Vietnã, vou à Indonésia e vou a outros países porque eu acho que nós temos que assumir compromissos maiores. Aqui vai a minha fala, diretamente para os companheiros mexicanos. Do que nós temos medo na nossa relação? O que o Brasil pode oferecer de perigo para o México? O que o México pode oferecer de perigo para o Brasil? Vamos meditar. Qual é a lógica de o México não ter medo dos Estados Unidos e ter medo do Brasil? Do ponto de vista sociológico, econômico, qual é a



lógica? Nenhuma.

Por isso é que eu quero a presença do presidente Calderón aqui, para ver se a gente aperfeiçoa esse acordo. Nós não podemos ficar importando autopeças e carros, e exportando autopeças e carros. É como se fosse uma troca. Nós precisamos vender e comprar produtos. Eu me lembro que disse uma vez ao presidente Calderón... A Pemex, no México, é como se fosse uma deusa intocável. E eu disse ao presidente Calderón: Presidente, é público e notório que a produção da Pemex está decaindo, e como o Estado utiliza muito os recursos da Pemex, deixou-se de investir muito em inovação tecnológica. Por que a gente não cria – sem permitir que ninguém fale que estamos privatizando a Pemex – uma terceira empresa, entre Petrobras e Pemex, para fazer exploração de petróleo em campos novos? Propus ao presidente Calderón: por que a gente não faz um grande investimento na questão do biodiesel, no México? Não para plantar biodiesel de milho – esse nós vamos dar para as galinhas –, mas para modernizar a produção de cana, para levar a tecnologia que o Brasil tem – um acúmulo de mais de 35 anos – e fazer com que o México, que tem livre comércio com os Estados Unidos, comece a introduzir o álcool nos Estados Unidos, até que eles fiquem dependentes e precisem também do álcool brasileiro. Nós entramos na rabeira do México, ou já mandamos diretamente para o México, e entra para os Estados Unidos. Fazemos um gasoduto no muro e passamos com o etanol. De vez em quando, alguém vai entrar no alcoolduto e vai sair lá nos Estados Unidos.

Então, eu penso que os empresários mexicanos e os empresários brasileiros precisam fazer um desafio, um desafio à nossa inteligência, às nossas necessidades econômicas, um desafio às necessidades de crescimento do México e do Brasil, um crescimento do ponto de vista de pagarmos a dívida social que nós temos no Brasil e no México, e fazer com que o povo pobre tenha um pouco de ascensão e vire consumidor para comprar os produtos que vocês produzem. Então, vocês têm que enfrentar esse desafio e contribuir para que a gente possa, nessa renovação de acordo, alargar a quantidade de produtos trocados entre Brasil e México. Certamente, o México tem coisas para



vender para o Brasil e, certamente, o Brasil tem coisas para vender para o México. Nós não podemos, neste mundo globalizado, permitir que haja quase que a estatização da relação comercial por determinados grupos privados. Basta que um grupo não tenha interesse em abrir, e não abre.

Nós estamos sendo desafiados a utilizar a nossa inteligência nesses oito primeiros anos do século XXI, para não permitir que daqui a cinco ou seis anos, numa crise mais profunda do mundo, estejamos todos como sempre estivemos, dependendo de uma única economia, de um único país. E aí, crescemos quando o país cresce, e afundamos... Qual é o problema? Quando eles crescem, a gente cresce um pouquinho, quando eles caem um pouquinho, nós caímos um montão. É o inverso: o crescimento é pouquinho e a queda é grande.

Então, eu queria, como presidente deste País, provocar os empresários brasileiros e provocar os empresários mexicanos. Não é justo, não é economicamente correto, não é socialmente justo que as duas maiores economias deste continente, que as duas maiores populações deste continente tenham uma balança comercial de apenas 5 bilhões de dólares, não é justo. Eu penso que nós, governantes, certamente cometemos defeitos, porque a cabeça do governante decide politicamente: “se eu abrir tal setor, a imprensa vai me criticar, o Congresso vai fazer um discurso, então, eu não vou abrir”. Aqui no Brasil, nós aprendemos a pensar diferente. Não há crítica que me faça voltar atrás de uma medida que eu sei que vai beneficiar este País. Se tem uma coisa que eu aprendi na minha vida é não tomar decisões para agradar pessoas. Eu quero tomar decisões para que o resultado dessas decisões seja melhorar a vida do País, a performance do País.

E se vocês acreditarem nisso, vocês têm um papel extremamente importante: contribuir, empresários brasileiros e mexicanos, para que a gente não seja apenas os maiores da América Latina, os maiores em população, mas também os maiores em gente incluída.

Nós estamos encontrando uma fórmula, o México tem muitas experiências bem-sucedidas. É juntar tudo isso, abrir a cabeça dos



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

governantes, minha e de Calderón, abrir a cabeça dos empresários e aproveitar este momento extraordinário que a história nos oferece. Se não fizermos isso, daqui a 10 anos estaremos lamentando o fracasso de negociadores que nós temos.

Muito obrigado.

(\$211A)



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração de agências do Banco Azteca**

Recife-PE, 27 de março de 2008

Não é habitual no Brasil um presidente da República inaugurar uma agência bancária ou uma loja comercial, a não ser que seja banco público. De vez em quando, nós vamos inaugurar coisas do Banco do Brasil ou da Caixa Econômica Federal. Mas quando eu conversei com o Ricardo Salinas, em Brasília, e ele me dizia da vontade que tinha de entrar com o Banco Azteca no Brasil e tentar criar uma nova cultura de bancarização popular e, ao mesmo tempo, contribuir para reduzir as taxas de juros aqui no Brasil para o consumo popular, eu fiquei com entusiasmo. Porque nós não estamos no momento de prescindir de qualquer experiência que possa contribuir para melhorar os serviços que nós prestamos no Brasil e tampouco poderíamos prescindir de uma nova forma de bancarização ou financiamento de produtos eletrodomésticos que pudesse facilitar a vida da gente mais pobre do Brasil.

Bem, pela quantidade de pessoas que eu vi aí na rua, se todo mundo se tornar cliente do Banco Azteca, nós vamos logo, logo superar o Banco Azteca do México.

Tem uma experiência, Ricardo, na Caixa Econômica Federal, porque no Brasil, pobre era proibido de passar perto de banco. Nós, então, resolvemos facilitar a bancarização para os pobres do País e criamos um programa na Caixa Econômica Federal que, em pouco mais de três anos, tinha mais de cinco milhões de novos clientes da Caixa Econômica, pessoas que eram pobres, catadores de papel, que vendiam o seu papel e vinham depositar o seu dinheiro na Caixa Econômica Federal. É uma coisa de muito sucesso. Eu penso que já chegamos quase aos seis milhões de novos clientes da Caixa Econômica Federal. Obviamente que a Caixa Econômica não tem esse tipo de



crédito que tem aqui.

Uma outra coisa no Brasil, Ricardo, era que pobre não podia tomar dinheiro emprestado, nem pobre, nem jubilados. As pessoas que estavam jubiladas não podiam tomar dinheiro emprestado porque ganhavam pouco e não tinham acesso ao banco. Nós criamos o crédito consignado, o crédito com desconto em folha, e isso foi um sucesso extraordinário, porque, em pouco tempo, nós chegamos a quase 50 milhões de reais de empréstimos. E tudo o que um ser humano precisa, quando ele está com necessidade, é ter acesso a alguém que lhe estenda a mão, alguém que lhe empreste dinheiro. Porque mesmo dentro das fábricas, quando um trabalhador termina o seu dinheiro, ele vai pedir para um colega, o colega cobra 50% de ágio, o colega fala: “eu te empresto 50 hoje e você me entrega 100 amanhã”. Acho que vocês já tiveram essas experiências, porque as pessoas tiram proveito do sufoco. Nas indústrias em que eu trabalhei, na década de 70, as pessoas que eram chefes, que tinham mais dinheiro, eu acho que ganhavam muito mais emprestando dinheiro para os trabalhadores subordinados a eles, cobrando o dobro em 50 dias, como se fossem agiotas.

Então, você tendo um sistema bancário, em que as coisas são feitas às claras, à luz do dia, e a pessoa sabe quanto vai poder pagar de juros pelo seu empréstimo, ou quanto vai custar o financiamento de um produto qualquer, eu penso que a coisa fica muito mais transparente.

Uma certeza eu vou te dizer, que vale para o Brasil e vale para o México: o pobre é muito melhor pagador do que os outros, porque o pobre tem como o maior patrimônio dele o seu próprio nome, pobre tem vergonha de dever, pobre não gosta de ser chamado de caloteiro, ele gosta de honrar os seus compromissos. Às vezes, é possível que existam pessoas que não possam pagar, e isso sempre vai acontecer. Mas eu vou te dizer uma coisa: você será surpreendido pelo grau de honestidade e de cumpridores de compromissos que são os pobres deste País.



E como todos nós trabalhamos para que os pobres deixem de ser pobres, para que possam ascender de classe social, eu quero torcer para que a experiência que você está inaugurando hoje, no Brasil, tenha o mais extraordinário sucesso, porque quanto mais sucesso vocês tiverem, mais gente estará pegando crédito e empréstimo aqui. Eu acho que isso é bom.

E acho extraordinário que comecemos com uma pequena experiência, em um bairro muito popular. Você viu a cara das pessoas aqui do bairro, é gente pobre, passam muita dificuldade, e às vezes precisam de R\$ 50,00 emprestado, de R\$ 40,00, em uma emergência, e não tem quem empreste.

Eu, uma vez, Salinas, peguei um ônibus, andei de São Caetano, uma cidade na Grande São Paulo, são 23 quilômetros de ônibus, para pegar R\$ 5,00 para a minha mãe comprar um botijão de gás. Eu não sabia como descer do ônibus, me perdi – aqui no Nordeste, nós dizemos “fiquei areado” –, não sabia onde era a casa do meu tio. Então, eu só tinha uma moeda para pagar o ônibus, não tinha duas, para pagar a volta. E eu me perdi, fui até o ponto final do ônibus. Quando eu cheguei ao ponto final do ônibus, o cobrador não queria me deixar voltar, porque eu não tinha mais meia moeda para pagar e eu comecei a chorar dentro do ônibus – eu devia ter 13, 14 anos – eu voltei e a minha mãe ficou decepcionada, porque ela passou o final de semana esperando que eu fosse, na segunda-feira, buscar os R\$ 5,00 e eu não consegui trazer os R\$ 5,00 e ainda gastei a moeda que tinha lá em casa.

Eu estou dizendo isso porque para essa gente brasileira, muitas vezes, R\$ 20,00, R\$ 30,00, R\$ 40,00 que, para uma classe média alta, para um rico, não vale absolutamente nada, esquece até no bolso, vai lavar com o dinheiro no bolso, ele nem se lembra, para um pobre, 50, 40, 70, 100 reais tem um valor excepcional, pode levar comida para a casa de uma pessoa durante 15 dias ou 20 dias.

Então, eu só posso desejar sorte para o Banco Azteca, para a Elektra, que já entusiasmou os amarelinhos aqui. E desejar sorte ao nosso prefeito, ao



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**

nosso governador, porque tendo sucesso isso aqui, você vai ter que abrir outras lojas, vai vender mais, mais gente vai comprar, as fábricas vão produzir mais, vão gerar mais empregos, mais compradores, mais financiamento, e é isso que nós queremos para o nosso povo e para o nosso País.

Boa sorte.

(\$211A)



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante a cerimônia de início das obras do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro - Comperj

Itaboraí – RJ, 31 de março de 2008

Meu caro companheiro Sérgio Cabral, governador do estado do Rio de Janeiro,

Minha querida companheira Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meu querido companheiro Edison Lobão, ministro de Minas e Energia e nosso companheiro Márcio Fortes, ministro das Cidades,

Quero cumprimentar o nosso, não menos querido companheiro, Luiz Fernando de Souza, nosso querido Pezão, vice-governador do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o deputado Jorge Picciani, presidente da Assembléia Legislativa do estado do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar dois grandes companheiros nossos no Senado, o senador Marcelo Crivella e o senador Paulo Duque,

Quero cumprimentar os deputados e as deputadas aqui presentes, Alexandre Santos, Carlos Santana, a deputada Cida Diogo, deputado Chico D'Angelo, deputado Edmilson Valentim e o deputado Geraldo Pudim, o deputado Hugo Leal, deputado Luiz Sérgio, deputado Neilton Mulim, a deputada Solange de Almeida, o deputado Sandro Matos,

Quero cumprimentar a nossa companheira Maria Fernanda Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

Quero cumprimentar os deputados estaduais,

Quero cumprimentar os secretários e secretárias do governo Sérgio Cabral,



Quero cumprimentar o nosso companheiro Cosme José Salles, prefeito de Itaboraí,

Quero cumprimentar o companheiro José Sérgio Gabrielli, presidente da Petrobras,

Quero cumprimentar os prefeitos e prefeitas aqui presentes: Waldecy Fraga Machado, de Cachoeira de Macacu; Paulo César Dames, de Casemiro de Abreu; Nelson Costa Melo de Guapimirim; Ricardo José Queiroz da Silva, de Maricá; Godofredo Saturnino da Silva Pinto, de Niterói; José Luiz Alves Antunes, de Rio Bonito; Maria Aparecida, de São Gonçalo; Augusto Tinoco, de Silva Jardim; Carlos Roberto Pereira, de Tanguá;

Quero cumprimentar o nosso companheiro Eduardo Eugênio Gouvêa Vieira, presidente da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro,

Quero cumprimentar o senhor José Lima de Andrade Neto, gerente executivo da Petroquisa, em cujo nome eu saúdo os empresários aqui presentes,

Quero cumprimentar Hélio Seidel, coordenador da Federação Única dos Petroleiros,

Quero cumprimentar nossos queridos amigos da imprensa, e por último, cumprimentar todos vocês do estado do Rio de Janeiro e da região, que vieram a esta manifestação,

Quero cumprimentar a diretoria da Petrobras, eu vi muitos diretores da Petrobras aqui, mas não estão na minha nominata, certamente porque acho que o José Sérgio Gabrielli representa toda a diretoria da Petrobras.

Quero começar fazendo um elogio, reiterando o que fez o Sérgio Cabral, dando os parabéns ao companheiro Minc, secretário responsável pelo Meio Ambiente do estado do Rio de Janeiro.

Quero dizer para vocês que conseguir uma licença ambiental, nos dias de hoje, com uma legislação muito dura e talvez necessária para proteger o meio ambiente do Brasil, conseguir, em menos de um ano... Vocês estão



lembrados que eu vim aqui, do outro lado do terreno, um ano atrás, lançar a pedra fundamental, quando nós colocamos o projeto e os jornais dentro de uma caixa e trancamos a caixa. De lá para cá, começou o processo para que a gente pudesse chegar ao dia de hoje. Para chegar ao dia de hoje era necessário que a gente tivesse licença ambiental e, em seis meses, o companheiro Minc conseguiu entregar ao presidente da Petrobras a licença feita pela sua equipe, dando uma demonstração de que possivelmente não seja só a lei que dificulta. Possivelmente seja a disposição política de priorizar este projeto, que não é um projeto qualquer. O que está acontecendo aqui ajuda a mudar a política industrial do Brasil e eu não tenho conhecimento, em toda a América Latina, de um investimento da magnitude deste que estamos lançando aqui. Eu vou repetir o número: 8,4 bilhões de dólares. É o maior investimento público-privado já feito neste País.

Nós estamos fazendo isso por quê? Porque conquistamos o direito de tomar algumas decisões importantes. Essas coisas não acontecem apenas porque a gente tem vontade política. Quando você decide fazer um empreendimento destes, precisa arrumar parceiros privados para fazer parceria, e foi isso o que a Petrobras fez. Segundo, você precisa contar com a boa vontade do governador local para não criar dificuldades e se colocar à disposição para ajudar o empreendimento a sair. Foi isso o que o nosso querido Sérgio Cabral fez. Muito obrigado, Sérgio, pelo comportamento republicano de fazer as coisas acontecerem. Depois, você precisa ter um conjunto de prefeitos que também não queiram criar caso e queiram que a obra aconteça. Muitas vezes, uma secretaria ambiental da cidade pode entrar com um processo, e uma obra como esta pode ficar um ano, dois, três anos paralisada e as coisas não acontecem.

Então, nesta obra, em um ano, entre a gente decidir fazer aqui, e o dia de hoje, em que fizemos a máquina funcionar... A partir de agora, vocês vão ver muitas máquinas trabalhando aqui. Nós tivemos a colaboração dos



prefeitos, do Governador, do Secretariado e, certamente, do povo da região, que está almejando por este investimento.

Mais importante ainda é a gente fazer uma retrospectiva do que aconteceu nesses últimos quatro anos aqui no Rio de Janeiro. Primeiro, a indústria naval do Rio de Janeiro foi, finalmente, recuperada. Os estaleiros estão funcionando, as plataformas estão sendo feitas aqui, grandes navios estão sendo feitos aqui, e uma indústria que já foi a segunda indústria naval do mundo, após ter desaparecido, volta a se transformar numa grande indústria naval. Também aqui no Rio de Janeiro, nós estamos... Eu visitei com o Governador, há pouco mais de 30 dias, a grande siderúrgica do Atlântico Sul, chamada ThyssenKrupp, que é uma siderúrgica extraordinária que está sendo feita aqui no Rio de Janeiro, e eu penso que no ano que vem já deve começar a produzir.

E agora, este Pólo aqui. Mas, este Pólo vai ser integrado pelo Arco Rodoviário, que é uma obra pensada, (inaudível), falada e que nunca o ovo deixava o pintinho sair. Parecia um ovo choco. Finalmente, daqui a mais ou menos 10 ou 15 dias... No dia 2 de abril serão abertas as papeletas e vamos, então, começar o processo de licitação e contratação da obra, para que a gente transforme o Rio de Janeiro num estado mais próspero, mais exportador, mais produtor e mais importador também. E eu faço isso no Rio de Janeiro, com um carinho muito especial. Eu dizia para o Sérgio, durante a campanha: se a gente construir uma parceria sadia entre o governo federal e o governo do estado, vai tirar aquelas manchetes dos jornais em que só aparece desgraça aqui no Rio de Janeiro, aquelas manchetes em que só aparecem coisas negativas. Não é possível a quantidade de coisas negativas que aparecem todo santo dia, como se não estivesse acontecendo nada de importante neste País. É uma coisa indescritível.

Às vezes, Sérgio, eu me levanto e fico pensando que o Rio merecia mais respeito, mais carinho. É verdade que tem bandido, como tem em qualquer



outro lugar; é verdade que tem crime, como tem em qualquer outro lugar. Agora, a verdade é que 99% do povo do Rio só quer trabalhar, cuidar da sua família e viver com dignidade. O que nós estamos fazendo aqui é possibilitar que o Rio de Janeiro, que já teve um papel muito importante quando a Presidência da República era aqui... Depois, o Rio perdeu muitos investimentos, que foram para outro lugar. Agora, começam a voltar os investimentos para o Rio de Janeiro.

Eu estou convencido de que o Rio de Janeiro, depois dessa experiência, depois do Pólo Siderúrgico, depois da indústria naval, vai se transformar, não apenas no mais belo estado turístico do País, mas num grande estado industrial deste País. Agora, para que isso aconteça, não basta a gente vir aqui anunciar dinheiro. Eu queria fazer um apelo aos prefeitos, sobretudo aos que vão entrar a partir de janeiro do ano que vem. Por quê? Porque, Governador, quando a gente lança um projeto dessa magnitude, se não cuidar com carinho da urbanização da cidade, vai despertar a curiosidade de milhares de pessoas, que virão para cá achando que os empregos vão surgir hoje ou amanhã, e esse é um processo que vai demorar cinco anos. Se a gente não cuida com carinho, daqui a pouco uma região como esta está empestada de gente morando em situações totalmente degradadas, em áreas de risco.

Então, eu penso que nós temos que ter o cuidado de fazer um planejamento para o crescimento da cidade, porque quando uma pessoa faz um barraco num terreno, é um barraco e uma pessoa. É fácil a gente ir lá, conversar, arrumar um outro local para colocar essa pessoa. Quando tem duas pessoas também é fácil, a gente vai lá, conversa e tira as pessoas. Agora, quando tem mil pessoas, já vira um problema social que envolve educação, saúde, transporte, polícia. Então, é importante que haja um jogo combinado, para não permitir que aconteça nesta região o que aconteceu em outras regiões do País. É possível evitar. Quando fico me lembrando que onde está agora a Rocinha era uma fazenda, que onde está o Complexo do Alemão era



uma fazenda, fico pensando que os políticos que vieram antes de nós, desde a década de 40, foram irresponsáveis em permitir que as pessoas fossem ocupando, de forma desordenada.

Por isso, é preciso cuidar. Esse é um apelo que eu faço aos prefeitos da região e ao nosso querido Governador: cuidar, para evitar a ocupação desordenada, enquanto é tempo. Se a gente começar, desde o começo, a gente pode cuidar para que as pessoas morem bem, sem precisar que morem à beira de córregos, em encostas de morros, em lugares que, depois, as transformam em vítimas, às vezes, de atitudes impensadas por conta da necessidade de sobrevivência. O mundo, muitas vezes, é ingrato com o pobre. Quando as coisas vão melhorando numa cidade, em vez de o pobre melhorar também, muitas vezes vai sendo afastado. Ele não pode pagar IPTU, não pode pagar aluguel, está sempre correndo por lugares mais degradados. Então, é preciso que a gente cuide com carinho.

Este momento do Brasil é um momento muito especial. Aqui tem muitos empresários, deve ter muita gente importante, e eu queria dizer para vocês que eu acho que o Brasil está vivendo um momento mágico, o Brasil está voltando a ser o que deveria ter sido há 30 ou 40 anos. A economia está crescendo, a renda da população está crescendo. Todas as pesquisas demonstram que as pessoas da classe D e E estão evoluindo para a classe C. As pesquisas demonstram que entraram 12 milhões de pessoas na classe C, a chamada classe média baixa; as pesquisas mostram que nós estamos com a economia crescendo há 24 trimestres consecutivos, o consumo está crescendo há 16 trimestres consecutivos, está tudo dando certo, está tudo acontecendo. Nós não vamos resolver isso de uma hora para outra, porque o descaso social é uma concentração acumulada de 100 anos de descaso e a gente não conserta a desgraça de 100 anos em quatro anos ou em cinco anos. Nós estamos começando um processo e esse processo acompanha investimento na educação.



Aqui no estado do Rio de Janeiro, não adianta nada a gente fazer um investimento desses, se junto com esse investimento não vier investimento em educação. É por isso que no Rio de Janeiro, além das universidades existentes, que todo mundo já conhece, nós estamos fazendo cinco extensões universitárias. É a Universidade Federal de Volta Redonda, de Nova Friburgo, de Rio das Ostras, a Universidade de Nova Iguaçu e de Três Rios. Escolas técnicas, são seis expansões e mais sete novas. As sete novas serão: Angra dos Reis, Cabo Frio, Itaperuna, Petrópolis, Volta Redonda, Duque de Caxias e Nova Friburgo. A expansão foi para Paracambi, Realengo, Nova Iguaçu, Maria da Graça, Guarus e São Gonçalo, que também vai ter a nossa escola técnica.

Por que isso? Porque na hora em que **(falha na transmissão)** então, nós precisamos investir em meninas e meninos, jovens, homens e mulheres. É isso que a Petrobras está fazendo para que, ao mesmo tempo em que a fábrica vai se instalando, a gente tenha uma mão-de-obra altamente qualificada para atender as necessidades da empresa. Tudo isso combinado com o maior investimento que nós estamos fazendo para recuperar a degradação dos bairros do Rio de Janeiro.

O Sérgio Cabral disse bem. Daqui a pouco nós vamos a Caxias. Nós vamos juntar todas as cidades da Baixada Fluminense e vamos apenas anunciar um investimento da ordem de 572 milhões de reais, para resolver o problema de saneamento básico na Baixada Fluminense. Mas uma das coisas, Sérgio, que mais vai me emocionar hoje é que finalmente nós estamos colocando 129 milhões de reais para acabar com o lixão de Caxias. É uma vergonha um país ter pessoas disputando comida com urubu, pegando comida podre. Finalmente a gente vai investir 129 milhões ali, para ver se a gente consegue transformar aquilo que é um lixão, hoje, em uma coisa digna para as pessoas do Rio de Janeiro sobreviverem.

Por último, meus companheiros, eu quero dizer mais uma coisa a vocês e ao companheiro Sérgio Cabral. Se nós tivéssemos tido a possibilidade de,



nos primeiros quatro anos do meu governo, trabalhar com a harmonia que nós trabalhamos hoje, certamente o Rio já estaria muito mais avançado. A verdade é que quando um não quer as coisas não acontecem, porque se as pessoas dificultam, a gente vai tendo muito mais problemas para instalar uma obra. Agora nós não temos problemas de relacionamento. Posso dizer para vocês, e quero dar os parabéns, de público, ao trabalho que o Sérgio Cabral, o Pezão e o seu secretariado têm feito aqui, para colaborar com os projetos que o governo federal apresenta para o Rio de Janeiro. O resultado disso é o que nós estamos vendo aqui, e não tem mais volta.

O Rio de Janeiro também se descobriu outra vez e é importante que as pessoas acreditem nisso, ajudem a fazer com que isso dê certo, porque ao mesmo tempo em que a gente vê as coisas andando, a gente percebe que tem gente que fica incomodada com as coisas dando certo. Tem gente que trabalha o tempo inteiro para ver as coisas não acontecerem. É uma coisa inacreditável que, no Brasil, um político que não goste do outro trabalhe para o outro errar. Se ele trabalha para o outro errar, o prejuízo fica com a população.

Então, companheiros e companheiras, eu quero dizer aos prefeitos, aos deputados, vereadores, secretários e ao povo do Rio de Janeiro: não percamos esta oportunidade. O momento que nós estamos vivendo é um momento singular neste País. Eu só vivi isso no comecinho dos anos 70, quando a gente tinha oportunidade de ter emprego. Naquele tempo, a gente tinha um crescimento econômico extraordinário, mas tinha um regime político muito duro, porque era o governo Médici e era um tempo em que na política havia mais restrição. Hoje nós estamos em um momento bom para a economia, e em um momento político de liberdade total, como jamais estivemos neste País. Se nós soubermos aproveitar isso, nós poderemos transformar o Brasil, nos próximos anos, em uma das principais economias do mundo. Eu vou dormir todos os dias e me levanto todos os dias pensando nisso.

É desse jeito que eu quero chegar em 2010, voltar ao Rio de Janeiro e



ver o que o governante do estado e eu fomos capazes de produzir aqui no Rio de Janeiro. Eu tenho certeza de que isso vai produzir uma coisa extraordinária, porque todo sonho – acho que meu, do Sérgio e dos prefeitos – é saber que as pessoas se levantam de manhã, vão trabalhar com muita segurança, voltam à tarde e trazem para casa, no final do mês, o dinheirinho com o qual vão comprar o pão para alimentar os seus filhos e a sua esposa. É este País que nós queremos e é este País que nós vamos construir.

Parabéns, Sérgio Cabral. Parabéns, Petrobras. Parabéns aos empresários privados que estão com a Petrobras, e parabéns ao povo do Rio de Janeiro e desta região.

Um abraço e boa sorte.

(\$211A)